

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
Escola de Educação Física

KARATE *BUDŌ*:
Os Valores no Caminho das Mãos para o Vazio

Brandel José Pacheco Lopes Filho

Porto Alegre,
2013

Brandel José Pacheco Lopes Filho

KARATE *BUDŌ*:
Os Valores no Caminho das Mãos para o Vazio

Monografia desenvolvida pelo acadêmico Brandel José Pacheco Lopes Filho como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro

Porto Alegre,
2013

Os homens devem moldar seu Caminho. A partir do momento em que você vir o Caminho
em tudo o que fizer, você se tornará o Caminho.

Miyamoto Musashi

Mestre da Arte da Espada - Autor de Gorin no Sho (O Livro dos Cinco Anéis)

AGRADECIMENTOS

O Caminho percorrido ao longo desses quatro anos de graduação incluiu momentos de alegria e decepção; realizações e angústias; dúvidas e muitas conquistas. Sendo assim, considero a seção *agradecimentos* a parte mais importante de meu Trabalho de Conclusão de Curso, pois tudo isso só foi possível através das pessoas que me cercaram. Assim, as próximas páginas são dedicadas a agradecer àqueles que me acompanharam nessa jornada, oferecendo diferentes tipos de apoio e acreditando em meu poder de realização.

Primeiramente à Camila, minha eterna companheira. Sem seu amor, apoio, confiança e a crença de que podemos nos reinventar a cada dia, eu não seria o Homem que sou hoje. A conclusão dessa etapa em minha vida é dedicada inteiramente a você.

Ao meu irmão de criação Lucas, por sua amizade e amor incondicional, que mesmo à distância estão sempre presentes. Uma vida inteira não seria o bastante para compreender o laço que nos une.

Aos meus pais, Brandel e Rosaura, por uma educação pautada em valores, repleta de amor, cujo exemplo e honestidade foram fundamentais para minha formação de caráter. Vocês sempre ofereceram as ferramentas certas para despertar e estimular a criatividade que toda a criança merece.

Às minhas irmãs, Maria Carolina e Maria de Lourdes, por todas as alegrias e felicidades que apenas o convívio com irmãs consegue oferecer. Sem vocês minha vida teria menos brilho.

Ao amigo e grande *karateka* Tiago Frosi, por toda a amizade e dedicação que auxiliaram a traçar meu Caminho. Tenha certeza que seu trabalho em busca da Inteiraza do Ser mudou minha percepção de mundo e é um dos mais belos que tive o prazer de vivenciar.

Ao meu orientador, Professor Dr. Alberto de Oliveira Monteiro, que Caminhou lado a lado comigo por quase toda a graduação, tornando-se um de meus amigos mais queridos. Sem nossas conversas esse trabalho não teria sido possível.

Aos professores da ESEF-UFRGS, Janice Mazo, Carlos Balbinotti, Cláudia Lima e Ana Maria Nappi, pelas oportunidades que me ofereceram em aula ou em grupos de pesquisa. Elas foram fundamentais para traçar um Caminho em minha graduação. O que aprendi com vocês ficará para toda a vida.

Aos amigos e colegas do Programa de Educação Tutorial, pelos momentos de alegria, aprendizado, conflito e reflexão.

À Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um local repleto de oportunidades àqueles que não têm medo do esforço.

Ao amigo e *Sensei* Décio Tatizana, que me aceitou como seu discípulo e me apresentou ao Caminho que percorro até hoje. Poucas pessoas encontraram tantas barreiras e se mantiveram firmes como você. Sua vida é um exemplo que sempre seguirei.

Aos professores, colegas e amigos de *Karate-Dō*, que percorrem esse Caminho ao meu lado. Independente de estilo ou escola, todos fazemos parte de uma grande família e cada um de vocês deixou sua marca em mim.

Aos meus alunos de *Karate-Dō*, que confiaram seu aprendizado nessa Arte à minha pessoa. Não tenham dúvidas de que, todos os dias, eu aprendo mais com vocês do que vocês comigo.

Aos Pais, Amigos e Irmãos do movimento Guardiães do Amanhã, na figura do Professor Dr. Mauro Pozzatti. Foi Caminhando junto de vocês que me tornei o Homem e o Guerreiro que sou hoje.

A Ricardo, Eduardo, Helinton e Marcelo, da agência Nitro + Ilimitada, pelos momentos de trabalho, alegria e criatividade. Sem o apoio de vocês e nossa história juntos minha graduação não teria ocorrido da mesma forma.

Aos amigos de longa data, Daniel e Adriano, por terem me propiciado uma infância, uma adolescência e uma vida adulta cheia de risos e amizade. Esses momentos, com certeza, estão presentes neste trabalho.

A Alaíde e Adelson, por me proverem o repouso e o apoio necessários para meu ingresso na UFRGS, sem o qual esse trabalho não existiria.

A todos os *karateka* que gentilmente participaram deste estudo. Sem vocês meu trabalho não teria chegado tão longe.

RESUMO

O *Karate-Dō* é uma disciplina de desenvolvimento pessoal através de práticas de luta, originada em Okinawa, sendo hoje considerado um dos diversos *Budō* japoneses. Desenvolvido a partir de um processo no qual recebeu influência de muitas culturas, se tornou uma disciplina híbrida, multicultural e pluritemática. Nessa perspectiva, o *Karate-Dō* é estudado enquanto *prática cultural*, da qual são construídas representações da cultura guerreira oriental. Seu conjunto de Valores também representa essa pluralidade, pois foi construído a partir dos ideais de inúmeros mestres. Tomando como base o conjunto de valores que compõe essa arte marcial, o objetivo deste trabalho é identificar a importância que os valores do *Karate-Dō*, enquanto um *Budō*, possuem nas suas aulas. O presente estudo se justifica por investigar a educação em valores na área das artes marciais, buscando identificar quais são os valores transmitidos e assumidos por professores e alunos. Este estudo caracteriza-se como descritivo interpretativo e, para sua realização, foram entrevistados professores e alunos de *Karate-Dō* do município de Porto Alegre, optando-se pelo uso da entrevista de tipo semi-estruturada. As respostas foram submetidas à Análise de Conteúdo.

PALAVRAS CHAVE: Karate; Valores Humanos; Cultura.

ABSTRACT

Karate-Dō is a discipline of personal development through practices of struggle, originated in Okinawa and is today considered one of several Japanese Budō. Developed through a process in which was influenced by many cultures, became a hybrid and multicultural discipline. In this perspective, Karate is studied as a cultural practice, which are constructed representations of oriental warrior culture. Your set of values also represent this plurality, because it was built on the ideals of many teachers. Based on the set of values that makes this martial art, the goal of this work is to identify the importance of the values of karate, while a Budō, in their classrooms. The present study is warranted to investigate values education in the martial arts area, trying to identify what values are transmitted and assumed by teachers and students. This study characterized as descriptive and interpretive. For its realization, we interviewed teachers and students of Karate-Do in Porto Alegre, opting for the use of the interview semi-structured. The responses were subjected to content analysis.

KEYWORDS: Karate; Human Values; Culture.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	Objetivo geral	12
2.2	Objetivos específicos	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1	Origens	13
3.2	Karate-Dō Esportivo	17
3.3	Budō e Karate-Dō	18
3.4	Os Estilos de Karate-Dō	22
3.4.1	<i>Gōjū-ryū</i>	23
3.4.2	<i>Shitō-ryū</i>	24
3.4.3	<i>Shōtōkan-ryū</i>	26
3.4.4	<i>Wadō-ryū</i>	29
3.5	Os Valores no Karate	32
3.5.1	<i>Dōjōkun</i>	32
3.5.2	<i>Nijūkun</i>	36
3.5.3	Os Três Pilares	44
3.5.4	<i>Reigi</i> , a Etiqueta no <i>Karate-dō</i>	45
3.5.5	Práticas Meditativas	49
3.6	Educação e Budō	51
3.7	O Pensamento Oriental e a Educação em Valores	53
4	MÉTODO	56
4.1	Tipo de estudo	56
4.2	Coleta de Dados	56
4.3	Grupo Estudado	57
4.4	Construção das entrevistas	57
4.5	Aplicação das Entrevistas	58
4.6	Procedimento Analítico	58
4.6.1	Técnicas de investigação	58
4.6.2	Sistema categorial: as categorias <i>a priori</i> e <i>a posteriori</i>	59
5	GRADE DE ANÁLISE DE CONTEÚDO	60
5.1	Categoria 1: Educação	60
5.2	Categoria 2: Valores	67

5.3 Categoria 3: Educação em Valores	74
6 DISCUSSÃO - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	79
6.1 Categoria 1: Educação	79
6.2 Categoria 2: Valores	82
6.3 Categoria 3: Educação em Valores	87
7 DISCUTINDO SOBRE VALORES	89
8 SER UM KARATEKA	91
9 UM CAMINHO DAS MÃOS PARA O VAZIO	92
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	105
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	106
Anexo 2 - Declaração do Entrevistado	107
Anexo 3 - Roteiro de Entrevistas	108

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As práticas esportivas são permeadas por valores, muitas vezes sendo eles definidos por seus criadores/idealizadores e constantemente desenvolvidos através de um processo de construção e apropriação cultural por parte do público e de seus praticantes. O mesmo pode ser identificado com as artes marciais, idealizadas em sua origem como uma forma de sobrevivência e mais tarde repensadas enquanto práticas para desenvolvimento pessoal e esportivo no mundo moderno e na atualidade.

Sob um olhar rápido, entende-se que os alunos, através dessas práticas, podem adquirir maior conhecimento sobre o próprio corpo e de suas capacidades físicas. Ao aprofundarmos esse olhar, identificamos que as artes marciais são constituídas por diversos valores morais e de desenvolvimento humano, contribuindo assim, não apenas para a formação biológica, motora e cognitiva, mas para sua formação enquanto cidadão ético e responsável.

As artes marciais japonesas são regidas sob um código de conduta estruturado e restrito, sendo configuradas como *Budō*¹. Trata-se de uma escala de valores estabelecidas por seus idealizadores e conduzidas atualmente pela *Dai Nippon Butokukai*², instituição responsável por reger o *Budō*³ no território japonês. Sua filosofia é baseada nos ideais originais de fundadores de *Budō*, como Gichin Funakoshi, Jigoro Kano e Morihei Ueshiba, importantes pensadores japoneses e responsáveis por difundir, respectivamente, o *Karate-dō*⁴ o *Jūdō*⁵ e o *Aikidō*⁶ no mundo (STEVENS, 2005).

O *Karate-Dō* é uma disciplina de desenvolvimento pessoal através de práticas de luta, originada em Okinawa, antigamente a principal ilha do arquipélago de Ryukyu, localizado entre a China e o Japão. Okinawa, atualmente uma prefeitura japonesa, era um reino independente e vassalo da China no século XIV, período em que surgia o *Karate-Dō*

¹ Para a escrita de palavras japonesas, adotou-se a romanização padronizada pelo sistema Hepburn (ヘボン), seguindo as normativas internacionais (ROSS, 2009). Isso se faz necessário para que a tradução e interpretação dos termos estejam em conformidade com as normas de adaptação estrangeira. Muitas das palavras não estarão de acordo com a acentuação e regras ortográficas da Língua Portuguesa, e sim, representando o que seria uma pronúncia da Língua Japonesa.

² [大日本武徳会] – Associação das Virtudes Marciais do Grande Japão.

³ [武道] – Caminho marcial / Caminho da não-violência.

⁴ [空手道] – Caminho das Mãos Vazias / Caminho das Mãos do Vazio.

⁵ [柔道] – Caminho da Flexibilidade / Suavidade.

⁶ [合気道] – Caminho da Energia do Amor Universal.

(NAKAZATO *et al.*, 2005). Nos seus primórdios, essa disciplina chamava-se *Te* (手) (mão, ou mão de Okinawa), e veio a denominar-se *Tōde* (唐手) (em *Uchināguchi*, o idioma de Okinawa) ou *Karate* (唐手) (pronúncia japonesa para a mesma escrita) após os contatos com as artes marciais chinesas, em especial o *Quan Fa* (NAKAZATO *et al.*, 2005).

Desenvolvido a partir de um processo no qual recebeu influência de muitas culturas, em especial da japonesa e chinesa, o *Karate-Dō* se tornou uma disciplina híbrida (SHINJYO *et al.*, 2004), multicultural e pluritemática (CAMPS & CERZO, 2005). Seu conjunto de valores também representa essa pluralidade, pois foi construído a partir dos ideais de inúmeros mestres antigos e modernos. Nessa perspectiva, o *Karate-Dō* é estudado enquanto *prática cultural*, da qual são construídas representações da cultura guerreira oriental.

Tomando como base o conjunto de valores que compõe essa arte marcial, o objetivo deste trabalho é identificar a importância que os valores do *Budō* possuem nas aulas de *Karate-Dō* dos estilos *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan-ryū* e *Wadō-ryū* no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Essa escolha deve-se ao fato desses serem considerados os “Quatro Grandes Estilos”⁷ no Japão (CAMPS & CERZO, 2005). Além disso, são esses quatro os únicos estilos admitidos nas competições esportivas da World Karate Federation (WKF) e federações filiadas, as quais fazem parte do Comitê Olímpico Internacional (COI). Como objetivos específicos pretende-se: (1) identificar os valores desenvolvidos em aula pelos professores de *Karate-Dō*; (2) identificar os valores percebidos pelos alunos de *Karate-Dō*; (3) verificar se há alguma convergência entre os valores desenvolvidos pelos professores de *Karate-Dō* e os valores percebidos por seus alunos.

Como prática corporal e modalidade esportiva, o *Karate-Dō* é um tema rico para pesquisas no campo da Educação Física, pois sua diversidade não está restrita à atividade atlética ou esportiva. Sobre isto, Antonio Espinós Ortueta (*apud* CAMPS & CERZO, 2005, p. 13), presidente da WKF, afirma:

Chego a sentir que a grandeza do Karate como arte marcial e seus profundos significados, que se perdem em tempos imemoriais, tornam muito pequeno o Karate como esporte, mesmo que esta faceta desportiva tenha possibilitado que, hoje, o Karate seja uma disciplina universal, praticada em todos os rincões do planeta [...]

⁷ [大 四 流] – *Dai Yon Ryū*

Ao envolver-se e mesclar-se com culturas diversas e, ao mesmo tempo, com o próprio contexto esportivo, o *Karate-Dō* torna-se um fenômeno pluritemático que se apresenta como um assunto para estudos em quase todas as áreas da ciência. É, também, uma das artes com maior representatividade no mundo, com praticantes estimados em aproximadamente 50 milhões em todo o mundo (CHAMBERS & DUFF, 2008). Como a modalidade encontra-se em constante expansão, faz-se necessário o aumento dos estudos nesta área, nos mais diversos temas científicos.

Muitos poderiam ser os valores investigados, pois são inúmeros os estilos de *Karate-Dō* e os mestres que os desenvolveram. Para a presente pesquisa foram escolhidos os seguintes: (1) valores expressos nas expressões fonéticas '*Karate-Dō*' e '*karateka*', as quais auxiliam na compreensão de sua filosofia; (2) *Dōjōkun*, as normas presentes no local de treino; (3) *Nijūkun*, os vinte preceitos escritos por Gichin Funakoshi; (4) os três pilares do ensino do *Karate-Dō*: *kihon*, *kata* e *kumite*; (5) *Reigi*, a etiqueta presente no *Budō*; e (6) as práticas meditativas envolvidas nessa arte marcial.

O presente estudo se justifica por investigar a educação em valores na área das artes marciais, mais precisamente em aulas de *Karate-Dō*, buscando identificar quais são os valores transmitidos e assumidos pelos seus professores e demais praticantes. Educar não deve ser apenas doutrinar um aluno em habilidades específicas para o campo profissional ou acadêmico (FREIRE, 2004), mas instruí-lo para uma vida equilibrada e responsável. Sob essa ótica, a educação em valores se torna algo de grande prioridade na formação de cidadãos mais capazes e mais responsáveis. O esporte, sendo uma das inúmeras manifestações da cultura humana, neste caso da cultura corporal, é um cenário em que os seus praticantes têm a possibilidade de lidar, expor e trabalhar os mais diversos e importantes valores humanos: ética, respeito, dignidade, responsabilidade, prazer, conhecimento, espiritualidade, entre outros; todos eles presentes, também, no *Karate-Dō*, expressos em seus valores internos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Identificar a importância que os valores intrínsecos ao *Karate-Dō*, enquanto um *Budō*, possuem em aulas dos estilos *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan* e *Wadō-ryū* no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

2.2 Objetivos específicos

1. Identificar quais os valores desenvolvidos em aula pelos professores de *Karate-Dō*;
2. Identificar quais os valores percebidos pelos alunos de *Karate-Dō*;
3. Verificar se há alguma convergência entre os valores desenvolvidos pelos professores de *Karate-Dō* e os valores percebidos por seus alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Origens

Antes de aprofundar o olhar sobre os valores que permeiam o *Karate-dō*, é necessário entender sua história e construção enquanto prática humana. Esse processo de formação foi fundamental para a elaboração de seus valores e ideais.

Atribui-se a origem das artes marciais, de forma geral, à Índia e, posteriormente, à China. Segundo Büll (1988), a prática de lutas teve início na antiga Índia aproximadamente no ano 5000 a.C., com o surgimento da prática corporal e intelectual denominada *Vajramushti*⁸. Através dela se desenvolviam técnicas de combate, práticas de meditação e estudos de literatura, objetivando o desenvolvimento físico, espiritual e a defesa pessoal. Era, inclusive, “ensinada juntamente com as técnicas de meditação [...]” (BÜLL, 1988, p. 23) pelo Buda *Sakyamuni* como forma de passar a vivência dos preceitos budistas a seus discípulos.

Milhares de anos mais tarde, tais práticas seriam introduzidas na China, mais precisamente no mosteiro *Shaolin* em meados do século VI D.C., pelo monge indiano Ta Mo Lao Tse, o *Bodhi Dharma*⁹, (REID & CROUCHER, 2004). Conta-se que eram ensinadas apenas

⁸ Do sânscrito, “Punho Real” ou “Caminho do Rei”.

⁹ [菩提達磨] – *Bodai Daruma*, aquele que sustenta o Universo.

aos alunos que pudessem verdadeiramente entender seu significado, de forma que o conhecimento não caísse em mãos erradas. Essa prática de luta ficou conhecida, então, como o estilo *Shaolin* de *Kenpō* e se difundiu por toda a China, para mais tarde atravessar o oceano e influenciar no surgimento e evolução de outras formas de combate (BÜLL, 1988). Todavia, o processo de construção do *Karate-Dō* é muito mais específico, sendo que tal aspecto pode ter influenciado na formação e evolução de seus valores.

A origem do *Karate-Dō* se constitui em um grande processo multicultural, confundindo-se muitas vezes com lendas e ditos populares que circulam entre seus praticantes, como apontam os estudos de Frosi e Mazo (2011). Como exemplo, algumas dessas histórias nos contam que as técnicas de *Karate-Dō* teriam sido inspiradas em movimentos de animais, outra que os praticantes treinavam nos porões de suas casas e, por isso, seus movimentos são executados com o centro de gravidade corporal mais próximo do chão, entre muitas outras. Há até mesmo uma corrente que indica o *Karate-Dō* como prática originada nas técnicas de *Jūjutsu*, o que não é corroborado pelas fontes históricas conforme nos mostra o estudo de Tan (2004).

O *Karate-Dō* possui sua origem em Okinawa¹⁰, principal ilha da Prefeitura de Okinawa, atualmente constituinte do governo japonês. Tal prefeitura é composta por três arquipélagos: Ilhas Yaeyama¹¹, formadas fundamentalmente por três ilhas, Yonagune, Irimote e Ishigaki; Ilhas Miyako¹², sendo apenas uma das ilhas de nome igual, a mais significativa; e as Ilhas Okinawa¹³, sendo as ilhas mais importantes Kume, Okinawa e Ie. Existem ainda outras ilhas que poderiam ser referidas, mas se tratam de locais inabitados e sem registro de práticas humanas relevantes para esse estudo.

Okinawa era um reino independente e vassalo da China, o Reino de Ryūkyū, em meados do século XIV, período em que surgia o *Karate-Dō* (NAKAZATO *et al.*, 2005). Tal reino foi fundado em 1429 por Sho Hashi, membro de um dos clãs de Okinawa. Sua capital foi estabelecida em Shuri e seguia basicamente o modelo imperial chinês, com a sociedade dividida em diversas castas sociais: nobreza, clero, militares, comerciantes e camponeses (RATTI & WESTBROOK, 2006; FUNAKOSHI, 1999; YAMASHIRO, 1993).

¹⁰ [沖繩] – Corda no mar alto.

¹¹ [八重山諸島] – *Yaeyama-shotō*.

¹² [宮古諸島] – *Miyako-shotō*.

¹³ [(沖繩諸島)] – *Okinawa-shotō*.

Como ocorreu nos inúmeros feudos na história humana, os *Heimin*¹⁴ (termo usado para referenciar os camponeses) se encontravam em uma posição social desprivilegiada. Era comum que tivessem de ofertar a quase totalidade de sua colheita para pagar os tributos exigidos pela nobreza, o que lhes infringia sofrimento através da fome. E, caso não atingissem a cota necessária para o pagamento, sofreriam punição indicada pelo governo para inadimplência, o que se configurava em ter suas moradias incendiadas e suas famílias assassinadas. Além disso, era comum que os *Heimin* perdessem suas colheitas devido aos efeitos do clima, o que não fazia diferença do ponto de vista de seus credores, e acabavam por pagar com quase todo o produto da colheita aos tributos reais exigidos pela aristocracia (RATTI & WESTBROOK, 2006).

Eram os *Peichin*¹⁵, a classe militar guerreira de Okinawa, os responsáveis pela cobrança desses impostos e, em caso de não pagamento, a aplicação de punição legal, dentre outras funções. Eles oprimiam de forma impiedosa os camponeses, não oferecendo alternativas para o pagamento da dívida e abusando das propriedades e famílias, pois os *Heimin* não possuíam direitos perante castas "superiores" (SHINZATO & BUENO, 2007). Devido a tal quadro de opressão, os *Heimin* acabaram criando formas de se exercitar para combater os *Peichin*

Assim, surgiu o que veio a ser denominado como *Te* (ou *Ti*, na pronúncia nativa de Okinawa): um método de combate que se utilizava basicamente de técnicas rudimentares, como agarramentos, empurrões e ataques com as mãos e os pés, além do uso de diversas ferramentas rurais como foices, enxadas, ancinhos e batedores de arroz (SHINZATO & BUENO, 2007; MCCARTHY, 1995). Com o tempo, a prática do *Te* acabou sendo apropriada pelos próprios *Peichin*, que a mesclaram com práticas de luta provenientes da China, dando origem ao *Tōde*¹⁶ (pronúncia de Okinawa – *Karate*, na pronúncia japonesa), que significava literalmente "Mãos Chinesas" (FUNAKOSHI, 1999; YAMASHIRO, 1993).

Mais tarde os próprios *Peichin* apropriaram-se do *Te*, desenvolvendo-o a partir da mescla com artes marciais chinesas, em especial o *Quan Fa*, em intercâmbios com marinheiros e militares provenientes dessa nação (FUNAKOSHI, 1999; YAMASHIRO, 1993). Esses encontros ocorriam durante os *Sapposhi*, visitas diplomáticas que a China fazia para

¹⁴ [平民] – Homem do povo, cidadão, plebeu. / Palavra usada para designar os camponeses.

¹⁵ [親雲上] – Título de nobreza da classe militar guerreira no reino de *Ryūkyū*.

¹⁶ [唐手] – Mãos Chinesas.

supervisionar seus reinos vassallos, as quais possuíam momentos de importantes trocas culturais (OKINAWA, 2009). A arte de combate original veio, então, a denominar-se *Tōde*¹⁷ (em *Uchināguchi* ou *Karate* em japonês), que significava “Mãos Chinesas” (FUNAKOSHI, 1999; YAMASHIRO, 1993). Após o período de revoltas, os guerreiros de Okinawa passaram a estudar o *Tōde*, sendo eles, talvez, os principais responsáveis pelo desenvolvimento dessa arte marcial (SHINZATO & BUENO, 2007).

Em meados deste período, as províncias de Okinawa mais importantes na história do *Karate-Dō* foram Naha, Shuri e Tomari¹⁸, que deram origens às formas presentes na época: *Naha-Te*¹⁹, *Shuri-Te*²⁰ e *Tomari-Te*²¹, respectivamente. Estas se desenvolveram para formar os estilos *Shōrin*, que vem do *Shàolín*²² chinês e trabalha os aspectos mais externos e físicos da arte; e o estilo *Shōrei*²³, originado de práticas chinesas internas (aspectos mentais, espirituais e vitais), tais como *Xíng-yì-qúan*, *Báguà*, *Nèi-gong* e *Tài-jí-qúan*²⁴ (NAKAZATO *et al.*, 2005).

No início do século XX d.C, mais precisamente na década de 1920, Gichin Funakoshi, nativo de Okinawa e praticante de *Tōde/Karate*, realizou diversas visitas diplomáticas ao Japão para demonstrar a arte ao povo e ao próprio Imperador. Durante essas viagens, estabeleceu contato com outros mestres de artes marciais, como Jigoro Kano e Morihei Ueshiba, criadores do *Jūdō* e do *Aikidō*, respectivamente, os quais acabaram por influenciar sua visão sobre a forma como deveria trabalhar o *Tōde/Karate* em solo japonês. Por fim, Funakoshi introduziu a disciplina no Japão continental, alterando seu nome, seus objetivos e sua metodologia de ensino, considerando também aspectos históricos e culturais da sociedade japonesa no período. O que era conhecido como *Tōde/Karate* [唐手], com o significado “Mãos Chinesas”, teve sua forma de escrita alterada (trocou-se o primeiro *kanji*²⁵ 唐 por 空) e passou a ser chamado de *Karate-Dō* [空手道] (STEVENS, 2005), ou seja, “Caminhos das Mãos Vazias” ou, como sugerido por Frosi (2012), “Caminho das Mãos do Vazio”.

¹⁷[唐手] – Mãos Chinesas.

¹⁸[那覇], [首里], [泊] – Naha, Shuri e Tomari, respectivamente.

¹⁹[那覇手] – Mão de Naha.

²⁰[首里手] - Mão de Shuri.

²¹[泊手] – Mão de Tomari.

²²[少林] – *Shōrin* ou *Shàolín*.

²³[少靈] – *Shōrei*.

²⁴*Xíng-yì-qúan* [形意拳], *Báguà* [八卦], *Nèi-gong* [內功] e *Tài-jí-qúan* [太極拳].

²⁵[漢字] – Ideogramas utilizados na escrita japonesa e chinesa.

3.2 Karate-Dō Esportivo

Originalmente criado como uma forma de combate e sobrevivência, o *Karate-Dō* não tinha a finalidade de ser uma prática esportiva. As sementes que possibilitaram a manifestação do *Karate-Dō* Esportivo foram plantadas pelos esforços dos mestres Gichin Funakoshi (estilo *Shōtōkan*), Kenwa Mabuni (estilo *Shitō-ryū*), Chōjun Miyagi (estilo *Gōjū-ryū*) e Hironori Ōtsuka (estilo *Wadō-ryū*), que levaram essa arte marcial para o Japão e, posteriormente, seus alunos o difundiram pelo mundo. A primeira manifestação esportiva de *Karate-Dō* foi algo muito significativo, conforme consta a seguir:

[...] devido aos esforços dos entusiastas mais jovens, o Primeiro Campeonato de Karate-Do de Todo Japão foi realizado em outubro de 1957. Ele foi promovido pela Associação Japonesa de Karate e, no mês seguinte, a Federação de Estudantes de Karate de Todo o Japão promoveu um campeonato diante de milhares de pessoas. Além de serem eventos memoráveis, esses dois campeonatos despertaram um interesse maior ainda pela arte em todo o país.

(NAKAYAMA, 2000a, p. 132)

Apesar do surgimento do *Karate-Dō* na forma de esporte em muitos aspectos, algumas escolas ainda preferem permanecer sem competições que visam à premiação. Outras acabaram por se filiar a federações esportivas, como a WKF ou a World Union of Karate-Dō Federations (WUKF). Inclusive, o *Karate-Dō* é uma modalidade esportiva reconhecida pelo COI, com mais de 10 milhões de praticantes federados, uma das maiores representatividades a nível mundial. Entretanto, esse número não representa nem a metade do valor real de praticantes no mundo, estimados em aproximadamente 50 milhões em todo globo (CHAMBERS & DUFF, 2008). O *Karate-Dō* projeta-se como esporte de massa em muitos países, sendo candidato participante da última votação que elegeu novas modalidades a serem incluídas no programa dos Jogos Olímpicos e da próxima, para 2020 (WKF, 2008; 2012).

3.3 Budō e Karate-Dō

Muitas das práticas de luta existentes no mundo esportivo possuem um sólido registro histórico cultural, dentre elas, o que designamos genericamente de artes marciais japonesas. Algumas de suas manifestações, como o *Karate-dō*, o *Jūdō* e o *Aikidō* são fundamentadas em fortes preceitos éticos, morais, sociais e filosóficos, os quais guiam suas práticas, sendo então consideradas formas de *Budō*, ou mais precisamente *Gendai Budō*²⁶. Essas e outras artes marciais fazem parte da *Dai Nippon Butoku-kai*²⁷, órgão que rege a maior parte das práticas marciais japonesas, norteando sua filosofia enquanto instituição (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007).

O *Budō* foi moldado durante o desenvolvimento da sociedade japonesa, sendo ele o termo que nomeia as artes marciais japonesas que possuem um mesmo sentido norteador; um conjunto de princípios e valores que conduz os guerreiros nipônicos. O emprego da palavra *Budō* é observado desde o século XIII, ainda que seu uso fosse raro e seu significado para a época ambíguo, estando relacionado ao *Bushidō*²⁸ (FIGUEIREDO, 2006). Esses princípios eram tidos como referências para os *Bushi*²⁹ e foram difundidos mundialmente na figura do *Samurai*³⁰, permanecendo ainda hoje como um forte modelo para os praticantes de artes marciais (STEVENS, 2001).

Dentro dessa busca de sentido, um exemplo muito recorrente que é dado para a interpretação do sentido do *Budō* é o uso da simbologia da ‘pena e espada’ como faces de uma mesma moeda, representando uma base perene para a educação moral. Segundo Taketora e Teshin (2009):

Nakae Toju, um estudioso do Confucionismo do começo do século XVII, no Japão, a ‘pena’ representa o meio pela qual as pessoas regem sua conduta, de forma pacífica, e através da qual cultivam e nutrem cinco principais virtudes: benevolência, dever, lealdade, piedade filial e amor. Já a ‘espada’, por outro lado, é o meio pelo qual as pessoas defendem e restauram essas virtudes quando estiverem em desequilíbrio ou quando for julgado necessário, sendo, portanto um elemento necessário para manter uma sociedade pacífica.

²⁶ [現代 武道] – Caminho Marcial da Era Moderna.

²⁷ [大日本武徳会] - Associação das Virtudes Marciais do Grande Japão

²⁸ [武士道] – Caminho do Guerreiro, código moral de conduta dos samurais.

²⁹ [武士] – Classe Guerreira.

³⁰ [侍] – Aquele que serve.

Para a compreensão do que é o *Budō*, primeiramente devemos analisar o significado da palavra. Segundo definição da *Dai Nippon Butoku-kai* o caractere chinês *Bu* [武], cujo significado é “Marcial”, é composto por dois subcaracteres: 止 e 戈 os quais significam “parar as lanças” ou “parar a violência/beligerância agressiva”. As *Butoku*³¹ enfatizam um axioma fundamental para atingir os nobres objetivos de uma sociedade pacífica e harmoniosa. Dessa forma, *a pena e a espada* representam fundamentalmente os mesmos ideais filosóficos, estando em dependência direta e constante um do outro (TAKETORA & TESHIN, 2009; FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005). Já o caractere *Dō* [道], que significa “A Via” ou “O Caminho”, passou a ser usado no Período Meiji³² em substituição ao termo *Jutsu*³³, o qual era referido apenas à técnica de luta, a parte prática do combate. Após essa substituição do *Jutsu* pelo *Dō*, um sentido filosófico mais amplo foi então trazido para as artes marciais, conforme Goulart (2009) explica:

Denota “Modo de vida”, aquele “orgulho pessoal e espírito nacional”. De uma forma bem simples, o *Dō* [道] quer dizer que agora, as Artes Marciais Japonesas preparam as pessoas para todos os aspectos da vida social e não apenas para a guerra.

Além disso, a compreensão do sentido de *Budō* também foi expressa em forma de poesia, conforme demonstrado por Maia (1990 p.209):

Ao se começar a combater é necessário ganhar
Mas o combate não é uma finalidade
A arte guerreira é a arte da paz e a arte da paz
É a mais difícil
É necessário vencer sem lutar
Um verdadeiro guerreiro não é belicoso
Um verdadeiro lutador não é violento
Um verdadeiro vencedor evita o combate
Um verdadeiro chefe [Mestre] é humilde diante de seus homens.

Mesmo que no ‘Caminho’ (*Dō*) das artes marciais a importância de se passar os conhecimentos das técnicas de luta (*Jutsu*) seja um dos pontos fundamentais, a principal busca se dá na edificação do cidadão pacífico, como forma de disciplinar o desenvolvimento integral do cidadão, levando em conta seus aspectos internos (ligados à mente e ao espírito)

³¹ [武徳] – Virtudes Marciais.

³² [明治時代] – *Meiji jidai* / período histórico conhecido como a Restauração Japonesa (1868 – 1912).

³³ [術] – técnica.

e externos (ligados ao corpo). Traduzindo literalmente, *Budō* significaria apenas ‘Caminho Marcial’, mas como são diversos os significados e interpretações acerca do termo, as quais denotam sua profunda filosofia, para uma melhor compreensão, definimos *Budō* como ‘Caminho da Não-Violência’.

É importante salientar a diferença entre os diferentes momentos das artes marciais japonesas e do próprio Japão para definir o *Budō*. No Japão feudal o termo que expressava o Caminho dos guerreiros japoneses era *Bujutsu*³⁴, que representava o pensamento da época em relação à guerra e à sobrevivência: devia-se matar o adversário para não ser morto, assim permanecendo vivo para continuar a contribuir com a sociedade. Tal forma de pensar era pautada diretamente pela honra e necessidade do combate, sendo algumas de suas manifestações o *Bōjutsu*³⁵, *Kenjutsu*³⁶ e o *Iaijutsu*³⁷. Essas técnicas de combate faziam parte do treinamento militar dos *Samurai* para uso na guerra e eram de uso exclusivo da casta guerreira, a qual possuía uma posição social diferenciada (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007).

A partir do século XVII, período do Xogunato Tokugawa³⁸, ocorreu um movimento de estabilização e pacificação do Japão, fazendo com que o *Bujutsu* começasse a perder sua importância como instrumento de guerra e assumisse uma conotação de disciplinas para a formação e a educação dos *Bushi*. Esse significado foi adquirindo cada vez mais força, até ocorrer o período da restauração Meiji, que pôs fim ao Xogunato e a sociedade estratificada. Assim a classe guerreira deixou de existir como tal, levando consigo o que ainda restava dos motivos para a existência das tradicionais técnicas de guerra, perdendo seu propósito original (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007; DRAEGER, 2007a; 1996).

Ainda assim, essas práticas eram consideradas patrimônio da cultura marcial japonesa, necessitando serem mantidas devido a sua importância enquanto prática de um povo. Para isso, foram instauradas mudanças filosóficas para que se conformasse com os novos tempos, alterando assim seus objetivos. O público dessas práticas já não era o mesmo, pois a classe guerreira não mais existia e o povo tinha acesso livre a elas. A guerra também não poderia mais ser seu motivo, pois o avanço das tecnologias bélicas tornou

³⁴ [武術] – Técnica Marcial.

³⁵ [棒術] – Técnica do Bastão.

³⁶ [劍術] – Técnica da Espada.

³⁷ [居合術] – Técnica de desembainhar a espada.

³⁸ [徳川幕府] – *Edo Bakufu* / período japonês de ditadura militar feudal (1603 – 1868).

grande parte de suas técnicas anacrônicas, sem uso perante uma arma de fogo a grandes distâncias, por exemplo (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007).

Foi fundamentado, então, que as novas Artes Marciais possuiriam um caráter formador e educacional, dessa vez não só a uma classe social específica, mas a todos que se dispusessem a praticá-las. A busca pela eficiência letal foi substituída pelo processo de autodesenvolvimento pessoal, social e espiritual, com métodos de treinamento que abrangeriam corpo, mente e espírito. Por isso, várias de suas técnicas foram adaptadas ou eliminadas do ensino das Artes Marciais, pois o objetivo não era mais ferir o adversário, e sim evitar o confronto. As técnicas de combate que uma vez visavam à guerra e à morte, exclusivas de uma classe social privilegiada, transformaram-se em Caminhos educacionais para o aperfeiçoamento humano. Assim surgiu o *Budō* (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007; DRAEGER, 2007b).

No entanto, a situação do *Karate-Dō* enquanto *Budō* é complicada, pois este não é proveniente de uma construção cultural tipicamente japonesa (TAN, 2004). Com a fundação da *Dai Nippon Butoku-kai*, toda arte marcial deveria ser registrada na instituição e seguir suas normas para ser reconhecida como um *Budō*, desde que fosse uma antiga disciplina marcial japonesa, que fazia uso do sufixo *Jutsu* anteriormente. Apesar dos esforços de Funakoshi e outros mestres, que obtiveram êxito em registrar a arte na instituição, o *Karate-Dō* nunca foi uma arte tradicional do Japão, portanto nunca fez uso do termo *Jutsu* em seu nome, não sendo reconhecida como um “verdadeiro” *Budō* (ANDRETTA, 2009; STEVENS, 2005). Cabe lembrar que existem muitos estilos de Karate, e até mesmo de *Te* (nome original da arte), que não seguem a nomenclatura e valores japoneses atuais (SHINJYO *et al.*, 2004; NAKAZATO *et al.*, 2003).

Muitas das Artes Marciais reconhecidas como *Budō* passaram, também, por um processo de esportivização e acabaram introduzidas às competições, ainda como sentido de formação. Dentre elas, podemos citar como expressões mundiais o próprio *Karate-dō*, além do *Jūdō*, e do *Kendō*³⁹. Das modalidades que não passaram por um processo tão visível de esportivização, mas que também estão presentes na forma de herança daquelas disciplinas praticadas pelos *Bushi*, temos o *Kyudō*⁴⁰ e o *Aikidō*.

³⁹ [剣道] – Caminho da Espada.

⁴⁰ [弓道] – Caminho do Arco.

É importante salientar uma diferença que existe entre o Karate de Okinawa (*Te*) e o *Karate-Dō* atual, praticado no Japão. Em Okinawa, o *Te* se tratava de um caminho para o desenvolvimento espiritual, a iluminação e a sobrevivência (SHINJYO *et al.*, 2004; RAMOS, 2001), muito ligado aos princípios taoístas e zen budistas (BLÓISE, 2000). Já o *Karate-Dō* no Japão é uma disciplina que visa formar o caráter do cidadão, construindo um indivíduo útil à sociedade através do autodesenvolvimento social (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005).

3.4 Os Estilos de *Karate-Dō*

Atualmente existem mais de 60 estilos de *Karate-Dō* no mundo inteiro, seja no Japão ou fora dele. Muitos deles surgiram em Okinawa, enquanto outros foram criados em solo japonês, após a inserção dessa arte no país. Ainda existiriam estilos ocidentais, pois após a Segunda Guerra Mundial houve uma ocupação do território japonês pelos Estados Unidos da América, o que colaborou para que o *Karate-Dō* fosse difundido nos outros países. Muitos militares americanos aprenderam a arte e, ao retornar para sua pátria, abriram escolas e estilos próprios, a maioria deles não sendo reconhecidos no Japão (CHAMBERS & DUFF, 2008; SHINJYO *et al.*, 2004).

A escolha de um estilo de *Karate-Dō* a ser praticado por um aluno se reflete em toda sua prática, pois cada um possui suas próprias normas, características técnicas e filosóficas, que complementam os valores universais dessa arte. Muitos alunos e professores, inclusive, optam por externar sua filiação, costurando o emblema de seu estilo ou escola no *dōgi*⁴¹.

Delinear todos os estilos presentes no cenário atual seria uma tarefa quase impossível de se realizar e longe do foco deste trabalho, que terá como objeto de investigação os praticantes e professores dos estilos *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan-ryū* e *Wadō-ryū*. Essa escolha se deve ao fato destes serem considerados os “Quatro Grandes Estilos” no Japão (CAMPS & CEREZO, 2005). Além disso, são esses quatro os únicos estilos admitidos nas competições esportivas da WKF e federações filiadas, as quais fazem parte do COI.

⁴¹ [道着] – vestimenta utilizada para praticar artes marciais no Japão, normalmente branca.

3.4.1 *Gōjū-ryū*

Estilo fundado oficialmente no ano de 1933, por Chōjun Miyagi. Natural da cidade de Naha, em Okinawa, esse mestre nasceu em 25 de abril de 1888, vindo a falecer em Outubro de 1953. A maior parte dos ensinamentos que Miyagi utilizou para construir o estilo *Gōjū-ryū*⁴² foram ensinados a ele por Kanryō Higashionna (também conhecido por Higaonna), mestre fundador do *Naha-Te*, um dos três estilos primordiais de Okinawa. Outro professor, responsável por iniciar Miyagi no *Karate-Dō* foi Ryuko Aragaki, cujas lições se concentravam em desenvolver o físico por meio do treinamento com equipamentos, como pesos de pedra e jarros de barro. Além desses mestres, Miyagi treinou estilos de combate chinês por quatro anos na China, o que aprofundou sua visão na criação do *Gōjū-ryū* (URBAN, 1991; TOGUCHI, 1976).

O estilo é caracterizado pelo uso de técnicas retas aliadas a outras mais suaves e circulares, que visam trabalhar os aspectos sutis do ser humano (mente e espírito), devido à influência direta que o *Naha-Te* exerce sobre ele (HIGAONNA, 1986). Trata-se de uma busca por equilíbrio entre os opostos, no sentido de se complementar (IOGKF, 2011). Isso é refletido no próprio nome, pois *Gō* [剛] significa duro, rígido; *Jū* [柔] é suave, flexível; e *Ryū* [流] pode ser entendido como estilo ou escola. Ou seja, “Estilo/Escola do Rígido e do Flexível (REID & CROUCHER, 2004; MICHAELIS, 2003; 2001; TOGUCHI, 1976).

Tal filosofia é incorporada em um dos símbolos utilizados pelo estilo (figura 1)⁴³, o qual representa o Céu e a Terra, descritos como *kenkon*⁴⁴. O céu é representado na parte arredondada, expressando a suavidade, enquanto a terra é a parte reta, ou seja, a rigidez, harmonizando-se entre si e formando uma unidade na natureza. É importante salientar que o caractere dentro do emblema é o brasão da família Miyagi (IOGKF, 2011). Existe ainda um segundo símbolo, utilizado pela escola *Gōjū-kai*, fundada por Gōgen Yamaguchi, principal aluno de Miyagi. Ele trata de três aspectos, que formariam uma pirâmide: *Zen* [全] (Mente), *Ichi* [一] (Um), *Ken* [拳] (Punho), na qual a mente e o punho (que representa o *Karate-Dō*) são a base para a formação que leva ao topo do Um (URBAN, 1991). A mão fechada tem a

⁴² [剛柔流] – Estilo/Escola do Rígido e do Flexível.

⁴³ Existe mais de um símbolo para o estilo na literatura, sendo adotado para esta pesquisa os dois mais citados nas referências escolhidas.

⁴⁴ [乾坤] – Universo / Céu e Terra.

concepção de firmeza e coesão obtida através desses três aspectos. Isso remete ao clássico ensinamento zen, “*Ichī wa Zen, Zen wa Ichī*”⁴⁵ (“Um é Todo, Todo é Um”), que exprime a ideia de que o desenvolvimento pessoal é diretamente ligado ao desenvolvimento da humanidade, na qual o indivíduo (unidade) representa o Todo (humanidade) e o Todo representa a unidade.



Figura 1: símbolos utilizados no *Gōjū-ryū*: *Okinawa Gōjū-ryū* (esq.) e *Gōjū-kai* (dir.).
Fonte: Urban (1991) e APOGK (2009).

Chōjun Miyagi deixou diversos ensinamentos a seus alunos, dos quais destacamos os seguintes, por resumirem alguns dos princípios presentes no estilo (APOGK, 2009): (1) Os principais segredos do *Karate-Dō Gōjū-ryū* estão escondidos nos *Kata*; (2) O *Karate-Dō Gōjū-ryū* é a expressão no indivíduo da Harmonia do Universo; (3) O Caminho do *Karate-Dō Gōjū-ryū* é buscar o Caminho da Virtude. Esses seriam seus três principais preceitos.

3.4.2 *Shitō-ryū*

Estilo criado em 1932 por Kenwa Mabuni, que sintetizou diversas técnicas e *Kata* dos estilos primordiais *Tomari-Te*, *Shuri-Te* e *Naha-Te*⁴⁶ em um único. Graças a isso, *Shitō-ryū*⁴⁶ é um dos estilos mais extensos de *Karate-Dō*, com o maior repertório de *Kata* dentre todos (mais de 50 ao todo), além das técnicas-base provenientes dos três estilos primordiais. Ainda possui em seu repertório o treinamento de técnicas do *Kobu-Dō* de Okinawa, arte marcial que utiliza as armas originais dos camponeses dessa região (ANDRETTA, 2009).

⁴⁵ [一は全、全は一] – Um é Todo, Todo é Um.

⁴⁶ [糸東流] – Estilo dos Mestres Itosu e Higaonna.

Natural da cidade de Shuri, Mabuni era membro da aristocracia local e descendente de uma famosa família *Shikozu*⁴⁷, ou seja, descendente de *Samurai*. Devido a sua compleição corporal frágil, Mabuni iniciou um treinamento de *Shuri-Te* aos 13 anos de idade, com o lendário Mestre Ankō Itosu. Mais tarde, devido à influência do amigo Chōjun Miyagi, fundador do *Gōjū-ryū*, foi apresentado a Kanryō Higaonna e começou a treinar o estilo *Naha-Te*, aprofundando seus conhecimentos na arte (AGUIAR, 2008; MCCARTHY & MCCARTHY, 1999). Apesar de constituírem essencialmente a mesma arte marcial, ambos os estilos possuíam concepções muito diferentes: o *Te* ensinado por Ankō Itosu compunha-se de técnicas velozes e fortes, com deslocamentos lineares e angulosos; a arte de Higaonna, por sua vez, possuía técnicas com movimentos circulares, exercícios de fortalecimento do corpo, da mente e combates a curta distância (CAMPS & CEREZO, 2005; REID & CROUCHER, 2004). Outros professores importantes na formação de Mabuni foram Chōjun Miyagi, Seishō Aragaki, Tawada Shimboku, Sueyoshi Jino e o chinês Wǔ gān huì (ou Go Genki, como era conhecido em Okinawa) (MCCARTHY & MCCARTHY, 1999).

Somando esforços com Gichin Funakoshi (criador do *Shōtōkan-ryū*), de quem era amigo próximo, e seguindo orientações propostas por Jigorō Kanō (pai do *Jūdō*), começou uma campanha para popularizar o *Karate-Dō* no Japão. Viajou a Tóquio entre os anos 1917 e 1928, fixando residência na cidade de Osaca em 1929 (WSKF, 2009; MCCARTHY & MCCARTHY, 1999). No início sua escola não possuía um nome em particular, pois Mabuni acreditava que não ensinava um estilo próprio, mas os de seus mestres. Entretanto, a *Dai Nippon Butoku-kai* exigiu que se registrasse um nome, o qual ficou estabelecido como *Mabuni-ryū*. Apenas em meados de 1933 o nome foi alterado para *Shitō-ryū*, em homenagem aos seus principais instrutores, Itosu e Higanonna (WSKF, 2009; CAMPS & CEREZO, 2005).

O termo *Shitō-ryū* provém das iniciais dos nomes dos dois principais mestres de Mabuni, Ankō Itosu [安恒糸洲] e Kanryō Higaonna [寬量東恩納]: o ideograma 糸 representa a sílaba "ITO" do nome "Itosu", podendo ser lido como "Shi"; o ideograma 東 representa a sílaba "HIGA" do nome "Higaonna", com pronúncia alternativa de "Tō"; quando lidos dessa forma os caracteres adquirem a pronúncia "Shi"- "Tō". Conforme já descrito anteriormente, o ideograma *ryū* [流] significa "escola" ou "estilo", ou seja, embora sem uma

⁴⁷ [士族] – Família Guerreira

tradução literal, *Shitō-ryū* pode ser interpretado como "Estilo dos Mestres Itosu e Higaonna" (WSKF, 2009).



Figura 2: símbolo utilizado no estilo *Shitō-ryū*
Fonte: WSKF (2009) e Camps, Cerezo (2005).

O símbolo do estilo (figura 2) é o escudo da família Mabuni (CAMPS & CERZO, 2005), emblema que representa a harmonia. As duas metades separadas (semelhantes às portas japonesas feitas de madeira e papel) remetem à idéia de duas pessoas que se encontram frente a frente, unidas na busca pela paz. Sua data de criação é desconhecida, mas acredita-se que existia há muitas gerações antes de ser adotado pelo fundador como parte do estilo (SEIDENKAI, 2011).

3.4.3 *Shōtōkan-ryū*

Estilo desenvolvido por Gichin Funakoshi, considerado o Pai do *Karate-Dō* moderno e um dos grandes difusores da arte no Japão. Funakoshi nasceu em 1868, na província de Shuri, em Okinawa, um período de grandes mudanças no oriente devido à Restauração Meiji promovida pelo Japão. Logo após seu nascimento foi levado para a casa dos avôs maternos, onde foi educado e aprendeu poesia clássica chinesa. Mais tarde, conheceu na escola primária o filho de Yasutsune Asato, especialista de *Te* que o iniciou na arte. Outro mestre importante em seu ensino foi Ankō Itosu. Funakoshi era uma criança de aspecto frágil e doente, tendo sua saúde beneficiada com os muitos anos que passou em treinamento (STEVENS, 2005; FUNAKOSHI, 2000).

Em 1888, tornou-se professor de uma escola primária, onde acabou por realizar demonstrações de *Te*, o que contribuiu para que a arte se tornasse de conhecimento geral em Okinawa e uma prática regular. Em 1921, o então Príncipe Herdeiro Hirohito, aportou na

ilha e assistiu a uma demonstração de *Te* liderada por Funakoshi. No fim do mesmo ano, Funakoshi foi convidado para fazer outra demonstração em Tóquio, que se provou um sucesso, culminando em outros convites para apresentações e no ensino regular da arte em solo japonês (STEVENS, 2005).

Estabelecido no Japão, tornou-se amigo íntimo de Jigorō Kanō, fundador do *Jūdō*, quem o auxiliou de maneira ímpar na difusão do *Karate-Dō* pelo Japão (STEVENS, 2005; FUNAKOSHI, 2000). Foi através dos conselhos de Kanō que Funakoshi adotou o sistema de graduação atual por faixas (*kyū*⁴⁸/*dan*⁴⁹) e o uso do *dōgi* branco, a vestimenta usada nas aulas de *Karate-Dō*, aspectos essenciais para que a arte fosse reconhecida como um *Budō*. Além disso, adaptou o nome da arte de *Tōde* (pronúncia de Okinawa) para *Karate* (pronúncia japonesa), além dos nomes das técnicas e dos *Kata* para o idioma japonês, promovendo uma aceitação melhor da arte no país (NAKAZATO *et al.*, 2005; STEVENS, 2005).

No entanto, uma das diferenças mais marcantes foi a pedagogia desenvolvida por ele, sob a orientação direta de Ankō Itosu. Originalmente, o *Te* era ensinado apenas através dos *Kata*, sendo necessário muito tempo de treinamento em um deles para passar ao próximo. Funakoshi, então, estipulou o que viriam a ser conhecidos como os três pilares essenciais do ensino do *Karate-Dō*: *kihon*⁵⁰, o treino de movimentos fundamentais; *kata*⁵¹, o treino das formas, as quais simulam um combate contra diversos adversários; e o *kumite*⁵², a prática de combate, propriamente dita (NAKAYAMA, 2000a; STEVENS, 2005).

Mestre Funakoshi não denominava, a princípio, seu estilo como *Shōtōkan-ryū*⁵³, apenas afirmava que ensinava *Karate-Dō*, mesmo que a arte seguisse sua visão e entendimento particulares. Fora os membros do comitê nacional de patrocinadores de *Karate*, que em homenagem a ele, confeccionaram uma placa para seu local de treino com o nome *Shōtōkan*, que passou a ser o nome do estilo desde então. "*Shō*" [松] significa pinheiro, enquanto "*Tō*" [涛] é entendido como o som que as árvores fazem quando o vento bate nelas. O caractere "*Kan*" [館] significa edificação, salão, ou até mesmo casa. "*Shōtō*" [松涛] era o pseudônimo que Funakoshi usava para assinar suas poesias quando jovem, pois

⁴⁸ [級] – grau, relacionado às faixas coloridas, antes da preta.

⁴⁹ [段] – grau, relacionado às faixas pretas.

⁵⁰ [基本] – Fundamento.

⁵¹ [形] – Forma.

⁵² [組手] – Luta, Combate.

⁵³ [松涛館流] – Estilo da casa/salão de *Shoto*.

sempre se recolhia em um lugar mais afastado para escrever, onde encontrasse inspiração ouvindo apenas o barulho dos galhos dos pinheiros ao vento. Portanto, apesar de não ser a tradução literal, *Shōtōkan* é entendido como “Casa de *Shōtō*” (FUNAKOSHI, 2000).

O repertório técnico do *Shōtōkan-ryū* é fundamentado principalmente no estilo *Shuri-Te*, cujos movimentos são lineares, explosivos e determinantes. Hoje é um estilo caracterizado por deslocamentos com uso de bases com centros de gravidade muito baixos (NAKAYAMA, 2004; 2000b), mesmo que originalmente Funakoshi não o tenha desenvolvido de tal forma, conforme demonstrado na figura 3.



Figura 3: Funakoshi em base mais alta (esq.) em relação ao ensinado atualmente (dir.).

Fonte: arquivo pessoal do autor.

O símbolo do estilo é representado por um tigre branco dentro de um círculo, ou *Tora no Maki*⁵⁴, originalmente desenhado pelo artista japonês Hoan Kosugi, e utilizado na capa do primeiro livro escrito por Funakoshi, o “*Rentan Goshin Karate Jutsu*”⁵⁵ (FUNAKOSHI, 2000). O tigre parece remeter a elementos da cultura chinesa, pois uma figura similar está presente entre as imagens dos animais guardiães no Taoísmo chinês, os quais foram assimilados na cultura budista japonesa (SCHUMACHER, 1995). Possivelmente, Hoan teria se inspirado em uma escultura de alto-relevo chinesa, referente ao guardião do Oeste (figura 4), que representa o arquétipo do guerreiro (FROSI, 2010). Além disso, Funakoshi mencionava a figura do tigre de outras maneiras: “o verdadeiro *budōka* é aquele cujo olhar

⁵⁴ [虎の巻] – Tigre no círculo.

⁵⁵ [鍊胆護身唐手術] – Técnicas de Karate para autodefesa.

faz um tigre encolher-se de medo e possui um sorriso que conquista até mesmo o coração das crianças”(FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005).



Figura 4: A pintura de Hoan Kosugi (esq.) e o relevo taoísta original (dir.)

Fonte: <http://karatescience.esporteblog.com>

3.4.4 *Wadō-ryū*

Estilo criado pelo mestre japonês Hironori Ōtsuka em 1934, sendo este o único estilo desenvolvido no Japão dentre os quatro utilizados nesta pesquisa. Mescla os ensinamentos de Funakoshi, que foi professor de Ōtsuka, com os conhecimentos que ele já possuía de *Jūjutsu*⁵⁶, uma técnica tradicional de defesa japonesa (CAMPS & CERZO, 2005; BUYO, s/d). Atualmente existem duas variações principais do estilo, conhecidas como *Wadō-ryū*⁵⁷ e *Wadō-kai*⁵⁸, sem diferenças em suas filosofias, apenas na parte técnica e quanto a seus órgãos dirigentes, mas ambos seguindo o modelo proposto por Ōtsuka em sua criação.

Ōtsuka era também um menino com a saúde precária, começando o treinamento em artes marciais com apenas seis anos de idade, através do *Jūjutsu* e partindo depois para o *Kenpō* (IFWKO, 2011; CAMPS & CERZO, 2005). Quando ingressou no treinamento com Funakoshi, em 1922, Ōtsuka já era um mestre de *Shindō Yōshin-ryū Jūjutsu*⁵⁹, sendo reconhecido como o quarto Grande Mestre desse estilo com apenas 30 anos. Com muita dedicação aos treinamentos, logo galgou o grau de mestre em *Karate-Dō*, mas veio a se

⁵⁶ [柔術] – técnica suave.

⁵⁷ [和道流] – Estilo do Caminho da Paz/Harmonia.

⁵⁸ [和道流] – Escola do Caminho da Paz/Harmonia.

⁵⁹ [新道楊心流柔術] – Nova Escola do Salgueiro em Técnica Suave.

separar da escola de Funakoshi por já ter uma visão própria de como a arte marcial deveria evoluir (IFWKO, 2011). Há quem diga que Ōtsuka teria sido expulso do *Dōjō* de Funakoshi por seu filho Yoshitaka (HERRAZ, 1999 *apud* CAMPS & CEREZO, 2005, p. 46), mas não há confirmação de tal fato. Assim surge o *Wadō-ryū*, estilo caracterizado pelo grande uso de técnicas de esquiva, torções e imobilizações. Como característica própria, o estilo possui exercícios de combate realizados em duplas, conhecidos como *Yakusoku Kumite*⁶⁰, criados pelo próprio Ōtsuka para complementar a arte que vislumbrou (BUYO, s/d).

Um dos propósitos de Ōtsuka era a difusão do *Karate-Dō* como uma genuína arte marcial japonesa, conforme ele mesmo relata em texto:

Como *Tōde* se tornou incrivelmente popular depois de 1921, eu comecei a estudar esta arte. Me concentrei em fazer dela uma genuína arte marcial japonesa adotando os méritos dentro do *Jūjutsu Kenpō*⁶¹ e eliminando os seus deméritos. [...] Em 1929 ou 1930, a sociedade japonesa de antigas artes marciais foi estabelecida. Nossa escola participou desse estabelecimento como *Wadō-ryū Karate-Dō*. Este foi o primeiro caso de uma escola de *Karate* tendo seu próprio nome (ŌTSUKA I, s/d.)

Em 1966, Ōtsuka foi condecorado com uma medalha de honra pelo próprio Imperador Japonês por seus esforços na expansão do *Karate-Dō*. Mais tarde, em 1972, recebe da Federação Internacional de Artes Marciais o grau de 10° Dan no *Karate-Dō*, atingindo o mesmo *status* que mestres de outras artes japonesas consagradas, como Kyūzō Mifune no *Jūdō* e Hakudō Nakatama no *Kendō* (OWKRB, 2005; BUYO, s/d).

和天地人之理道
WASURU TEN CHI JIN no RI DO

Figura 5: Poesia de Otsuka escrita nos ideogramas *kanji*.

Fonte: <http://www.wado-ryu.jp/english.html>

O nome *Wadō-ryū* significa, em tradução literal, "Estilo do Caminho da Paz/Harmonia", idéia expressa nos ideais originais de Hironori Ōtsuka, que nos ensina em sua poesia "*Ten Chi Ji no Ri Dō Wasuru*" que o caminho proposto nas artes marciais não deve ser apenas de técnica de luta, mas o caminho da paz e da harmonia. A meta desse estilo é

⁶⁰ [約束組手] – Luta combinada.

⁶¹ [拳法] – lei do punho.

proporcionar esses valores através de uma força de vontade inabalável e um corpo saudável. Tal poesia (figura 5) é interpretada da seguinte forma: O primeiro e o último *kanji* juntos formam o termo “*Wadō*”; O *kanji* “*Ten*” significa céu, paraíso, ar; “*Chi*” é terra, solo, chão; “*Jin*” representa os homens, a humanidade e os seres humanos; “*Ri Dō*” significa caminho da razão, da verdade; e “*Wa*” significa a soma do todo, a paz e harmonia (IFWKO, 2011; OWKRB, 2005).



Figura 6: Representação gráfica da poesia escrita por Ōtsuka (esq.), que deu origem à filosofia e é expressa no símbolo do estilo. No centro o símbolo adotado pela *Wadō-ryū Renmei Internacional*, à direita o usado pela *Japan Karate-Dō Federation of Wadō-kai*.

Fonte: Arquivo pessoal do autor, adaptado de <http://www.wado-ryu.jp/english.html>

Essa poesia procura conectar três conceitos sagrados (céu, terra e seres humanos), apresentados aqui como os princípios/círculos básicos e norteadores da prática. Essas três esferas seriam circundadas por uma maior, a razão, que se combina com os demais naturalmente para formar e ser englobada pela paz e harmonia, manifestada pela combinação do todo (IFWKO, 2011) (figura 6). Essas são definições literais dos *kanji* utilizados, os quais possuem muitas outras interpretações (luz, sol, chuva, colheita dos grãos, desejo, amor, etc.). Podemos observar no próprio símbolo do estilo o uso desses círculos, incorporando graficamente a poesia de Ōtsuka, além do uso de uma pomba estilizada, símbolo universal da Paz.

3.5 Os Valores no Karate

O *Karate-Dō* é permeado por inúmeros valores, alguns expressos na forma de axiomas em textos antigos, outros não tão óbvios, presentes através das práticas diárias de aula ou, até mesmo, dentro dos termos utilizados (todos aspectos essenciais à prática). O próprio nome da arte encerra, em si, a senda de valores presente no treinamento.

Incorporado no começo do século XX d.C às práticas marciais do Japão, o *Karate-Dō* absorveu muito de sua cultura, manifestando isso nas normas adotadas, na maneira correta de se portar em aula (ou fora dela) e, até mesmo, nas vestimentas utilizadas. Inicialmente criada como uma forma de combate cuja meta era a sobrevivência, enquanto *Budō*, essa arte marcial passa a primar pelo desenvolvimento pessoal, na busca de formar cidadãos conscientes, éticos, pacíficos e de valor.

Alguns dos valores escolhidos para esse trabalho são encontrados mais facilmente no dia a dia dos praticantes; outros não são compreendidos facilmente sem um estudo mais profundo. Nos capítulos que se seguem serão apresentados os escolhidos para o estudo.

3.5.1 *Dōjōkun*

Um tópico comum na vida de todo o praticante de artes marciais é o que chamamos de *Dōjōkun*⁶², um conjunto de valores a serem seguidas pelos alunos e professores. É muito comum as artes marciais japonesas possuírem seu próprio *Dōjōkun*, deixados por antigos mestres, sendo também o caso do *Karate-Dō* (GROENEWOLD, 2002). O *Dōjōkun* mais conhecido foi elaborado pelo mestre Nakayama e há, inclusive, relatos de que um primeiro conjunto de valores do *Karate-Dō* teria sido escrito há mais de 200 anos, pelo lendário *peichin* Sakugawa. Esse modelo teria servido para a criação dos *Dōjōkun* atuais (CAMPS & CERESO, 2005), enquanto outros afirmam que seria um próprio *Dōjōkun* (CLAYTON, 2004), mas como não existiam *Dōjō* em Okinawa, tais referências perdem a credibilidade. O *Dōjōkun* do *Karate-Dō* foi baseado nas normas de locais de treino de outras

⁶² [道場訓] – Instruções do local do Caminho.

modalidades, como *Kendō* e *laidō*, estes baseados no *Bushidō* (OBUKAN, 2011; YAMAMOTO, 2009; IBBA, 2004).

Dōjōkun significa literalmente "As instruções do local do Caminho (filosófico)", de acordo com seus ideogramas: *Dō* [道] significa "Caminho, Via" (no sentido filosófico); *Jō* [場], "Local, lugar"; e *Kun* [訓], "Instruções". Os *karateka* já estão acostumados com o termo *Dōjō*, pois sabem o que é e o que significa (refere-se ao local de prática do *Karate-dō*), interpretando a tradução de *Dōjōkun* como "As instruções do *Dōjō*" (GOULART, 2011b).

A bibliografia traduzida para o português aponta principalmente para o *Dōjōkun* utilizado pelo *Shōtōkan-ryū*, apesar de algumas referências na *internet* indicarem a existência de um conjunto de normas para cada estilo ou escola (GOULART, 2011b; OGKK, 2011; BWRKC, 2010), sendo que algumas dessas páginas são de instituições de determinados estilos. Consideramos relevantes tais fontes, pois são os materiais de mais fácil acesso aos praticantes de *Karate-Dō* no mundo todo, levando em conta que a *internet* é de uso universal e existem inúmeras ferramentas de tradução *on-line*.

Os *Dōjōkun* de cada estilo estão demonstrados nas tabelas 1 a 5, bem como nas figuras 7 e 8. As traduções foram realizadas a partir do texto original (em ideogramas japoneses) e tendo como referência o trabalho de Goulart (2011b).

Quadro 1: *Dōjōkun* da escola *Gōjū-kai*, adaptado de Goulart (2011b), Urban (1991, p. 72).

GŌJŪ-KAI	
KANJI	TRADUÇÃO
剛柔会の道場訓	As instruções do <i>Dōjō Gōjūkai</i>
一、剛柔の道を学ぶを以て誇りとすべし。	Importante, ter orgulho por estudar a "Via do <i>Gōjū</i> ".
一、礼儀を正しくすべし。	Importante, ser educado / cortês.
一、質実剛健を旨とすべし。	Importante, esforçar-se para desenvolver a simplicidade e o vigor físico.
一、団結互助の精神を養うべし	Importante, nutrir o espírito de união e convívio (fraternidade).
一、日本古来の伝統たる尚武の気風を尊重すべし。	Importante, respeitar a ética e as tradições guerreiras do antigo Japão.
以上	Isto é tudo!

Quadro 2: *Dōjōkun* da associação Okinawa *Gōjū-ryū* (OGKK, 2011; GOULART, 2011b; OGKKUK, 2010)

OKINAWA GŌJŪ-RYŪ	
KANJI	TRADUÇÃO
沖縄剛柔流空手道協会の道場訓	As instruções do <i>Dōjō</i> da Associação de <i>Gōjū-ryū Karate-Dō</i> de Okinawa.
一、謙虚にして礼儀を重んぜよ	Importante, ser humilde e considerar a cortesia importante.
一、体力に応じて適度に修行せよ	Importante, no treino aplicar a força física de forma moderada.
一、真剣に工夫研究せよ	Importante, pesquisar e treinar de forma séria.
一、沈着平静にして敏捷自在なれ	Importante, use a rapidez à vontade, mas de forma calma e tranqüila.
一、摂生を重んぜよ	Importante, considere a higiene importante.
一、質素な生活をせよ	Importante, viva uma vida modesta (simples).
一、慢心せぬ事	Importante, não seja orgulhoso.
一、撓まず屈せず修行を永続せよ	Importante, continue a prática sem fraquejar ou desistir.

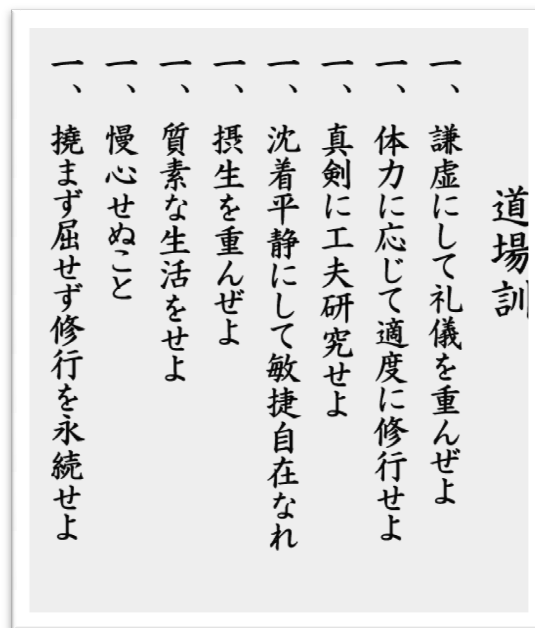


Figura 7: Pintura do *Dōjōkun* da associação Okinawa *Gōjū-ryū*.

Fonte: <http://ogkk.jp/e/dojojun.html>

Quadro 3: *Dōjōkun* do *Shitō-ryū* (ANDRETTA, 2011; GOULART, 2011b)

SHITŌ-RYŪ	
KANJI	TRADUÇÃO
糸東流の道場訓	As instruções do <i>Dōjō Shitō-ryū</i> .
一、初心忘れるなかれ	Importante, não esqueça o espírito de principiante.
一、礼儀怠るなかれ	Importante, não negligencie a etiqueta.
一、努力怠るなかれ	Importante, não negligencie o esforço.
一、常識かけるなかれ	Importante, não perca o senso comum.
一、和乱すなかれ以上	Importante, não perturbe a paz.

Quadro 4: *Dōjōkun* do *Shōtōkan-ryū* (GOULART, 2011b; GROENEWOLD, 2002)

SHŌTŌKAN-RYŪ	
KANJI	TRADUÇÃO
松濤館の道場訓	As instruções do <i>Dōjō Shōtōkan</i>
一、人格完成に努める事。	Importante, esforçar-se para desenvolver o caráter.
一、誠の道を守る事。	Importante, defender o caminho da verdade.
一、努力の精神を養う事。	Importante, nutrir o espírito de esforço.
一、礼儀を重んずる事。	Importante, considerar a etiqueta (boas maneiras) relevante(s).
一、血気の勇を戒むる事。	Importante, evitar o ímpeto violento.

Quadro 5: *Dōjōkun* do *Wadō-ryū* (GOULART, 2011b; BWRKC, 2010).

WADŌ-RYŪ	
KANJI	TRADUÇÃO
和道流の道場訓	As instruções do <i>Dōjō Wadō-ryū</i>
一、礼儀を重んじ	Importante, considerar a cortesia importante.
一、真剣身に徹し	Importante, ser sério em tudo que fizer.
一、心身を鍛え技を錬り	Importante, treine com o corpo e a alma e refine constantemente as técnicas.
一、人格完成に務め	Importante, esforce-se para desenvolver o caráter.
一、和の道を究めよ	Importante, estude (pesquise) o Caminho da paz.

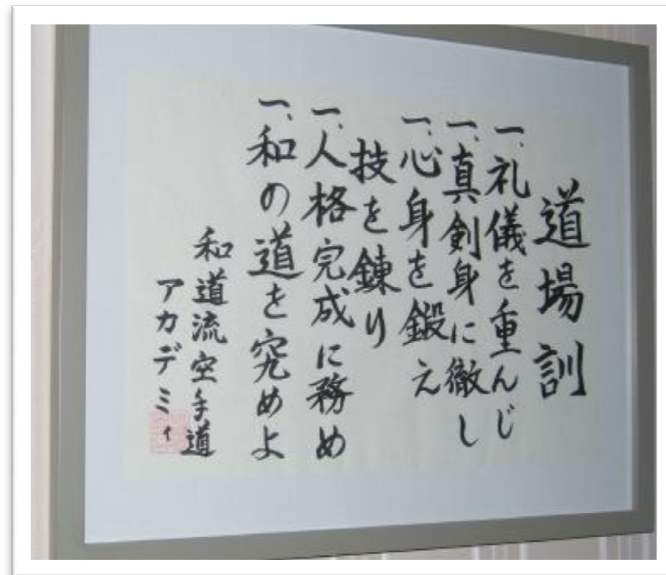


Figura 8: Quadro com o *Dōjōkun* utilizado pelo *Wadō-ryū*.

Fonte: <http://www.bournemouthwadoryu.co.uk/dojo-kun/>

No ocidente, devido à quantidade de publicações no mercado, o *Dōjōkun* mais difundido é o do *Shōtōkan-ryū* (tabela 4). É comum, principalmente nas páginas disponíveis na *internet*, sua tradução simplificada na forma de cinco palavras: “Caráter, Sinceridade,

Esforço, Etiqueta e Controle”. No entanto, isso não é correto, pois tais palavras existem na língua japonesa: *jinkaku* [人格], *seii* [誠意], *doryoku* [努力], *reigi* [礼儀] e *jishuku* [自肅]. A apresentação correta do *Dōjōkun* deve ser feita na forma de frases, pois o resultado se apresenta de forma menos genérica (GOULART, 2011b).

Analisados de forma crítica, alguns dos axiomas presentes não são claros quando interpretados através do pensamento ocidental, prejudicando a compreensão de um “caminho ético” a ser seguido. Por exemplo, qual seria esse *caminho da verdade* (tabela 4)? Para um grupo de oficiais alemães da década de 1940, poderia ser levar o partido nazista ao domínio de toda Europa, mesmo ao custo da escravidão e assassinio de milhares de judeus. Eles seguiam seu próprio “caminho da verdade”, endossado pela lógica da comunidade médica da época, amparada por um partido político e por um governo nacional, mas nem por isso estavam corretos. Aqui entra o papel fundamental do professor de *Karate-Dō* para auxiliar seus alunos na compreensão dos axiomas do *Dōjōkun*, orientando-os em sua compreensão. No entanto, é essencial que o referido professor tenha tal esclarecimento, proporcionado através do estudo e do pensamento crítico.

3.5.2 *Nijūkun*

Os mestres de *Karate-Dō* sempre expuseram nas publicações disponíveis a preocupação com a conduta, muitas vezes sugerindo valores ou preceitos que deveriam ser seguidos. Tal preocupação é justificada pela responsabilidade que o aluno recebe ao ser ensinado a usar o corpo como arma de combate. Gichin Funakoshi, fundador do *Shōtōkan-ryū*, desenvolveu os *Nijūkun*⁶³, vinte princípios básicos que seriam seu legado enquanto código de ética dentro da arte. Esses princípios estão expostos e traduzidos no quadro 6, com base no original japonês (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005).

A idéia proposta na criação desses princípios era de primar pelo desenvolvimento espiritual e mental do *karateka*, não deixando a arte presa aos aspectos técnicos. Para o iniciante, ofereceriam uma conceituação global da arte, enquanto para os maiores estudiosos, uma orientação de reflexão contínua. Seriam através dos aspectos espirituais

⁶³[二十訓] – Vinte preceitos / vinte princípios.

que o *Karate-Dō* se evidenciaria como um Caminho, não apenas uma técnica de combate (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005).

Quadro 6: *Nijūkūn* criados por Gichin Funakoshi. Texto original (esq.) e tradução (dir.). Adaptado de Funakoshi & Nakasone (2005).

NIJŪKUN	
Kanji	Tradução para português
一、空手は礼に初まり礼に終ることを忘るな。	1. Não se esqueça de que o Karate começa e termina com <i>Rei</i> .
二、空手に先手無し。	2. No Karate não existe atitude ofensiva.
三、空手は義の補け。	3. O Karate permanece ao lado da justiça.
四、先づ自己を知れ而して他を知れ。	4. Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros.
五、技術より心術。	5. O pensamento acima da técnica.
六、心は放たん事を要す。	6. A mente deve permanecer livre.
七、禍は懈怠に生ず。	7. O infortúnio resulta de um descuido (negligência).
八、道場のみの空手と思うな。	8. O Karate vai além do <i>Dōjō</i> .
九、空手の修行は一生である。	9. O Karate deve ser cultivado durante toda a vida.
十、凡ゆるものを空手化せ其処に妙味あり。	10. Aplique o que aprende no Karate em todas as coisas. Isso é o que ele tem de belo.
十一、空手は湯の如く絶えず熱を与えざれば元の水に返る。	11. O Karate é como água fervente: sem calor, torna-se água fria.
十二、勝つ考えは持つな、負けぬ考えは必要。	12. Não pense em vencer, pense em não ser vencido.
十三、敵に因って転化せよ。	13. Adapte-se de acordo com o adversário.
十四、戦は虚実の操縦如何にあり。	14. O resultado de uma batalha depende de como encaramos o vazio e o cheio.
十五、人の手足を劔と思え。	15. Considere as mãos e os pés do adversário como espadas.
十六、男子門を出づれば百万の敵あり。	16. Ao sair pelo seu portão você se depara com um milhão de inimigos.
十七、構えは初心者に、あとは自然体。	17. O <i>kamae</i> é para os iniciantes, com o tempo se adota <i>shizentai</i> .
十八、型は正しく、実戦は別もの。	18. Execute o <i>Kata</i> corretamente, luta real é outra questão.
十九、力の強弱、体の伸縮、技の緩急を忘るな。	19. Não se esqueça de imprimir ou subtrair força, de distender e contrair o corpo, de aplicar a técnica com rapidez ou lentamente, dependendo da situação.
二十、常に思念工夫せよ。	20. Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho.

Diferentemente do *Dōjōkūn*, os axiomas presentes no *Nijūkūn* são discutidos em texto pelo próprio autor no livro “Os Princípios Fundamentais do Karate” (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005), ampliando sua compreensão. Muitos desses princípios são baseados em valores originais do *Te* de Okinawa, enquanto outros foram incorporados da própria cultura japonesa, como fizeram diversas outras artes marciais, conforme apresentado no trabalho

de Ruth Benedict (2002). Discutiremos agora cada um deles de forma breve, com base na publicação mencionada.

1) Não se esqueça que o Karate começa e termina com *Rei*.

A tradução de *Rei* é respeito, mas seu significado mais profundo exprime uma atitude de respeito a si mesmo e aos outros, pois quando reconhecemos nosso valor e somos corteses conosco, transferimos esse sentimento ao próximo. No entanto, se o comportamento externo de uma pessoa for correto, e seu interior for oposto, ela não possui o verdadeiro *Rei*, que seria “a expressão exterior de respeito íntimo” (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 6).

Os métodos de combate que não possuem *Rei* tratam apenas de violência desprezível, não sendo verdadeiras artes marciais. A cortesia e o respeito fariam parte das práticas que primam pelo desenvolvimento humano. Isso exprime conceitos profundos da própria tradição japonesa que tratam sobre respeito (BENEDICT, 2002).

2) No Karate não existe atitude ofensiva.

Este axioma trata de um valor que não era presente no *Tōde/Karate* de Okinawa, mas foi incorporado por Funakoshi, com base na cultura *bushi* japonesa (BENEDICT, 2002). Ele exprime que o confronto físico deve ser evitado no intuito de buscar uma solução pacífica, até que não haja outra solução. E, mesmo que seja necessário o uso da violência, deve-se evitar a morte desnecessária do adversário. De acordo com Yasutsune Itosu (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 7):

[...] Tenha como um princípio essencial que evitar um ferimento nos outros com os seus punhos ou pés é a sua maior preocupação. Até mesmo numa situação de emergência deve-se fazer um esforço para evitar um golpe fatal. [...] É fundamental dar tempo ao adversário para que ele reconsidere ou se arrependa das suas ações.

Muitos *karateka* interpretam esse valor como “não dar o primeiro golpe”, mas a meta real é impedir o uso indisciplinado da violência. Caso seja necessário fazer uso dela, os ataques são essenciais para defender sua integridade e a dos outros.

3) O Karate permanece ao lado da justiça.

Este axioma exprime que o *karateka* deve sempre usar o que aprende para o bem, do que é certo, nunca a favor da injustiça. Deve ser responsável por suas ações e se colocar a serviço do que é correto. Omitir-se da ação quando a justiça está em jogo não é uma atitude digna, exprimindo falta de coragem. É um valor muito aliado ao anterior.

4) Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros.

Afirma que o *karateka* deve estudar a si mesmo constantemente, conhecendo seus pontos fortes e fracos, além de aplicar com a mesma seriedade essa avaliação a seus adversários, não se deixando confundir por confiança excessiva ou preconceitos. Tal preceito é fundamentado nos valores expostos por Sun Tzu (2000) em seu texto “A Arte da Guerra”.

5) O pensamento acima da técnica.

Funakoshi trata o tema através de histórias de antigos mestres. Tais contos falam da grande importância que o pensamento possui, acima da técnica, pois o verdadeiro *karateka* é aquele que explora a situação e evita o confronto, ao invés de mergulhar no combate e apenas revidar com golpes ou esquivas.

6) A mente deve permanecer livre.

Ensino baseado na filosofia chinês de Shao Yung: “É essencial perder a mente [para libertá-la]” (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 12). Trata de deixar a mente livre e aberta para ter os pensamentos e as intuições que surgirem, tanto os bons quanto os ruins, libertando-se de preconceitos e tornando-se uma pessoa melhor resolvida. Assim se adquire o que é chamado de *Mushin*⁶⁴ (mente liberta). Importante salientar que é muito diferente deixar a mente vagar por esses pensamentos e aplicá-los de fato à vida, entendimento que surge com o tempo e é aliado aos outros axiomas.

7) O infortúnio resulta de um descuido (negligência).

Trata de como a negligência em nossas tarefas pode colocar tudo a perder. Aqui Funakoshi orienta que se deve ter em mente um pensamento diligente, para evitar que os

⁶⁴ [無心] – Mente liberta

descuidos façam parte de nossa rotina e atrapalhem as realizações. Deve-se estar cauteloso nas ações e nos métodos.

8) O Karate vai além do *Dōjō*.

Axioma que exprime a importância de levar para o mundo exterior o que é aprendido no *Dōjō*, pois o Karate não se resume a técnicas físicas; é todo um universo que abrange a maneira correta de agir, pensar e se portar. O *karateka* deve agir fora do *Dōjō* da mesma maneira que age dentro, e vice-versa, pois os maus hábitos de vida podem prejudicar o treinamento. Deve incorporar o *Karate-Dō* a sua rotina diária, visando sempre “desenvolver e treinar tanto a mente quanto o corpo” (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 14).

9) O Karate deve ser cultivado durante toda a vida.

Entende-se que a prática do *Karate-Dō* não tem fim. Mesmo que aprenda todos os gestos técnicos e *kata*, o *karateka* em constante treinamento desenvolve a percepção de que há sempre novas formas a explorar, que ele desconhece. Assim, há uma busca permanente pela superação interna, sem nunca galgar um degrau superior definitivo, na qual o *karateka* tem a chance de descobrir suas verdadeiras limitações físicas, mentais e sociais, e métodos de superá-las para progredir no Caminho (*Dō*).

10) Aplique o que aprende no Karate em todas as coisas. Isso é o que ele tem de belo.

O axioma exprime que o *karateka* deve agir (em todos os aspectos da vida) sempre como se este fosse seu último ato, como se sua vida dependesse disso. Assim, estará dedicando o máximo de seus esforços em suas tarefas, reconhecendo através do poder da ação a beleza do caminho que segue.

11) O Karate é como água fervente: sem calor, torna-se água fria.

Valor que expressa a importância de se treinar constantemente, não deixando o corpo ou a mente retornarem a um estado inerte. Um provérbio japonês traduz muito bem o significado deste axioma: “Aprender com a prática é como empurrar um carro montanha acima: se você o soltar, ele corre para trás.”.

12) Não pense em vencer, pense em não ser vencido.

Aqui Funakoshi comenta a atitude arrogante que pode vir da prática mal elaborada do *Karate-Dō*. Quem cogita apenas a vitória, ignorando a derrota, está condenado a ser vencido pela própria vaidade, pois se torna um indivíduo prepotente e superestima sua capacidade, com uma aparência dura, sendo na verdade mole internamente. “Um *samurai* com falsa coragem é duro por fora e suave por dentro; a pessoa verdadeiramente corajosa é suave por fora e dura por dentro” (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 18). Deve-se estar sempre em prontidão para as ocasiões, aplicando isso nas diversas facetas da vida.

13) Adapte-se de acordo com o adversário.

14) O resultado de uma batalha depende de como encaramos o vazio e o cheio.

Estes dois princípios tratam da atitude mental em batalha, a qual deve se estender para todos os campos da vida. Com base nas idéias de movimentação guerreira de Sun Tzu (2000), Funakoshi determinou que o *karateka* deve ser como a água: sem forma definida, adaptando-se a qualquer obstáculo e situação, ora se concentrando e acumulando em determinadas situações, ora sendo raso como uma poça. Assim, evita-se a adoção de um método de agir padrão, sendo maleável ao invés de rígido e imutável, explorando os pontos fortes e fracos do adversário.

Esse valor se originou, possivelmente, no conceito de suavidade de um salgueiro proposto por Jigorō Kanō (2008) para o *Jūdō*: tal árvore não tem seus galhos quebrados no inverno com o peso da neve, pois são flexíveis o suficiente para envergar com o peso. Assim, ela dobra, livra-se da neve e permanece intacta. Sendo Kanō um grande amigo de Funakoshi, essa correspondência pode não se tratar de mera coincidência. Ademais, ambos podem ter se inspirado por pedagogias presentes na própria cultura japonesa:

Quando sobrevêm disputas [entre os filhos], a mãe costuma invocar o lema de *noblesse oblige*, pedindo à criança mais velha que ceda à mais jovem. A expressão habitual é “Por que não perder para ganhar?” [...] a criança de três anos rápido a compreende que, se a mais velha ceder o brinquedo à mais nova, o bebê logo se fartará, procurando outra coisa, quando então a que foi aconselhada terá o seu brinquedo de volta, embora o tenha cedido. [...] “Perder para ganhar” torna-se uma lógica grandemente respeitada na vida japonesa, mesmo quando já se é crescido (BENEDICT, 2002, pp. 223-224).

15) Considere as mãos e os pés do adversário como espadas.

Esse axioma deve ser levado ao pé da letra, indicando que o *karateka* não deve permitir que seu adversário o golpeie, pois cada golpe poder ser fatal. Não importa se é um inimigo com ou sem treinamento, um indivíduo que luta pela sobrevivência é capaz de desencadear uma força surpreendente. Assim sendo, deve-se considerar o potencial do adversário, concentrando-se em se defender com toda a consciência e dedicação.

16) Ao sair pelo seu portão você se depara com um milhão de inimigos.

O *karateka* deve estar sempre preparado para os infortúnios. Tendo essa atitude mental, evita o confronto muitas vezes, mas quando ele surge, sabe agir decisivamente. Estar na melhor forma possível, fisicamente e mentalmente lhe oferece maiores ferramentas para lidar com os problemas.

17) O *kamae* é para os iniciantes, com o tempo se adota *shizentai*.

*Kamae*⁶⁵ é a postura de preparação ou prontidão, tal qual ocorre com as posturas preparatórias utilizadas por tenistas ou jogadores de vôlei. O *Karate-Dō* possui uma quantidade razoável de *kamae*, os quais o *karateka* deve aprender e dominar. No entanto, quanto mais avança na prática, mais o aluno deve se libertar dos *kamae*, de forma a se movimentar livremente e naturalmente, chegando à postura *shizentai*⁶⁶.

Existe um ditado que diz: “No *Karate-Dō* não existe *kamae*; mas na mente da pessoa existe *kamae*.” Na verdade, essa frase parece contraditória, pois existem muitos *kamae* no *Karate-Dō*, mas ao ser melhor analisada, notamos sua profundidade: a limitação e a rigidez de uma postura estariam na mente de cada um, refletindo sua própria rigidez, necessitando do exercício constante dentro da prática para ocorrer a quebra de tais algemas. Com o tempo, adota-se a *shizentai*, que nada mais é que uma postura natural, com o corpo em pé (semelhante à posição ortostática), da qual se pode assumir qualquer postura rapidamente:

Insistir em que não existe *kamae* quando, na realidade, existe todo tipo de *kamae*, segue o ponto de vista filosófico segundo o qual todas as formas do universo estão vazias de existência real. Então, a *shizentai* sem *kamae* torna-se um número ilimitado de formas (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005, p. 25).

⁶⁵ [構え] – Postura (posturas tradicionais assumidas pelos alunos nas aulas de *Karate-Dō*).

⁶⁶ [自然体] – Postura natural (similar à posição ortostática utilizada nas ciências biológicas).

Isso é associado diretamente ao sexto princípio, que afirma que a mente deve permanecer livre. Através do pensamento calmo e puro, as ações do *karateka* podem refletir as do adversário, ta qual um lago sem ondulações reflete perfeitamente a luz da Lua.

18) Execute o *Kata* corretamente, luta real é outra questão.

Os *kata* são o método mais tradicional de ensino do *Karate-Dō*, sendo passados de geração a geração, de professor para aluno. Devem ser realizados da exata forma que são ensinados, mantendo assim a tradição e os gestos técnicos originais. No entanto, no combate real, o *karateka* não deve permanecer amarrado às técnicas duras dos *kata*, mas se movimentar livremente.

19) Não se esqueça de imprimir ou subtrair força, de distender e contrair o corpo, de aplicar a técnica com rapidez ou lentamente, dependendo da situação.

Diz respeito especificamente ao treinamento. Todos esses elementos são importantes na execução de um *kata* ou no próprio *kumite* (luta), devendo ser aplicados corretamente, considerando cada situação.

20) Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho.

Esse preceito encerra em si todos os anteriores. Funakoshi procura orientar através dele, para que o praticante de arte marcial nunca deixe de buscar seu Caminho ou se acomode com o tempo. Apenas através do estudo e dedicação constante é possível chegar a níveis maiores de compreensão. Em seu texto, traz diversos exemplos de mestres que, apenas após muitos anos de treinamento e estudo, conseguiram entender o que seria estar no verdadeiro Caminho (*Dō*).

Além disso, afirma que é uma ilusão se enxergar como mestre de uma arte após alguns poucos anos de dedicação, pois se trata de uma deformação do Caminho. Por esse motivo, o presente princípio alerta para ser atento e diligente na busca, não sendo seduzido pela vaidade ou pela preguiça. Esse valor é uma referência direta aos preceitos da *Dai Nippon Butoku-kai*, que talvez Funakoshi tenha inserido para que o *Tōde/Karate* fosse reconhecido como um *Budō*, passando a ser *Karate-Dō*.

3.5.3 Os Três Pilares

Em Okinawa, o *Karate-Dō* (ainda nomeado *Te* ou *Tōde*), se concentrava no aprendizado de diversos *kata*. Passados de geração em geração, de professor para aluno, os *Kata* foram por muitos anos a principal forma de manutenção das tradições do Karate. Essa relação hierárquica do professor (*sensei*) e aluno (*deshi*) era a base do ensino das artes marciais de Okinawa e do Japão no período feudal (FROSI; OLIVEIRA; TODT, 2008). Após a inserção do *Karate-Dō* no Japão, Gichin Funakoshi estruturou uma pedagogia nova para seu ensino, que ficou conhecida como os três pilares do *Karate-Dō*. Esse novo padrão de ensino era composto pelos elementos *kihon*⁶⁷ (fundamento), *kata*⁶⁸ (forma) e *kumite*⁶⁹ (luta, combate) (STEVENS, 2005, FUNAKOSHI, 1973).

Kihon é o estudo dos fundamentos da arte marcial, sua base e padrão. É um treinamento individual, no qual o *karateka* repete os movimentos em busca do aprimoramento dos gestos técnicos. Os *Kata* se constituem em sequências pré-determinadas de técnicas que simulam um combate contra vários adversários, também realizado individualmente, na qual se executa movimentos de ataque e defesa pré-estabelecidos (NAKAYAMA, 2000a; 2000b).

Os diferentes estilos de *Karate-Dō* possuem *kihon* e *kata* próprios, fundamentados nos modelos propostos por mestres dos estilos primordiais de Okinawa. O estilo *Shōtōkan-ryū* possui *kihon* e *kata* com gestos mais retos e pontuais, como característico das linhas *Shuri-Te* e *Tomari-Te*, influenciadas pelo mestre Ankō Itosu. Tal modelo é presente também no estilo *Wadō-ryū*. O *Gōjū-ryū* apresenta uma maior gama de gestos circulares e indiretos, originados da linha *Naha-Te* do mestre Kanryō Higaonna, enquanto o *Shitō-ryū* é caracterizado por uma mescla de ambas as características (CAMPS & CEREZO, 2005). Poderiam ser citados ainda muitos estilos de *Karate-Dō* e modelos de *kihon* e *kata*.

Através dos exercícios de *kihon* e *kata* poderão ser suprimidas as mais elementares deficiências de movimentação e postura, trabalhando simultaneamente a percepção da necessidade de coordenar o corpo, agindo em sintonia com a mente e o espírito

⁶⁷ [基本] – Fundamento.

⁶⁸ [形] – Forma.

⁶⁹ [組手] – Luta, combate.

(FUNAKOSHI, 1999). É um processo de desenvolvimento global, no qual toda a energia do *karateka* se encontra a serviço da técnica.

Sendo uma prática de origem guerreira, o combate possui um importante papel dentro do *Karate-Dō*. E, para que o *karateka* esteja preparado para isso, deve ter uma base sólida e estruturada, ou seja, um *kihon* firme. Com fundamentos fortes, pode-se executar de forma boa um *kata*, sendo que tais aspectos irão fundamentar a prática de combate do praticante (*kumite*), fortalecendo-a cada vez mais (FUNAKOSHI, 1999).

No que tange aos valores, treinar *Karate-Dō* não se trata apenas de desenvolver o corpo, mas o ser de forma integral. Entendendo o *kihon*, entende-se a necessidade de constante polimento e refinamento. No *kata* são exploradas as diversas possibilidades de aplicar os fundamentos; e no *kumite* aplica-se de forma mais avançada as técnicas absorvidas na prática individual. Concentrando-se nessas práticas, aprende-se a importância do desapego de vícios e se manter centrado. Portanto, o *Karate-Dō* é tido como uma ferramenta para desenvolver e refinar não as técnicas, mas a si mesmo através delas; ou seja, um *Budō*.

3.5.4 *Reigi*, a Etiqueta no *Karate-dō*

No *Karate-Dō* a etiqueta (*Reigi*⁷⁰, em japonês) é fundamental e é expressa através de diversos pequenos rituais durante a prática, mas que possuem grande significado. Essa conduta presente nas aulas remete a alguns ensinamentos dos antigos mestres, como os *Nijūkun* de Funakoshi (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005), debatidos em capítulo anterior. Através de tais práticas, executadas todos os dias no *Dōjō*, o *karateka* incorporaria a educação, o respeito e as boas maneiras.

Existem duas formas de saudação dentro dos *Budō*: o cumprimento em pé (*Ritsurei*⁷¹) e o cumprimento sentado sobre os calcanhares (*Zarei*⁷²). Para executar o *Ritsurei* realiza-se uma flexão de coluna à frente de aproximadamente 30º, mantendo-a em ângulo reto e harmônico (movimento apenas com a base da coluna). Os olhos acompanham o movimento,

⁷⁰ [礼儀] – Cortesia, etiqueta.

⁷¹ [立礼] – Agradecimento em pé.

⁷² [座礼] – Agradecimento sentado.

para que o pescoço não se curve e prejudique essa harmonia. Membros inferiores e pés devem permanecer unidos pelos calcanhares, mas com as pontas afastadas, na base *Musubi Dachi*⁷³ (WESTBROOK & RATTI, 2006; BÜLL, 1988), conforme a figura 9. Essa saudação é muito antiga, remetendo aos *Bushi* (guerreiros do Japão), que detinham poder de vida e morte sobre as classes sociais inferiores. Quando tais guerreiros passavam, os indivíduos de outras classes realizavam esse gesto respeitoso, que indicava seu domínio sobre a vida de outrem (ZWICK & CRUISE, 2003). O *Ritsurei*, portanto, remete à repressão dos guerreiros japoneses sobre as demais castas sociais.

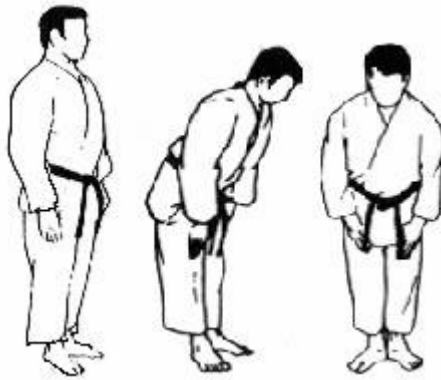


Figura 9: Execução correta do *Ritsurei*, a saudação em pé.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A segunda saudação, *Zarei*⁷⁴, deve ser feita da seguinte forma: o *budōka* permanece de joelhos no chão, sentado sobre os calcanhares e realiza uma flexão de coluna nos moldes da descrita anteriormente (WESTBROOK & RATTI, 2006) (figura 10). Quando o *karateka* senta para o *Zarei*,

o pé esquerdo é levado atrás, colocando-se primeiro o joelho esquerdo no chão. Depois disso o joelho direito repousa no solo, e se senta sobre os calcanhares, com as pontas dos dedos *hálux* se tocando. Os homens devem sentar com os joelhos afastados, repousando as palmas das mãos sobre as coxas, com as pontas dos dedos para dentro. As mulheres, por sua vez, posicionam os joelhos de forma que os mesmos se toquem e apontem para frente, repousando as mãos sobre os joelhos com as pontas dos dedos para frente. Para levantar, o joelho direito é erguido antes e no movimento de levantar é que o joelho esquerdo é erguido e o pé alinhado com o direito (FROSI, 2010).

⁷³ [結び立ち] – Postura do nó.

⁷⁴ [座礼] – Agradecimento sentado.

Essa forma correta de sentar (figura 11) das artes marciais japonesas é característica da própria cultura do país, demonstrando refinamento de etiqueta e profunda educação (BÜLL, 2007).



Figura 10: Execução correta do Zarei, a saudação sentado.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Figura 11: Forma correta de sentar para o Zarei.

Fonte: Westbrook & Ratti (2006).

No *Karate-Dō*, assim como no *Jūdō*, *Aikidō* e demais *Budō*, para iniciar a aula é realizado um ritual de saudação. Os *karateka* organizam-se pela sala, em frente ao professor (conforme figura 12) e sentam-se ao ouvir o comando *Seiza*⁷⁵. Então, realizam três *Zarei*, ao som de três comandos na seguinte ordem: (1) *Shomen Ni Rei*⁷⁶, saudação ao fundador ou à instituição; (2) *Sensei Ni Rei*⁷⁷, saudação ao professor presente na sala; (3) *Otagai Ni Rei*⁷⁸, realizada entre e aos colegas no ambiente (GROENEWOLD, 2002). Essa ordem é específica do *Karate-Dō*, variando levemente de acordo com o *Budō* em questão.

⁷⁵ [正座] – Sentado em linha reta.

⁷⁶ [正面に礼] – Saudação à frente.

⁷⁷ [先生に礼] – Saudação ao professor.

⁷⁸ [お互いに礼] – Saudação mútua de um ao outro.

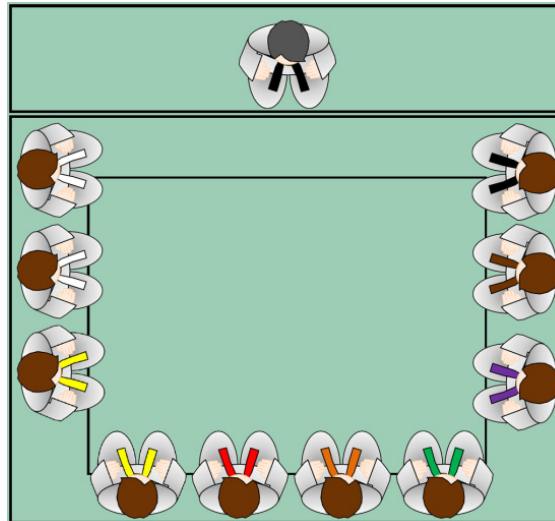


Figura 12: Posição dos karateka para executar a cerimônia inicial.

Fonte: Frosi (2011).

Sempre que se inicia um exercício, o professor comanda *Yoi*⁷⁹ (preparar), momento no qual o *karateka* deve assumir a posição *Shizentai*⁸⁰. Ao finalizar os trabalhos, o professor exprime o comando *Yame*⁸¹ (parar), seguido de *Yasume*⁸² (descansar) ou *Naore*⁸³ (realizar cumprimento e descansar), momento em que o aluno pode descontrair um pouco. No comando de parada (*Yame*), os alunos retomam a posição natural (*Shizentai*), e quando recebem a ordem para descansar, devem realizar um *Ritsurei* (cumprimento em pé) antes de relaxar (figura 13). Esse ritual de saudação é uma forma de agradecimento ao *Sensei* pelo conhecimento passado (GROENEWOLD, 2002).

Quando ocorrem exercícios em dupla, trio ou mais pessoas, os alunos devem cumprimentar uns aos outros, através de um *Ritsurei* (figura 14), tanto no início quanto o final. Isso faz conotação ao respeito que deve reinar entre os colegas, por se disporem a praticar juntos, sendo que a ausência deles inviabilizaria isso. (GROENEWOLD, 2002).

Para entrar e sair da área do *Dōjō* destinada ao treino (*Shiijō*⁸⁴), os *karateka* devem sempre realizar um *Ritsurei*, entrando sempre com o pé direito primeiro e saindo com o pé esquerdo. Para transitar fora dessa área, o *karateka* deve utilizar chinelos (*zori*) ou algum outro calçado que evite sujar o local (WESTBROOK & RATTI, 2006; GROENEWOLD, 2002). Em

⁷⁹[用意] – Preparar, preparação.

⁸⁰[自然体] – Postura natural.

⁸¹[やめ] – Parar.

⁸²[休め] – À vontade, descansar.

⁸³[な俺] – Como você estava.

⁸⁴[試合場] – Área de jogo.

muitos locais os professores pedem aos alunos para realizar a mesma saudação ao entrar e sair do próprio *Dōjō*. Tudo isso remete ao local de treino em si, outro elemento-chave, sem o qual não existira a prática.



Figura 13: Transição entre os comandos: *Yoi*, *Yame*, *Yasume/Naore*.
Fonte: Adaptado de [HTTP://karatescience.esporteblog.com](http://karatescience.esporteblog.com)

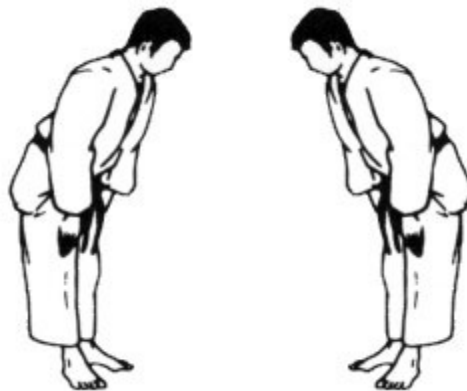


Figura 14: Saudação entre colegas no momento do exercício.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

3.5.5 Práticas Meditativas

No *Karate-Dō* é comum o uso de exercícios de meditações, normalmente no início e/ou no final. A essas meditações damos os nomes *Mokuso*⁸⁵, mas há professores que

⁸⁵ [黙想] – Pensar em silêncio.

trabalham o que é conhecido por *Zazen*⁸⁶, mesmo não sendo esta uma prática própria do *Karate-Dō*. Os dois conceitos são diferentes e aplicados em situações específicas.

Ele ocorre sempre na cerimônia de cumprimento inicial, na qual o professor orienta os alunos a acalmar sua mente dos pensamentos, deixando-os fluir sem julgamento. É necessário que se permaneça em silêncio, sentado em *hiraza* (sobre os joelhos), tentando acalmar a mente para a prática que se seguirá. Ao final da aula, se repete o processo, no sentido de relaxar a mente para assimilar os conhecimentos aprendidos e retornar às práticas cotidianas. Então, *Mokuso* nada mais é que uma preparação mental para a tarefa que se seguirá, seja ela qual for (BÜLL, 2007). Dentro da aula de *Karate-Dō*, o exercício de *Mokuso* possui principalmente o objetivo de “preparar a mente para manter a atenção fixa [...] e o estado de atenção constante necessários para o treino de *kihon*, execução de *kata* ou diante de um adversário em *kumite*. Nada mais do que isso” (GOULART, 2011a). Não há obrigatoriedade de os olhos serem fechados, pois é um exercício que visa à concentração e ao preparo.

Zazen é um método de meditação com origem na prática *zen* budista, sem nenhum vínculo com a prática do *Karate-Dō*. Através dele o indivíduo deixa seus pensamentos livres, sem apego algum, observando os sentimentos e sensações que surgem, sem reprimi-los ou julgá-los. Até aqui é muito similar ao *Mokuso*, mas há muito mais por trás disso. Enquanto *Mokuso* é apenas um exercício para a concentração, *Zazen* é uma prática religiosa que busca a Iluminação (ou *Satori*⁸⁷). Sua prática consiste, basicamente, no ato de sentar em uma posição confortável, com a coluna ereta, por períodos de até 40 minutos, sendo tradicional o uso de almofadas ou bancos para se manter sentado (SUZUKI, 2010).

Na prática, o *Mokuso* deve ser realizado em aula, enquanto o *Zazen* é uma prática de *zen* budistas, às vezes incorporada por *karateka* mais antigos, que a fazem em suas casas ou outros locais próprios para tal. Normalmente esses *karateka* são doutrinados nessa religião e transpõem esse conhecimento para a arte marcial. Sua conexão com a prática do *Karate-Dō* se dá apenas através desse aspecto. No ocidente a diferença entre os dois termos às vezes não é muito clara, sendo difundida de forma errada entre os praticantes de *Karate-Dō* (GOULART, 2011a).

⁸⁶[坐禪] – Meditar sentado.

⁸⁷[悟り] – Compreensão, podendo ser entendida como “Iluminação” no contexto filosófico e religioso.

3.6 Educação e *Budô*

No que diz respeito à educação, partimos dos princípios ligados a prática do *Budô* a fim de buscar um modelo que produza eco na educação ocidental. Por essa ótica, vamos encontrar nas palavras de Morin (2000, p. 47):

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele.

Vendo a educação desse modo, temos como traçar um paralelo com o *Budô*, que sempre teve essa visão integral de formação humana. Nela, o praticante é parte do todo e aprende a ter consciência desse todo, de forma prática e baseada nos princípios de ética previstos pelos fundadores de *Budô*, os quais também podem ser encontrados nas reflexões de Morin (2000, p. 48):

[...] é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bio-anatômico. As ciências humanas são elas próprias fragmentadas e compartimentadas. Assim, a complexidade humana torna-se invisível e o homem desvanece “como um rastro na areia” [...].

Essas anotações espelham a preocupação do autor com o atual estágio de desenvolvimento cultural e com o atual modelo de educação da sociedade. Além disso, expõe alguns pensamentos que ajudam na meditação referente às alternativas pedagógicas para a formação dos seres humanos nas quais surge a possibilidade de apreciação da ética do *Budô* ligada às atividades desportivas.

Não podemos ignorar que o aprimoramento cultural sempre esteve apoiado na dedicação, no impacto dos valores sagrados e no esplendor das obras geradas pela humanidade. É através desse trabalho que se torna possível perceber que há algo dentro do ser humano que o faz triunfar sobre as esferas da limitação, do desafio e da incapacidade de

reflexão. No entanto, apesar do enorme desenvolvimento da economia, da ciência e da tecnologia podemos conceber que nossa história contemporânea aponta para um processo de acomodação cultural e social, no qual recebemos nossos bens prontos para o consumo e o intuito de esforço acaba por ser reduzido.

Sendo assim, chamamos atenção para o fato de que a vida não pode ser concebida adequadamente apenas em termos da substância do corpo vivo. É, antes de tudo, um todo constituído por um mundo exterior e um mundo interior (JARPERS, 1965). Ou, como observou Jaeger (2003), a cultura dá-se na formação integral do Homem, na sua conduta e no seu comportamento exterior bem como na sua atitude interior. Entretanto, nem um e nem a outra (comportamento exterior e atitude interior) nascem e se completam do acaso, mas são produto de uma disciplina consistente e coerente com vistas ao mais elevado nível de cultura. É no trabalho do autoconhecimento (pessoal e coletivo – indivíduo e sociedade), apurado a partir do desenvolvimento dos mais nobres valores e da percepção da convivência pacífica de nosso mundo interior que vamos entender as divergências encontradas no mundo exterior (SANTO, 1998).

É dever, então, das Artes Marciais e da filosofia que a permeia (além de prover origem e significado), atualizar a tradição com a meta de inspirar as pessoas a cuidarem da sua elevação, enquanto itinerário de educação. Por isso, a missão de toda a educação, seja ela fundamentada nos valores orientais (como no *Budō*) ou na formação ocidental, não deve apenas consistir no desenvolvimento de certas capacidades ou dados de conhecimentos, mas sim, prover condições de alcançar o fim autêntico de uma vida (FREIRE, 2004); ou seja, autoconhecimento e autoaperfeiçoamento.

É importante salientar que, enquanto disciplinas estabelecidas após a restauração Meiji, os modernos *Budō* possuem uma questão educacional voltada para a Educação em Valores, tratando ética e moral em conjunto com o treinamento das técnicas de artes marciais (FROSI, OLIVEIRA & TODT, 2008). Tais métodos de ensino visam aprimorar a interação de identidade humana, permitindo a evolução de seu aparato motor em sintonia com a mente e em harmonia com os conteúdos da alma, expondo assim, uma educação consistente, sutil e refinada.

3.7 O Pensamento Oriental e a Educação em Valores

Os ideais propostos pelos antigos mestres de *Karate-Dō* são, também, os encontrados nas sociedades orientais, em especial na japonesa mais tradicional. Trata-se da revelação e da busca do homem pela inteireza, manifestada através de seus atos e pensamentos diários.

As disciplinas e autoimposições de uma cultura são comumente vistas como estranhas a pessoas de outro modo de vida, especialmente quando tratamos de povos orientais, cuja matriz cultural é proveniente de um espectro diverso ao do ocidente. Os complexos conjuntos de valores dos *Budō*, nada mais são que reflexões sobre o modo de vida oriental e japonês. Seus princípios expõem a rigidez da educação e disciplina do povo do Sol Nascente da época; não apenas na busca de um objetivo específico, tal qual o fazem os ocidentais, mas almejando se tornar, de fato, especialistas em tudo o que se propõem a realizar (BENEDICT, 2002). Encontramos diversos exemplos disso nessa sociedade, como ocorre com o *Chanoyu*⁸⁸, a famosa cerimônia do chá; aquele que prepara o chá deve fazê-lo de forma impecável, respeitando e realizando cada etapa em seu devido tempo.

É comum associarmos temas como bondade, solidariedade e honestidade (consigo e com os outros) a aspectos religiosos. No mundo encontramos inúmeros exemplos de povos cuja motivação para a prática de tais valores é a vida após a morte. A ideia de ser “bom” está ligada diretamente ao combater o “mal”, seja ele na forma de um inimigo interno ou externo, processo no qual seremos recompensados nas esferas divinas. O pensamento japonês não compactua com isso.

A dualidade entre o “bem” e o “mal” não está presente em sua cultura ou religião na forma como as conhecemos no ocidente, sendo apenas potencialidades presentes em todos os indivíduos. Os atos “suaves” ou “rudes” de um mesmo homem não são absolutamente condenáveis, mas duas facetas essenciais de sua personalidade, necessárias em diferentes momentos. Quando praticam a gentileza e a bondade, não o fazem por alguma obrigação inconsciente de esfera espiritual, moral ou civil, mas pelo prazer da tarefa; a recompensa está na própria oportunidade e realização do ato (BENEDICT, 2002), conforme o depoimento a seguir:

⁸⁸[茶の湯] – Literalmente “água quente [para o] chá”; também chamada *Chadō* [茶道] (Caminho do Chá).

“Quando fazemos as coisas que vocês chamam de autosacrifício”, disse um japonês para mim, “é porque desejamos dar ou porque seja bom dar. Não nos lamentamos. Por mais que renunciemos a coisas pelos outros, não achamos que tal doação nos eleve espiritualmente ou que devêssemos ser ‘recompensados’ por isto.”
(BENEDICT, 2002, p. 197)

Não sendo guiados estritamente por um padrão moral com base na religião, o que motivaria os japoneses a agir de maneira correta? A resposta reside em sua cultura, centrada no valor que cada ser humano possui. Através de suas rigorosas disciplinas, buscam agregar cada vez mais valor a si e ao povo que fazem parte, que é medido internamente, por si mesmo e por sua própria família, bem como externamente, pelos membros da sociedade. O modelo de cidadão proposto, confiável, honesto e honrado (qualidades que a simples tradução dos termos não tem como resgatar ou adaptar corretamente de sua cultura) seria almejado por todos, de forma que, conspurcar o nome do indivíduo ou da família era tratado como fato gravíssimo (NAKAGAWA, 2008; BENEDICT, 2002).

Apesar de não ser mais rígido tal qual o era na época da restauração Meiji, esse espírito moral, molde de todo um povo, ainda encontra forte eco nos dias atuais, apesar da constante ocidentalização que se imprime sobre os povos asiáticos. As diversas artes marciais trataram de conservar certos elementos dessa cultura, assim como muitas outras práticas culturais o fizeram nas mais diferentes esferas.

Historicamente a prática oriental de artes marciais possui, antes de tudo, um significado sagrado e de desenvolvimento pessoal e social. Justamente por isso Kushner (1988) diz que os japoneses pospõem o sufixo *Dō* (Caminho) aos nomes das artes marciais.

Como já dito, as práticas corporais nesta cultura são chamadas primeiramente por Caminhos (*Kendō*, *Karatedō*, *Jūdō*...) (VIRGÍLIO, 1994). E não só nas artes marciais encontramos esse valor filosófico, mas em diversos outros elementos de seu povo: *Chadō*⁸⁹ (ou *Sadō*), o Caminho do Chá, arte de preparar e beber o chá; *Kadō*⁹⁰, o Caminho das Flores, em que são preparados os *Ikebana*⁹¹; e o próprio *Shodō*⁹², Caminho da Escrita, a famosa arte de caligrafia japonesa. Sob essa ótica, intuímos que o desenvolvimento de seus praticantes

⁸⁹ [茶道] – Caminho do Chá.

⁹⁰ [華道] – Caminho das Flores.

⁹¹ [生け花] – Arranjo de Flores Vivas.

⁹² [書道] – Caminho da Escrita.

se manifesta a partir do Caminho, caminhando em cada ação, em cada ato humano de excelência, portanto, ato do espírito (VAZ, 2004).

Os *Budō* vislumbram o sentido da educação como uma obra sagrada e necessária para a sociedade, um Caminho; que apenas através do desenvolvimento pessoal e da excelência poderia se cumprir o papel da educação. Quanto a isso, Patrício (2005, p.15) considera:

A exigência do fazer bem feito parece, pois, ser o segredo da educação. A grande regra do educador só pode ser esta: educar bem. E a grande regra do educando só pode ser: aprender bem. A qualidade, a excelência, é uma exigência intrínseca à educação.

Ou seja, educar e aprender bem, incluindo os valores que delineiam uma educação que vise aos mais altos ideais de formação humana. É essa a finalidade dos pensamentos aqui discutidos, uma formação integral do Ser, propiciando-lhe (auto)conhecimento e sabedoria para refletir sobre seus atos e sobre o mundo.

Esse processo de educação é tão valorizado dentro da cultura japonesa que não há como medir a importância dos professores em seu sistema educacional (seja na educação formal ou não). Por isso existe um débito dos alunos para com seu professor, enquadrado dentro do que é chamado de *On*⁹³. Esse termo não possui uma tradução exata em sua essência, mas pode ser compreendido como débito ou obrigação. Trata-se, puramente, do senso de lealdade e devoção que uma pessoa tem com alguém, como seus pais, professores ou para com o próprio Imperador. É uma espécie de dívida que nunca poderá ser paga, pois é inestimável e de valor incalculável, instaurando assim o respeito a essas figuras importantes. No caso dos pais, trata-se de terem lhe dado a vida e os meios de sustento, por exemplo (BENEDICT, 2002).

O *On* referente ao professor é específico, sendo conhecido como *Shi no On*⁹⁴. Ele engloba a sensação de obrigação e lealdade que o aluno tem para com quem lhe ensinou. Como a transmissão de conhecimentos é algo que não pode ser meramente medido e é um processo que ressignifica a vida de quem aprende, é algo de grande valor e que sempre deve ser reconhecido como uma dádiva oferecida pelo professor. Por isso, o *On* é aplicado aqui,

⁹³ [恩] - Reverendo / pode ser entendido como uma obrigação, lealdade.

⁹⁴ [師の恩] – Em favor do professor/ Reverendo em favor do professor.

atribuindo ao professor a real importância social e cultural que lhe é devida (BENEDICT, 2002).

4 MÉTODO

4.1 Tipo de estudo

Este estudo caracteriza-se como descritivo interpretativo, seguindo o veio do paradigma interpretativo. Para tal, serão utilizadas as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (2000) e Vala (2003).

4.2 Coleta de Dados

Para a realização deste estudo foram entrevistados professores e alunos de *Karate-Dō*, optando-se pelo uso da entrevista de tipo semi-estruturada. Tal modelo estabelece questões previamente definidas pelo pesquisador, porém, permitindo que o entrevistado explore temas não previstos (NEGRINE, 2010).

Como o estudo visa, especialmente, identificar traços de cultura veiculados pelos valores ligados à prática da arte marcial, a escolha das entrevistas semi-estruturadas deveu-se a dois motivos: (1) de acordo com Fontana e Frey (2000, p.645) “o verbo possui resíduos de ambigüidade”, ou seja, permite uma leitura muito ampla e variada. Através da entrevista, o pesquisador coleta suas informações em uma relação direta com os participantes (NEGRINE, 2010), direcionando melhor sua interpretação; (2) através do modelo escolhido é possível oferecer maior liberdade ao entrevistado sem perder o foco nos aspectos essenciais do estudo, permitindo que disserte sobre aspectos que considera importantes (NEGRINE, 2010).

4.3 Grupo Estudado

Os grupos que participaram deste estudo foram compostos por praticantes e professores de *Karate-Dō*, de ambos os sexos, dos estilos *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan-ryū* e *Wadō-ryū* de academias, clubes e escolas localizadas no município de Porto Alegre. A escolha dos sujeitos que compuseram o grupo estudado foi realizada aleatoriamente, através de sorteio das associações, dos praticantes e professores disponíveis nas listas de órgãos administradores, como da própria Federação Gaúcha de Karate e associações similares.

As entrevistas foram divididas em dois grupos distintos (professor e alunos), sendo ainda subdividida em quatro grupos distintos, de acordo com cada estilo. Quanto ao primeiro segmento, foi entrevistado um professor do estilo *Gōjū-ryū* (PG1). O segundo grupo é composto por um professor e dois praticantes do estilo *Shitō-ryū* (PS1, AS1 e AS2). O terceiro grupo foi composto por um professor e dois praticantes do estilo *Shōtōkan-ryū* (PSH1, ASH1 e ASH2). E o quarto grupo, composto por um professor e seis praticantes do estilo *Wadō-ryū* (PW1, AW1, AW2, etc.); totalizando quatro professores e 10 alunos. Todos os indivíduos entrevistados são adultos e possuem, no mínimo, cinco anos de prática em sua modalidade.

Além da escolha dos entrevistados ser aleatória, sua disposição para tal foi condição-chave para a definição da quantidade mínima de indivíduos para a entrevista, sendo seu número limitado pela conveniência dos participantes. A quantidade máxima de entrevistados foi limitada pela congruência dos discursos presentes nas entrevistas: a partir de um dado momento, em que as respostas mostraram certa equivalência, entendemos que não era necessária a aplicação de mais entrevistas.

4.4 Construção das entrevistas

De acordo com Folscheid e Wunenburger (2006), a pergunta é a manifestação do pensamento voltado sobre si mesmo, de forma a se tornar algo palpável. Nada mais seria que o pensamento sob o signo da interrogação, formas que atendem a uma necessidade específica, uma origem para se chegar a um fim. Através de tal raciocínio, entende-se que as

perguntas em uma entrevista, seja qual for seu modelo estrutural, devem atentar a sua tarefa: responder ao problema de pesquisa.

Com base em tais aspectos, seguimos os passos propostos por Garcia (2006) para construção das entrevistas: 1) revisão bibliográfica exaustiva a fim de isolar as grandes categorias das quais resultaram as perguntas a realizar nas entrevistas; 2) elaboração de um primeiro modelo de entrevista; 3) sujeição desse modelo a um corpo de peritos; 4) introdução das alterações sugeridas pelos peritos; 5) entrevistas a elementos do universo do estudo a fim de verificar o grau de compreensão destes relativamente às perguntas e do grau de adequação das respostas às expectativas do pesquisador; 6) discussão dos resultados obtidos com o corpo de peritos que entendeu introduzir novas alterações ao modelo; 7) repetição dos passos 5 e 6; e, finalmente, 8) aplicação das entrevistas.

4.5 Aplicação das Entrevistas

As entrevistas foram aplicadas, no caso dos alunos, nos seus respectivos locais de treino, na cidade de Porto Alegre. Já com o grupo de professores a entrevista foi realizada, além dos locais onde oferecem treinamento, em ocasiões de eventos oficiais como cursos, competições e assembléias. Além disso, tendo em vista a disponibilidade dos entrevistados, o *e-mail* foi amplamente utilizado como ferramenta para realização das entrevistas. Seguimos de perto as indicações processuais sugeridas por Earl Babbie (1997, p.259-277), que garantem a justeza da conduta na tarefa empírica: participação voluntária do entrevistado, sem prejuízos a sua pessoa, com garantia de anonimato e sigilo de sua identidade.

4.6 Procedimento Analítico

4.6.1 Técnicas de investigação

No sentido de buscarmos a elucidação do nosso problema de pesquisa e sob a orientação da concretização dos nossos objetivos do estudo, escolhemos como método as

técnicas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000; VALA, 2003). Depois de obtidos e preparados os dados brutos, os materiais foram relidos para se definir as unidades de análise. As unidades de análise devem representar um conjunto de informações, extraídas dos dados brutos, que tenham um significado completo em si, pois na fase posterior de análise são tratadas fora do contexto original e integradas a novos conjuntos de informações. Essas unidades podem ser palavras ou mesmo frases, desde que sejam compreendidas de forma correta fora do contexto original em que se encontravam.

A próxima fase é a de categorização-agrupamento dos dados, considerando a parte comum existente entre eles. Essa categorização é um processo de redução de dados, uma síntese das informações, destacando-se os aspectos considerados relevantes ao estudo, de acordo com os critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. A etapa seguinte é a descrição-registro do conteúdo integrante de cada categoria, ou seja, a construção de uma síntese contendo os significados presentes nas diversas unidades de análise em cada categoria. É recomendado, inclusive, o uso de citações diretas dos dados originais, pois se busca manifestar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas.

A etapa seguinte é a interpretação, ou seja, a busca de uma compreensão aprofundada dos conteúdos manifestos, como também dos conteúdos latentes. Apesar de não haver uma forma geral para a análise e interpretação de entrevistas, Negrine (2010) indica ser necessária a utilização de algum modelo que direcione o trabalho. De acordo com o mesmo autor (p.82), “a realidade não é objetiva”, podendo ser interpretada de inúmeras formas; cabe ao pesquisador trabalhar seus dados de forma inferencial e descritiva, mantendo-se fiel às ideias originais dos entrevistados, pois seu discurso seria a expressão clara do que quer declarar.

4.6.2 Sistema categorial: as categorias *a priori* e *a posteriori*

O processo de análise de conteúdo visa simplificar a apreensão do conteúdo referente ao discurso para potencializá-la. Neste caso, tratamos dos documentos obtidos através das entrevistas a serem realizadas com os praticantes de *Karate-Dō*. No princípio, identificamos um quadro de categorias (e de subcategorias) e, depois da análise das

entrevistas, esse quadro foi ampliado. De acordo com Vala (2003, p.111) a construção de tal sistema categorial pode ser feita *a priori*, *a posteriori* ou através da combinação dos dois modelos. O sistema escolhido para este trabalho foi o último, combinando-se os processos *a priori* e *a posteriori*. Além disso, todas essas categorias são de ordem semântica, ou seja, baseadas no significado das frases analisadas, não em suas palavras (BARDIN, 2000).

5 GRADE DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

5.1 Categoria 1: Educação

A educação é, em si, um valor que agrega toda a essência da prática de Valores Humanos em todos os âmbitos. A presente categoria trata do modo como o entrevistado, seja ele aluno ou professor, percebe o processo de Educação no ensino formal do *Karate-Dō*. Um dos ditados mais populares nessa arte marcial é *Bunbu-Ichi*⁹⁵, ou seja, “as artes literárias e as artes marciais são uma única coisa”, que expõe a importância do treinamento físico aliado ao estudo dos saberes teóricos (sem mencionar a importância das práticas meditativas, já debatidas em seu próprio capítulo). Por isso, para que ocorra o processo de Educação proposto para a arte em questão, é necessário aliar essas duas formas.

Essa categoria foi dividida em subcategorias/indicadores para melhor compreensão do conteúdo encontrado: *Educação*, uma categoria maior, trata da compreensão e da importância do processo de ensino formal no *Karate-Dō*, bem como dos valores que cada indivíduo lhe atribui; as diversas subcategorias de *Prática Pedagógica* procuram identificar os elementos e valores trabalhados em aula em seus diferentes momentos e se, de fato, ocorrem. O Quadro 7 possui a análise das entrevistas dos alunos e o Quadro 8 contém a análise das respostas dos professores.

Quadro 7: Tabela de análise da categoria *Educação* - Alunos.

Indicadores (subcategorias)	Educação (alunos)
Educação	“[...] por ser uma arte marcial com rígidos princípios de conduta somos pessoas com

⁹⁵ [文武一] - As artes literárias e as artes marciais são uma única coisa

	<p>uma educação diferente das demais pelo fato dos valores que consideramos importantes serem um pouco diferentes dos demais [...].” (ASH1)</p>
Prática Pedagógica: transmissão oral	<p>“Sim, através de vários <i>Sensei</i>, mas principalmente através do <i>Sensei</i> do meu <i>Sensei</i> que procura evidenciar muito os valores em cada uma de suas aulas.” (ASH1)</p>
	<p>[Em resposta à pergunta 6]: “Sim. De professores e colegas de treino.” (ASH2)</p>
	<p>“[...] os dois professores sempre falavam muito sobre os significados dentro do Karate e sobre a filosofia e história das artes marciais.” (AW1)</p>
	<p>[Em resposta à pergunta 6]: “Sim, pelos professores [...]e mestres [...].” (AW2)</p>
	<p>“O professor [...] sempre enfatizou a questão ‘filosófica’ do Karate, trazendo questões morais e comportamentais e instigando o questionamento de nosso comportamento durante as aulas e a aplicação na vida ‘normal’.” (AW3)</p>
	<p>“O [professor] sempre trouxe ensinamentos valorosos, principalmente nos primeiros anos de minha prática. Costumávamos sentar ao final das aulas e conversar sobre aspectos da prática, sobre valores, etc. Nos últimos anos isso não vem acontecendo e eu também me distanciei do Karate, talvez justamente por sentir esta falta de conversas nas aulas. Mas o espaço existe, mesmo que não seja explicitamente sobre Karate, acredito que são derivados diretamente dele e agregados a experiências de vida.” (AW4)</p>
	<p>“Estes ensinamentos [de valores] foram passados durante conversas e aulas com diversos professores e mestres.” (AW5)</p>
	<p>“Sim, pelo <i>Sensei</i> [...] [teve acesso a conteúdos por transmissão oral].” (AW6)</p>
	<p>“[...] <i>Sensei</i> [...] em todas as aulas tinha algo para nos contar sobre o <i>Karate-Dō</i>, tanto sobre os valores e princípios quanto sobre a história e até contos.” (AS1)</p>
	<p>“[...] quem nos passa essas lições [via oral] é meu próprio <i>sensei</i> [...].” (AS2)</p>
Prática Pedagógica: leituras	<p>“[...] já tive acesso ao <i>Shōtō nijūkun</i> por indicação do meu <i>Sensei</i>.” (ASH1)</p>
	<p>“[...] Livros como: ‘<i>Karate-Dō, meu modo de vida</i>’ Funakoshi – indicado por [professor]; e ‘<i>Karate-Dō Nyumon</i>’ Funakoshi – indicado por um colega de treino.” (ASH2)</p>
	<p>“Já li alguns livros sobre artes marciais, não só sobre o <i>Karate-Dō</i>, por conta própria. Além de sempre ler na internet. Além disso o professor [...] sempre falava em livros que poderíamos ler, mas não lembro quais. Os que já li e lembro, pois os tenho, são ‘<i>A arte da guerra</i>’, ‘<i>O livro dos cinco anéis</i>’ e ‘<i>Shin Hagakure</i>’, mas sei que tem muito mais bibliografia até mais específicas do <i>Karate-Dō</i>. Pretendo ler muito mais.” (AW1).</p>
	<p>“Quando eu me envolvo mais com leituras de livros sobre o Karate, sinto que reflete mais na minha vida, pois acabo pensando nas coisas cotidianas que tenho que fazer, com um viés filosófico <i>karateka</i>.” (AW1)</p>
	<p>“Já li um livro sobre Karate mas não lembro o nome. Eu mesma o encontrei na biblioteca da Sogipa.” (AW2)</p>
	<p>“Alguns livros iniciais foram referenciados pelo professor [...] (A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen, o 1º e o melhor até hoje) e depois por pesquisa própria li muito sobre <i>Zen</i>, budismo, <i>Bushido</i> e Práticas Marciais.” (AW3)</p>
<p>“Especificamente do Karate eu leio muita coisa em sites na internet. Durante minha prática recebi algumas indicações de colegas [...]. Acho que acabam por explicar alguns aspectos do Karate e das artes marciais como um todo. Não recebi indicações diretas</p>	

	do [professor]... pensando agora, parece estranho que ele não tenha indicado, mas talvez seus ensinamentos tenham feito com que eu buscasse as informações... aquela velha história de ensinar a pescar ao invés de dar o peixe pronto.” (AW4)
	“Busquei conhecimento, na época, junto a biblioteca da ESEF/UFRGS(local onde me formei) e lá encontrei livros do Nakayama(the Best karate, em inglês). Também tive acesso à obra de Funakoshi, este “emprestado” pelo professor [...]da disciplina de Karate daquela universidade.” (AW5)
	“[...] tive acesso aos livros da <i>Wadō-kai</i> , sobre movimentos básicos e <i>kata</i> avançados, nada que falasse da filosofia ou dos princípios e valores do karate.” (AW6)
	“[...] li alguns livros sobre o <i>Karate-Dō</i> e sobre outras artes marciais que indicavam os princípios marciais, a grande maioria indicada por meu <i>Sensei</i> [...]que é um grande pesquisador da arte [...]. Li o livro do <i>Sensei</i> Funakoshi chamado ‘ <i>Karate-Dō</i> Meu Modo de Vida’, muito legal. Li também um livro onde o autor contava a história da vida de Bruce Lee, onde o mesmo foi seu aluno e amigo particular entre outros.” (AS1)
	“[...] tive acesso a muitos tipos de leitura sobre o <i>Karate-Dō</i> e também fiz muitas pesquisas sobre informações que julguei que poderiam estar equivocadas. ‘ <i>Karate-Dō</i> , Meu modo de vida’, de Ginchin Funakoshi, ‘ <i>Karatê Shito-ryu</i> ’, de José Aguiar e muitos outros. Quem os indicou e continua e me influenciou a ler cada vez mais [...] é meu <i>sensei</i> [...] porque ele sempre diz que o <i>Karate-Dō</i> sem teoria não é 100% <i>Karate-Dō</i> , você tem que saber fazer <i>Karate-Dō</i> e falar sobre <i>Karate-Dō</i> .” (AS2)
Prática Pedagógica: práticas meditativas	“[...] acho que a meditação, se corretamente explicada é muito importante para aumentar a concentração, vivencio em todas as aulas a prática do <i>mokuso</i> que foi ensinada pelo meu <i>Sensei</i> .” (ASH1)
	“Já vivenciei o <i>Mokuso</i> (meditação inicial e final à aula).” (ASH2)
	“As únicas práticas de meditação que já presenciei foram as das cerimônias de início e fim de aula. Para mim são importantes como momentos de exercitar uma “limpeza” mental para estar o máximo concentrado no momento da aula (início) e para pensar em levar o que foi aprendido e pensado no momento da aula, para a vida fora do <i>Dōjō</i> (fim).” (AW1)
	“A meditação é importante para conseguirmos esvaziar a mente e se concentrar na prática do karate, infelizmente não tive muitos momentos de meditação além da cerimônia no início e fim da aula.” (AW2)
	“A meditação é um desafio de autocontrole e aceitação do imperfeito para se atingir o melhor possível. Já pratiquei <i>zazen</i> dentro e fora do <i>Dōjō</i> .” (AW3)
	“[...] gosto bastante. Tivemos inclusive a presença de um monge que trouxe seus ensinamentos. Foi bem interessante, mas deixamos de lado dentro do <i>Dōjō</i> , pois muitos não aderiram à prática. Levei para minha vida pessoal.” (AW4)
	“[...] tive muito pouco contato com esta.” (AW5)
	“[...]a meditação acalma nossa mente e a põe em sintonia com nosso corpo. [...] nunca tive por costume praticar [...].” (AW6)
	“A meditação é muito importante para concentração, focalização, autocontrole, entre outros. Meditamos sempre em <i>agura</i> ou <i>seiza</i> fazendo o <i>mokuso</i> , tudo devidamente apresentado e explicado pelo <i>sensei</i> [...].” (AS1)
	“[...] a meditação é boa no início para criar um foco na aula e, no final, para acalmar o

	espírito e ir para casa tranquilo [...]” (AS2)
Prática Pedagógica: treino físico	“O <i>kihon</i> é muito importante para o aprimoramento da técnica enquanto o <i>kata</i> nos remete a essência do karate que é a luta contra vários oponentes.” (ASH1)
	“Através deles é possível desenvolver um espírito forte e ao mesmo tempo sublime. Por que são exercícios exaustivos e de muita repetição que exigem muito da postura mental.” (ASH2)
	“[...] o professor [...] sempre dizia que cada golpe deve ser pensado e executado como se a vida dependesse daquilo (para nunca praticarmos com má vontade) [...]” (AW1) “É nesses momentos que aperfeiçoamos nossa prática.” (AW1)
	“ <i>Kihon</i> e <i>kata</i> são muito importantes, pois são a base para se chegar a um <i>kumite</i> . Fazer um <i>kumite</i> sem aprender <i>kihon</i> e <i>kata</i> é o mesmo que querer fazer faculdade sem nem ter feito o ensino fundamental.” (AW2)
	“Durante muito tempo eu forcei meu corpo além do limite e não me sentia bem. Após alguns anos entendi a questão do relaxamento e da postura natural e passei a me sentir muito bem.” (AW3) “ <i>Kihon</i> e <i>Kata</i> são importantes por serem o princípio e a base da forma. A aplicação é importante, mas com a forma correta. Aplicação sem forma causa vícios e ‘paralisia’ da evolução do praticante.” (AW3)
Prática pedagógica: competições	“O respeito, a humildade e o autocontrole que devem ser desenvolvidos em função das situações adversas que podem ocorrer [...]” (ASH1)
	“A amizade. A maioria dos meus amigos são ex-colegas de treino. Apesar de não termos mais esse vínculo em comum, continuamos a compartilhar de uma amizade saudável.” (ASH2)
	“[...] Principalmente a disciplina, autocontrole, paciência e compreensão.” (AW2)
	“A prática constante é a melhor forma de enfrentamento [...]. A realidade final (luta) ainda é o objetivo final, a teoria (filosofia) é bonita, mas tem de ser útil para aplicação ou não faz sentido para a vida. A perda do medo da morte é o único caminho que permite a vida plena.” (AW3)
	“Respeito ao próximo, respeito as suas características mentais e físicas.” (AW4)
	“Acredito que a competição é o momento, mais próximo da realidade, para testarmos as técnicas e ensinamentos recebidos [...]. A competição faz com que aflore o autoconhecimento em situações de estresse, sendo este controlado. Com isto, podemos verificar os vários estágios da aprendizagem [...] e que devemos manter o treino contínuo [...] ensina que não podemos entrar no <i>koto/shiai jo</i> (área de luta) sem um planejamento, sem uma estratégia, a qual somente será colocada em prática se você se autoconhecer.” (AW5)
	[Valores que julga existirem na competição]: “Respeito, paciência, humildade para reconhecer superioridade do adversário, perseverança para continuar treinando mesmo após ter perdido, nunca subestimar o adversário.” (AW6)
“[A competição é] uma forma de teste daquilo que foi aprendido, [...] quando perco é porque tenho que treinar mais e quando ganho [...] tenho que continuar treinando. O <i>Karate-Dō</i> é como uma planta, sem os insumos e o regar correto ela murcha, seca e morre.” (AS1)	

Quadro 8: Tabela de análise da categoria *Educação* - Professores.

Indicadores (subcategorias)	Educação (professores)
Educação	<p>“Incentivar o aluno a crescer com o Karate, pelas técnicas chegar a um objetivo de viver bem. Na prática, o professor é o modelo a ser seguido. Por mais de 3 décadas ensinando, sempre com alunos junto, vendo progressos, acho que tenho conseguido cumprir razoavelmente bem meu papel de instruir.” (PG1)</p>
	<p>“Acredito no <i>Karate-Dō</i> como método de educação que envolve diversos valores que possibilitam formar um ser humano melhor. Meus planos eram, são e serão enquanto eu tiver possibilidades de lecionar colaborar neste sentido com todos meus alunos.” (PS1)</p>
	<p>“O professor de artes marciais [...] deve ser visto como um educador. Ele cumpre este papel quando faz de sua própria vida um exemplo a ser seguido. [...]” (PS1)</p>
	<p>“A vida de um instrutor é muito complexa, talvez nem tenhamos a real dimensão da responsabilidade que deve ter em cada um de nossos gestos, de nossas palavras, enfim... do nosso comportamento dentro e fora do <i>Dōjō</i>... somos alvo de peso e medida em tempo integral por parte dos alunos, seus pais ou responsáveis e até da sociedade.” (PS1)</p>
	<p>“[...] procuro mostrar outra forma de viver para os estudantes e lhes passar os vários conhecimentos que adquiri com a prática do <i>Karate-Dō</i>.” (PSH1)</p>
	<p>“Vejo como uma responsabilidade conhecer as diferentes dimensões dessa arte e ser um exemplo desse desenvolvimento [...].” (PSH1)</p> <p>“[...] reflete o caminho espiritual que essa prática apresenta para mim [...].” (PSH1)</p>
Prática Pedagógica: transmissão oral	<p>“O papel do professor de artes marciais, a meu ver, é similar ao papel de qualquer educador. Ele precisa oferecer condições para que sejam formados ‘cidadãos’ preparados para ‘lutar’ pelos seus direitos, mas também cientes dos seus deveres e não apenas preparar ‘lutadores de Karate’.” (PW1)</p>
	<p>“[...] não tinha planos de dar aulas. Fui me tornando o aluno mais graduado e em determinada situação precisava substituir os colegas mais graduados ou mesmo o Mestre. Quando de fato tive minha primeira turma, comecei a me preocupar em como poderia ajudar o aluno nesta formação e busca pessoal e também em como eu poderia me aperfeiçoar mais nesta prática. Como na ocasião já estudava psicologia e trabalhava em pesquisas envolvendo aprendizagem dentro da linha da epistemologia genética (Piaget e seguidores) comecei a levar para o Karate as questões relativas a aprendizagem com que estava trabalhando enquanto bolsista de iniciação científica [...] e também trazer do Karate para o âmbito educacional, as questões que apareciam na prática do Karate que eu tentava entender dentro da referência pelo qual circulava no ambiente acadêmico.” (PW1)</p>
	<p>“Pela prática em si, os mestres passavam valores que para entendermos sempre era preciso treinar mais e fazer o melhor. Esses valores aparecem treinando, onde fazermos o nosso melhor é uma constante nas aulas.” (PG1)</p>
Prática Pedagógica: transmissão oral	<p>“Durante o período em que estive no <i>Dōjō</i> do <i>Sensei</i> [...] ele tinha o costume de passar algum ensinamento através de provérbios antigos relacionados à prática marcial. Este costume despertou em mim interesse por conhecer mais sobre estes assuntos e foi assim que, por iniciativa própria, passei a buscar literatura especializada na área.” (PS1)</p>
	<p>Costumo explicar a etiqueta e alguns princípios da cultura japonesa nas aulas, mas não diretamente o <i>Dōjōkun</i> e <i>Nijūkun</i>. Os alunos é que, depois de lerem os axiomas, normalmente percebem e comentam que se tratam das mesmas coisas ensinadas nas</p>

	explicações de etiqueta. (PSH1)
	<p>“Como venho de família oriental, muitos desses princípios, seguindo as tradições orientais, passam de pai para filho, do mais velho para o mais novo. O povo japonês [...] trazia consigo esta formação voltada para a disciplina ferrenha e luta contra as adversidades. Por isso, penso que isso foi mais marcante para mim do que a literatura que posteriormente tive acesso. Eu morei numa região de colonização japonesa, onde a maioria dos imigrantes vivenciaram o período feudal japonês (entre a primeira e segunda guerra mundial). Então as características destas pessoas com quem eu convivi possuía estes princípios muito evidentes.” (PW1)</p>
Prática Pedagógica: leituras	<p>“Sempre li muito sobre artes marciais, muito mais por minha iniciativa mesmo.” (PG1)</p> <p>“[...] no <i>Dōjō</i> do <i>Sensei</i> [...] tinha o costume de passar algum ensinamento através de provérbios antigos relacionados a prática marcial. [...] despertou em mim interesse por conhecer mais [...] e foi assim que, por iniciativa própria passei a buscar literatura especializada na área. Perdi a conta do número de livros, revistas e sites com os quais tive contato, porém, obras de Gichin Funakoshi, Kenwa Mabuni, Jigorō Kanō, entre outros podem ser mencionados como boas fontes de pesquisa.” (PS1)</p> <p>“[...] inicialmente ganhei de meu segundo <i>sensei</i> uma folha xerocada com o <i>nijūkun</i>. A partir dali passei a ler tudo que pude a respeito do <i>Karate-Dō</i> para entender o que estava fazendo. Esse mesmo professor me estimulou a ler a série ‘Melhor do Karate’ de Masatoshi Nakayama, por ser a ‘bíblia do Karate’, e depois tratei de ler os livros do fundador do <i>Shotokan</i>, Gichin Funakoshi. Li uma quantidade incontável de livros sobre <i>Karate-Dō</i>, outras artes japonesas, história e cultura do Japão e assuntos relacionados, e tudo isso me faz dizer que pouquíssimo desses materiais aborda os valores da mesma forma que nós os pensamos, pois há uma diferença cultural crucial que cria uma distinção do que seriam até mesmo esses valores.” (PSH1)</p> <p>Costumo explicar a etiqueta e alguns princípios da cultura japonesa nas aulas, mas não diretamente o <i>Dōjōkun</i> e <i>Nijūkun</i>. Os alunos é que, depois de lerem os axiomas, normalmente percebem e comentam que se tratam das mesmas coisas ensinadas nas explicações de etiqueta. (PSH1)</p> <p>“Como venho de família oriental, muitos desses princípios, seguindo as tradições orientais, passam de pai para filho, do mais velho para o mais novo. [...] penso que isso foi mais marcante para mim do que a literatura que posteriormente tive acesso.” (PW1)</p>
Prática Pedagógica: práticas meditativas	<p>“Faz-se sempre um pouco de meditação, fala-se mais na sua importância, para que pratiquem fora dos treinos.” (PG1)</p> <p>A meditação também é fator importante [...]. Em <i>Karate-Dō</i> a meditação chama-se <i>Mokusō</i> e tem por objetivo que o praticante focalize sua mente para a prática que irá se desenvolver. Em <i>Karate-Dō</i> não se utiliza o <i>Zazen</i> [...]. <i>Zazen</i> é meditação ‘Zen’ e pertence ao <i>Zen-Budismo</i> [...]. Pratico o <i>Mokusō</i> no início de cada uma das aulas, visando com isso centrar a mente do aluno no <i>Karate-Dō</i>.</p> <p>“[...] tão importantes quanto as citadas “<i>kihon, kata e kumite</i>”, apenas operam em dimensões diferentes do praticante. Sem elas é impossível desenvolver de forma integral uma pessoa que decide participar do treinamento do <i>Karate-Dō</i>. (PSH1)</p> <p>“Qualquer prática precisa estar contextualizada. Considerar a [...] meditação desvinculada/descontextualizada do contexto do aluno não traz nenhum benefício tanto ao aluno quanto ao professor. Estas práticas têm que ter algum motivo para estar ali, não apenas porque são utilizadas em aulas de artes marciais.” (PW1)</p>

Prática Pedagógica: treino físico	<p>“No Karate tudo vem a partir do treino dos golpes, da técnica.” (PG1)</p> <p>“Para fazermos um <i>kata</i> precisamos ter um corpo forte, saudável, preparado, disciplinado.” (PG1)</p>
	<p>“[...] Nenhuma das práticas deve ser negligenciada.” (PS1)</p>
	<p>“Todo <i>karateka</i> que não entende para que servem as técnicas [...] não sabe o significado de cada movimento do <i>Kata</i> corretamente. Esta é uma falha bem comum na atual pedagogia empregada por muitos professores despreparados, onde <i>kihon</i> parece uma coisa, <i>kata</i> outra e <i>kumite</i> uma terceira, quando na verdade são apenas partes de um único continuum. (PSH1)</p>
	<p>“[...] a prática pode ser importante desde que contextualizada, ou será completamente equivocada.” (PW1)</p>
Prática pedagógica: competições	<p>A competição é importante – o ser humano precisa ser competitivo, mas com limites. Na competição eleva-se mais o esportivo do que filosófico, sem dúvida. Os valores do Karate são trabalhados no esporte com menos intensidade, porque o querer ganhar faz crescer em excesso a vontade de ser o melhor. É preciso sempre incutir no atleta que, competindo, ele está num prolongamento do seu <i>Dōjō</i>, para que ele não esqueça que antes de ganhar é importante estar ciente de fazer o seu melhor, esforçar-se para sair-se bem sem querer vencer só pelo fato de dizer-se o melhor. (PG1)</p>
	<p>“[...] hoje é o contrário do que se espera dela. Incentiva a rivalidade, o ganhar a qualquer custo [...], o desrespeito ao oponente e a arbitragem... Enfim, estamos quase iguais ao futebol. Em contrapartida, é um termômetro para ver se os participantes estão recebendo boa instrução em seus <i>Dōjō</i>... pois suas atitudes boas ou ruins tornam-se visíveis sob pressão.” (PS1)</p>
	<p>“[...] as competições não passam valor algum da forma que são feitas hoje... embora muitos falem de convivência, em aprender a ganhar e a perder... são todos bons discursos que na prática deixam a desejar, pois denotam disparidades entre a teoria e a prática. Contudo, o praticante inteligente e bem instruído pode tirar boas lições, em nível pessoal [...]. Ser menos orgulho, ser mais dedicado aos treinos; Assumir a responsabilidade por seu eventual fracasso e lutar para superá-lo ao invés de dizer que o árbitro era ruim e que foi por isso que perdeu.” (PS1)</p>
	<p>“[...] o aprendizado se dá pela prática, pela participação, e também pelo aprendizado das regras. Na experiência vivencial, muitos princípios que estavam antes apenas na dimensão da teoria, ou das ideias, acabam sendo experimentados pelo corpo, o que leva ao aprendizado real, que mexe com as emoções e com a capacidade de passar por aquele desafio. Nem todos estão preparados para encarar a própria limitação e despertar para o verdadeiro estágio de desenvolvimento em que se encontra [...]. Todas essas experiências são importantes para vida real. Em relação aos valores, acredito fortemente que estão entranhados até mesmo na estrutura da competição, em como o evento é concebido, e os participantes aprendem coisas experimentando esse tipo de atividade ali proposta. Através dessa experiência se dá o aprendizado dos valores, pelo exemplo dos outros atletas e dos árbitros/professores, bem como do público presente e de todos os envolvidos naquela situação.” (PSH1)</p>
	<p>“Depende da forma como o professor aborda a questão. Ele precisa questionar que valores ele [...] traz consigo, quais os alunos traz [...] e o que a arte marcial propõe [...]. O que tenho notado é [...]os valores que o professor traz [...] influenciam nos valores que ele [...] entende que sejam do Karate. Aqui retomamos novamente a questão da formação. Ela precisa propiciar que o aluno possa comparar os valores que traz consigo com aqueles propostos pelo Karate/professor e poder ser orientado de forma que haja um entendimento sobre quais são relevantes e quais poderiam ser descartados ou mesmo modificados para se adequar a esta proposta. Mas isso leva em conta que o</p>

	<p>professor tenha estes valores mais claros, o que infelizmente não costuma corresponder à realidade.” (PW1)</p> <p>“Na ocasião em que dois alunos foram convocados para a Seleção Brasileira [...] que iria disputar o Campeonato Mundial de 1988, eu me senti impulsionado a buscar uma formação mais específica na área de Psicologia Esportiva, onde cheguei a iniciar um pós-graduação [...] e posteriormente um Mestrado [...] tendo como tema justamente a integração entre o ensinamento das artes marciais, com todo ritual que lhe é próprio, com a questão que envolve aprendizagem e como ele se desenrola no praticante desta prática. Minha questão não era mais ‘como ensinar Karate’, mas sim ‘como as pessoas aprendem karate’.” (PW1)</p>
--	--

5.2 Categoria 2: Valores

Busca-se, através desta categoria, compreender a visão que os entrevistados possuem sobre os Valores presentes na prática do *Karate-Dō*: os significados dos termos e pedagogias utilizados na prática, as lições de etiqueta e os valores propostos pelos antigos mestres. É importante destacar que “falar de valores humanos significa, sobretudo, destacar do homem, a capacidade de produtor da realidade construída a partir de uma consciência do que valoriza e transmite, realiza e transforma” (INFANTE & SOUZA, 2003, p.1). Ou seja, buscamos aqui destacar aquilo que lhes é transmitido já em sua forma final, o conhecimento que foi assimilado e compreendido.

Portanto, a categoria foi dividida em subcategorias/indicadores para melhor compreensão do conteúdo encontrado. São elas: *Dōjōkun*, *Nijūkun*, *Três pilares* e *Reigi*, que tratam dos aspectos próprios do *Karate-Dō*, conforme seus difusores e idealizadores. Há outra subcategoria, *Valores em geral*, que reúne os conteúdos que não se encaixam necessariamente nos indicadores supracitados. O Quadro 9 possui a análise das entrevistas dos alunos, enquanto o Quadro 10 reúne a análise das respostas dos professores.

Quadro 9: Tabela de análise da categoria *Valores* - Alunos.

Indicadores (subcategorias)	Valores (alunos)
<i>Dōjōkun</i> (Normas do Local do Caminho/Treino)	“Acredito que o respeito aos demais, a cortesia e o autocontrole são mais relevantes, pois interferem de maneira muito direta no nosso convívio em sociedade.”(ASH1)
	“O respeito, a humildade e o autocontrole [...]” (ASH1)
	“Ser um karateka é ter um estilo de vida baseado nos ensinamentos do Karate (<i>Dōjōkun</i>).” (ASH2)

	<p>“O elemento básico [...] mais relevante é o respeito. Por que é a base do convívio social [...].” (ASH2)</p> <p>“[...] são exercícios exaustivos e de muita repetição que exigem muito da postura mental.” (ASH2)</p>
	<p>“[...] devemos desviar o golpe e, se necessário, contra atacar (eu penso nisso para a vida em geral, e tento praticar, no sentido de esperar e dar espaço para o outro) [...].” (AW1).</p> <p>“Respeito ao próximo; concentração; seriedade; agir com vontade dentro e fora do <i>Dōjō</i>.” (AW1)</p>
	<p>“[...] disciplina, autocontrole e respeito, pois sem eles o treinamento se torna difícil.” (AW2)</p>
	<p>“O enfrentamento do inimigo interno sempre foi o principal ensinamento. A maior batalha é contra nós mesmos.” (AW3)</p>
	<p>“Para mim, atacar é muito mais agressivo que o contra-ataque... soa muito mais como uma iniciativa do sujeito do que uma defesa contra as situações em que este sujeito está inserido. Por outro lado, uma postura mais defensiva pode ser considerada como uma evitação da luta por muitos, o que não me parece estar alinhado com a prática de artes marciais.” (AW4)</p> <p>“Não sei se é valor do Karate especificamente, mas aprendi a respeitar os outros em suas características e opiniões. [...] Conhecer o outro como ele é torna a convivência social muito mais tranquila... ao invés de querermos enxergar o outro como nós gostaríamos que ele fosse. Isso ocorre dentro do <i>Dōjō</i> [...], mas é facilmente levada para a vida.” (AW4)</p>
	<p>“Gosto de buscar a perfeição, seja no aspecto técnico ou profissional, mesmo sabendo que este não será atingido.” (AW5)</p>
	<p>“Respeito, controlar o espírito de agressão e perseverança. Porque julgo que, sem esses três preceitos, dificilmente um <i>karateka</i> seguirá treinando [...].” (AW6)</p>
	<p>“O <i>Karate-Dō</i> é uma forma de se evoluir como pessoa e também é uma forma onde o praticante adquire perícia em defesa pessoal.” (AS1)</p> <p>“A disciplina, a cortesia e etiqueta e o respeito. São valores indispensáveis na formação de qualquer <i>karateka</i>. [...] A cortesia e a etiqueta são requisitos básicos para se conviver em sociedade de forma harmoniosa [...]. E o respeito, da mesma forma como os demais citados, faz com que aquele que o tem gere influência aos demais, fica harmônico na sociedade.” (AS1)</p>
	<p>“Nunca atacar, porque as artes marciais não foram feitas para atacar e sim para defender entes queridos e a si próprio. [...] além deste valor há muitos outros que eu pratico todos os dias que são naturais.” (AS2)</p>
<p><i>Nijūkūn</i> (Os Vinte Preceitos de Funakoshi)</p>	<p>“Sim, já tive acesso ao <i>Shōtō nijūkūn</i> por indicação do meu <i>Sensei</i>.” (ASH1)</p>
	<p>“[...] faz referência a postura mental do praticante, a qual deve estar vazia de pensamentos no momento do treino.” (ASH2)</p>
	<p>“O elemento básico da postura comportamental do Karate que considero mais relevante é o respeito. Por que é a base do convívio social [...].” (ASH2)</p>
	<p>“[...] penso também que o pensamento deve estar ‘vazio’ de coisas que possam interferir no aprimoramento das técnicas.” (AW1)</p> <p>“[...] devemos desviar o golpe e, se necessário, contra atacar (eu penso nisso para a</p>

	<p>vida em geral, e tento praticar, no sentido de esperar e dar espaço para o outro); outro ensinamento seria o de relaxar e, quando agir, usar o máximo possível de atitude, e fazer tudo com muita vontade; Buscar o equilíbrio mental.” (AW1).</p> <p>“Respeito ao próximo; concentração; seriedade; agir com vontade dentro e fora do <i>Dōjō</i>.” (AW1)</p>
	<p>“[...] disciplina, autocontrole e respeito, pois sem eles o treinamento se torna difícil. Quando se começa a treinar com seriedade, esses ensinamentos se incorporam em nossa vida sem nem percebermos.” (AW2)</p>
	<p>“Durante muito tempo eu forcei meu corpo além do limite e não me sentia bem. Após alguns anos entendi a questão do relaxamento e da postura natural e passei a me sentir muito bem.” (AW3)</p> <p>“O enfrentamento do inimigo interno sempre foi o principal ensinamento. A maior batalha é contra nós mesmos. O parâmetro final é a autosuperação e a não a superação do inimigo. O inimigo muda, nós somos nossos próprios pontos fracos e fortes e somos o único ponto de real controle que temos.” (AW3)</p> <p>“Aplicação sem forma causa vícios e ‘paralisia’ da evolução do praticante.” (AW3)</p> <p>“A prática constante é a melhor forma de enfrentamento das dificuldades para permitir a superação e a evolução.” (AW3)</p>
	<p>“Para mim, atacar é muito mais agressivo que o contra-ataque... soa muito mais como uma iniciativa do sujeito do que uma defesa contra as situações em que este sujeito está inserido. Por outro lado, uma postura mais defensiva pode ser considerada como uma evitação da luta por muitos, o que não me parece estar alinhado com a prática de artes marciais.” (AW4)</p> <p>“Eu gosto bastante da ideia de usar o corpo apenas, muito mais da ideia de paz e harmonia da filosofia do <i>Wadō-ryū</i>, e estou muito longe de encarar a minha prática de Karate como uma prática de combate. Encaro muito mais como uma prática de harmonização interna com o externo.” (AW4)</p> <p>“Na minha vida, refletiu e reflete num contato mais autêntico e fiel com tudo que está ao meu redor, principalmente as pessoas e a natureza, aquilo que está vivo mas não está dentro de mim. Acredito ter sido fundamental para meu crescimento... [...] O que me fez foi o meu Karate, e quem fez o Karate para mim fui eu.” (AW4)</p> <p>“[...]minha expectativa é estar presente no <i>Dōjō</i>, da mesma forma que estar presente na vida fora dele.” (AW4)</p> <p>“Não sei se é valor do Karate especificamente, mas aprendi a respeitar os outros em suas características e opiniões. [...] Isso ocorre dentro do <i>Dōjō</i> [...], mas é facilmente levada para a vida.” (AW4)</p> <p>“O <i>kihon</i>, especificamente, traz muito a repetição, vista por muitos como enfadonha ou chata, mas que no fundo molda a forma e a força da conexão mente-corpo. O <i>kata</i>, por sua vez, representa a libertação da fronteira do molde, colocando a mente e o corpo para exercitarem e solidificarem o aprendizado incorporado.” (AW4)</p>
	<p>“Gosto de buscar a perfeição, seja no aspecto técnico ou profissional, mesmo sabendo que este não será atingido.” (AW5)</p>
	<p>“Por ser praticante há muito tempo, já incorporei esses [respeito, controlar o espírito de agressão, perseverança] e outros ensinamentos do Karate.” (AW6)</p>
	<p>“O caminho ou via marcial é aplicado principalmente nas atitudes tomadas perante uma determinada situação. [...] O caminho é o viver em harmonia com o todo.” (AS1)</p> <p>“<i>Karateka</i> é aquele que vive o <i>Karate-Dō</i>, é o praticante que aprende e aplica a disciplina em sua vida cotidiana, o respeito, a ética e também se necessário a parte</p>

	<p>prática(marcial) da arte. O <i>Karate-Dō</i> é uma forma de se evoluir como pessoa e também é uma forma onde o praticante adquire perícia em defesa pessoal.” (AS1)</p>
	<p>“Quem conhece e vive o <i>Karate-Dō</i> sabe todos os benefícios que isso acarreta na vida pessoal e na vida social.” (AS2)</p> <p>“Ser um <i>karateka</i> é muito mais do que colocar o <i>karategi</i> e suar na academia [...] tem a ver com suas atitudes, modo de vida, qual seu interesse no <i>Karate-Dō</i>, o quanto você pratica ele fisicamente e intelectualmente, pois o <i>Karate-Dō</i> não é treino envolve estudo também.” (AS2)</p>
Três pilares (<i>Kihon</i> , <i>Kata</i> e <i>Kumite</i>)	<p>“O <i>kihon</i> é muito importante para o aprimoramento da técnica enquanto o <i>kata</i> nos remete à essência do Karate que é a luta contra vários oponentes.” (ASH1)</p>
	<p>“Através deles é possível desenvolver um espírito forte e ao mesmo tempo sublime. Por que são exercícios exaustivos e de muita repetição que exigem muito da postura mental.” (ASH2)</p>
	<p>“Penso que é a base de todo o karate, desde que os movimentos façam sentido para o praticante. É nesses momentos que aperfeiçoamos nossa prática.” (AW1)</p>
	<p>“<i>Kihon</i> e <i>kata</i> são muito importantes, pois são a base para se chegar a um <i>kumite</i>. Fazer um <i>kumite</i> sem aprender <i>kihon</i> e <i>kata</i> é o mesmo que querer fazer faculdade sem nem ter feito o ensino fundamental.” (AW2)</p>
	<p>“<i>Kihon</i> e <i>Kata</i> são importantes por serem o princípio e a base da forma. A aplicação é importante, mas com a forma correta. Aplicação sem forma causa vícios e ‘paralisia’ da evolução do praticante.” (AW3)</p>
	<p>“Acho importante por ser o que nos faz treinar e aprimorar este encontro e harmonização destas diferentes abstrações ou partes do ser humano.” (AW4)</p>
	<p>“<i>Kihon</i> e <i>Kata</i> são a essência do treinamento de Karate, é com eles que refinamos nossa técnica, treinando nossa mente e corpo.” (AW5).</p>
	<p>“O <i>kata</i> deve ser praticado diariamente, em aula ou fora dela [...]é a alma do Karate [...]. A prática do <i>kata</i> é que nos mantêm ligados aos mestres antigos, porque o tipo de treinamento era baseado somente no <i>kata</i>. O <i>kihon</i> deve ser praticado com frequência, pois é a base que todo <i>karateka</i> deve ter para uma prática perfeita.” (AW6)</p>
	<p>“<i>Kihon</i> = Fundamento. Não vejo outra forma de aprender e aperfeiçoar os variados golpes que existem sem praticá-los diversas vezes. A importância é Fundamental. O <i>Kata</i>, o livro prático do Karate, das suas múltiplas funções tem a de conservar a forma (suas características) de um determinado estilo. Praticando o <i>Kata</i>, além de desenvolver a forma lúdica da luta em movimentos pré-determinados, o praticante está conservando a arte.” (AS1)</p>
<p>“[...] <i>kihon</i> é o popular arroz com feijão do <i>Karate-Dō</i>. Ele é a parte principal do aprendizado [...] o <i>kata</i> é a união destas técnicas, sendo aplicadas em um adversário imaginário e dentro de cada <i>kata</i> há muito <i>kihon</i>. Por isso estas duas têm que sempre ser trabalhadas em conjunto.” (AS2)</p>	
<i>Reigi</i> (etiqueta)	<p>A etiqueta é essencial em uma aula de Karate pela questão do respeito [...] (ASH1).</p>
	<p>“É importante no sentido de formalizar a aula.” (ASH2)</p>
	<p>“Etiqueta, entendo como postura em aula, o que acredito que seja fundamental, principalmente por acreditar que atitudes de respeito ao próximo são essenciais dentro do Karate, o que vai levar um praticante a não agredir ou querer se sobressair</p>

	<p>pejorativamente ao outro.” (AW1)</p> <p>“Respeito ao próximo; [...] agir com vontade dentro e fora do <i>Dōjō</i>.” (AW1)</p>
	<p>“Os ensinamentos e valores mais relevantes são a disciplina, autocontrole e respeito, pois sem eles o treinamento se torna difícil.” (AW2)</p> <p>“Muito importante, o que mais admiro no Karate é a etiqueta. O respeito que aprendemos a ter pelos colegas, professores e a postura durante o treino.” (AW2)</p>
	<p>“A etiqueta é necessária para manter o respeito no ambiente de treinamento e permitir a transferência adequada do conhecimento.” (AW3)</p>
	<p>“A etiqueta deve existir, mas deve ser experimentada de forma natural. Se estiver sendo realizada de forma forçada, apenas para cumprir regras, acho que o praticante precisa pensar. Se o fizer, precisa compreender as razões... se forem necessárias para que os valores se mantenham, então vale a pena, caso contrário, o mundo é livre para que o praticante busque outras opções.” (AW4)</p> <p>“Respeito ao próximo, respeito as suas características mentais e físicas.” (AW4)</p>
	<p>“A importância da etiqueta é o respeito pelas pessoas e coisas, hoje não valorizadas pela sociedade.” (AW5)</p> <p>“[...] entendo o desenvolvimento técnico e pessoal dos colegas, a fim de não exigir algo que não possa ser realizado.” (AW5)</p>
	<p>“A etiqueta nos ensina respeito, cordialidade e humildade [...] a etiqueta está presente em todas as aulas.” (AW6)</p>
	<p>“[...] respeitar tudo e todos, porque cada coisa tem um porque e todos, sem exceção, merecem respeito.” (AS1)</p> <p>“A etiqueta é obrigatória em qualquer arte marcial, para organização do ambiente de treino e também para convivência fora do <i>Dōjō</i>.” (AS1)</p>
	<p>“A etiqueta é um sinal que a pessoa é educada e devemos fazer ela sempre” (AS2)</p>
Valores em geral	<p>“Quando comecei a treinar eu queria principalmente obter uma melhor forma física, esse objetivo foi alcançado.” (ASH2)</p> <p>“A amizade. A maioria dos meus amigos são ex-colegas de treino. Apesar de não termos mais esse vínculo em comum, continuamos a compartilhar de uma amizade saudável.” (ASH2)</p>
	<p>“A minha expectativa era praticar uma atividade física que me desse prazer, e isso foi alcançado. Além disso, alcancei e aprendi muitas outras coisas, como sobre a filosofia do Karate.” (AW1)</p>
	<p>“Quando comecei eu era muito nova, só pensava em chegar na faixa preta. [...] mas hoje em dia percebo que praticando Karate ganhei muito mais que uma faixa.” (AW2)</p>
	<p>“Minha expectativa era de me sentir bem durante e após as práticas e elas foram alcançadas.” (AW3)</p>
	<p>“A explicação do termo ‘<i>Karate-Dō</i>’, ou caminho das mãos vazias foram apresentados no decorrer dos ensinamentos e aulas dadas, porém foi com estudo em livros que podemos entender que tal significado está aliado aos ensinamentos <i>ZEN</i>.” (AW5)</p> <p>“Sempre existem várias razões para o treinamento de uma arte marcial, e acredito que a auto-estima seja uma delas, podendo avaliar que esta foi alcançada dentro dos padrões possíveis.” (AW5)</p>

	<p>“O Karate me deu mais paciência, me ajudou a ter mais confiança e autoestima, me sinto mais seguro e tolerante com as pessoas, sinto-me mais rápido, ágil e mais capaz de tomar decisões rápidas. O Karate para mim virou um vício, sinto-me mal quando fico muito tempo sem treinar.” (AW6)</p> <p>“No começo minhas expectativas eram outras, queria somente saber quando iria aprender a lutar. Com o passar do tempo, aprendi que a luta não é o objetivo principal do Karate. Hoje, além dos ensinamentos preciosos do Karate, aprendi também a lutar [...]” (AW6)</p>
	<p>“Com o passar do tempo vi que arte em si era muito mais que chutes e socos bonitos, aí me dei conta que estava no lugar certo e aí minhas expectativas foram alcançadas.” (AS1)</p>

Quadro 10: Tabela de análise da categoria *Valores* - Professores.

Indicadores (subcategorias)	Valores (professores)
<i>Dōjōkun</i> (Normas do Local do Caminho/Treino)	“Um caminho de busca, a cada dia tentando conhecer-se melhor via treinamento. Uma arte também, também a busca.” (PG1)
	“O <i>Dōjōkun</i> dos diversos estilos, o <i>Go Dō Shin</i> , no caso específico do <i>Shitō-ryū</i> [...]devem ser enfatizados sempre.” (PS1)
	“[...] importante é que o instrutor viva isso em sua vida [...]” (PS1)
	“A etiqueta sustenta a arte [...] é seguida a risca em todas as aulas, erros de conduta são repreendidos imediatamente.” (PS1)
	“[...] tenho muito a melhorar, em todos os aspectos da minha vida [...] vou todo dia buscando ser um pouco melhor que no dia anterior... seja em práticas, seja em atitudes.” (PS1)
	“Eu diria que os axiomas do <i>nijūkun</i> e do <i>dōjōkun</i> podem render muitas reflexões, e os que mais me tocaram sempre foram ‘criar o intuito de esforço’ e ‘considere as mãos e pés de seus adversários como espadas’. Ambos influenciaram muito meu treinamento e forma de lutar.” (PSH1)
	“[...] ser um exemplo desse desenvolvimento que é possível atingir a partir dela [...]” (PSH1)
	“A busca da perfeição técnica implica para o oriental seguir uma trajetória que inclui a formação pessoal do próprio caráter da pessoa.” (PW1)
<i>Nijūkun</i> (Os Vinte Preceitos de Funakoshi)	“Um caminho de busca, a cada dia tentando conhecer-se melhor via treinamento. Uma arte também, também a busca.” (PG1)
	“[...] sempre melhorar para viver bem com outros e consigo mesmo, refletindo em cada dia enfrentando ou não dificuldades, sendo uma pessoa saudável e determinada.” (PG1)
	“[...] mestre Funakoshi já dizia em tempos remotos que o ‘Karate começa e termina com cortesia’.” (PS1)
	“[...] importante é que o instrutor viva isso em sua vida [...]” (PS1)
	“A etiqueta sustenta a arte [...] é seguida a risca em todas as aulas, erros de conduta são repreendidos imediatamente.” (PS1)
	“[...] tenho muito a melhorar, em todos os aspectos da minha vida [...] vou todo dia buscando ser um pouco melhor que no dia anterior... seja em práticas, seja em

	<p>atitudes.” (PS1)</p> <p>“Eu diria que os axiomas do <i>nijūkun</i> e do <i>dōjōkun</i> podem render muitas reflexões, e os que mais me tocaram sempre foram ‘criar o intuito de esforço’ e ‘considere as mãos e pés de seus adversários como espadas’. Ambos influenciaram muito meu treinamento e forma de lutar.” (PSH1)</p> <p>“[...] ser um exemplo desse desenvolvimento que é possível atingir a partir dela, além de buscar o constante aperfeiçoamento.” (PSH1)</p> <p>“[...] uma constante busca da perfeição, tomando como meio quaisquer atividades em que se esteja envolvido.” (PW1)</p>
Três pilares (<i>Kihon</i> , <i>Kata</i> e <i>Kumite</i>)	<p>“O <i>Kihon</i> é a parte física do karate; o <i>Kata</i> é o espírito, a essência, a arte, a tradição. Para fazermos um kata precisamos ter um corpo forte, saudável, preparado, disciplinado.” (PG1)</p> <p>“Sabe-se que toda construção necessita de um bom alicerce, em <i>Karate-Dō</i> esta fundação é o <i>Kihon</i>. A palavra <i>Kata</i> quer dizer forma, molde, modelo... e é justamente este ‘molde’ que distingue os diversos estilos. Digamos que o <i>Kata</i> passa a tradição técnica dos diversos estilos e que o <i>Kihon</i> dá sustentação para a técnica. Nenhuma das práticas deve ser negligenciada.” (PS1)</p> <p>“<i>Kihon</i> e <i>Kata</i> são fundamentais, são a base do treinamento. Todo <i>karateka</i> que não entende para que servem as técnicas do <i>Kata</i> e não consegue aplicá-las diretamente na luta não sabe o significado de cada movimento do <i>Kata</i> corretamente. Esta é uma falha bem comum na atual pedagogia empregada por muitos professores despreparados, onde <i>kihon</i> parece uma coisa, <i>kata</i> outra e <i>kumite</i> uma terceira, quando na verdade são apenas partes de um único continuum. (PSH1)</p> <p>“<i>Kihon</i> e <i>Kata</i> são exercícios de forma. São representações arbitrárias do que seriam os golpes de Karate, seja ele realizado de forma livre ou combinada. [...] Quem os criou, já sabia lutar, ou seja, <i>kihon</i> e <i>kata</i> foi criado como meio de formalizar uma prática, pois o que nos é colocado é que ali estão contidos os princípios básicos do Karate. Mas ninguém consegue lutar decentemente se treinar apenas <i>kihon</i> e <i>kata</i> [...]. Só quem sabe lutar é que pode separar e selecionar o que constituiriam princípios básicos e, por ali, utilizar isto numa luta. [...] a forma [...] constituiria a última etapa da formalização de uma prática. O Mestre que “formalizou” assim estes movimentos precisou, antes, percorrer todo um caminho que lhe permitiu testar, reajustar, aprimorar, corrigir e, por fim, tentar decompor todo aquele processo, e desta forma, reduzi-lo a um componente mínimo, que representaria uma espécie de ‘fotografia’ [...] de um movimento específico. [...] o melhor ângulo ou foto para expressar todo um conteúdo que ele levaria anos para desenvolver. Utilizando um termo da linguística, o <i>kihon/kata</i> seria os significantes enquanto os movimentos a que eles se referem (dentro de um contexto real de luta) representaria o significado. Num ambiente de arte marcial clássico, o Mestre trabalha estas questões de forma integrada [...]. O que penso ser necessário o professor de Karate ter claro são estas diferenciações entre a luta e a representação da mesma. Já ouvi muitos professores e praticantes de artes marciais dizendo de forma automática, sem pensar, que <i>kihon</i> e <i>kata</i> é que leva ao aprendizado da luta. Alguns inclusive não realizam prática de lutas sem antes o aluno estar dominando <i>kihon</i> e <i>kata</i>. E é muito comum ouvir de professores e alunos graduados que sem um bom <i>kihon</i> e <i>kata</i>, não seria possível haver um bom <i>kumite</i>. Isso soa tão absurdo como se disséssemos que sem exercitar a cópia de letras e palavras exaustivamente, jamais seríamos bons escritores. As letras e palavras são ‘significantes’ arbitrários, ou seja, meras representações assim como o <i>kihon</i> e <i>kata</i>.” (PW1)</p>
<i>Reigi</i> (etiqueta)	<p>“A etiqueta pelas saudações, reverências, atitudes no <i>Dōjō</i>, respeito, humildade, aprimorar o caráter, tudo leva a um crescimento integrado no Karate.” (PG1)</p>

	<p>“A etiqueta sustenta a arte, o mestre Funakoshi já dizia em tempos remotos que o ‘Karate começa e termina com cortesia’. Tenho por costume cobrar a etiqueta de forma ainda mais rígida que a técnica. Erro técnico pode ser facilmente corrigido [...]. A etiqueta, por sua vez, não pode ser vista claramente e erros de caráter são difíceis de ser corrigidos. Sendo assim, a ênfase deve ser colocada sobre a etiqueta para que, de tanto praticá-la, torne-se algo natural.” (PS1)</p> <p>“A etiqueta é seguida a risca em todas as aulas, erros de conduta são repreendidos imediatamente.” (PS1)</p>
	<p>[...] tão importantes quanto as citadas “<i>kihon, kata e kumite</i>”, apenas operam em dimensões diferentes do praticante. Sem elas é impossível desenvolver de forma integral uma pessoa que decide participar do treinamento do <i>Karate-Dō</i>. (PSH1)</p>
	<p>“Qualquer prática precisa estar contextualizada. Considerar a etiqueta [...] desvinculada/descontextualizada do contexto do aluno não traz nenhum benefício tanto ao aluno quanto ao professor. Estas práticas têm que ter algum motivo para estar ali, não apenas porque são utilizadas em aulas de artes marciais.” (PW1)</p>
Valores em geral	<p>“Iniciei minha prática de <i>Karate-Dō</i> com o objetivo de condicionamento físico e defesa pessoal.” (PS1)</p> <p>“Minha hierarquia de vida segue a seguinte ordem: Deus, Família e Karate. Todos habitam meu coração e se refletem em minhas atitudes... manifestando-se em cada uma de minhas palavras, de meus gestos... enfim de qualquer forma de expressão do meu ser.” (PS1)</p> <p>“[...] todos os ensinamentos que têm por objetivo transformar o Ser Humano em algo melhor... em elevá-lo espiritualmente, devem ser enfatizados sempre. [...] algumas virtudes que devem ser cultuadas no <i>Dōjō</i> e na vida para que consigamos nos elevar e nos aproximar da divindade: humildade, sinceridade, determinação, cortesia, autocontrole, etc... são exemplos que devem ser pregados e praticados pelos artistas marciais, caso contrário, a prática se torna vazia e sem sentido.” (PS1)</p> <p>[...] importante é que o instrutor viva isso em sua vida ou suas palavras não terão a força do exemplo [...] (PS1)</p> <p>[<i>Karate-Dō</i>] “Caminho das Mãos do Vazio. A expressão reflete o caminho espiritual que essa prática apresenta para mim.” (PSH1)</p>

5.3 Categoria 3: Educação em Valores

A despeito de todas as suas vertentes atuais, o *Karate-Dō* é, acima de tudo, uma disciplina de educação e desenvolvimento pessoal (formação) que se utiliza de práticas de luta para alcançar seu fim. Essa foi a proposta idealizada pelos mestres contemporâneos para sua inserção nas escolas de Okinawa e do Japão, bem como para a difusão de sua prática de maneira geral e inserção no sistema de *Budō* japonês (FUNAKOSHI, 2000). Portanto, com a categoria em questão, buscamos (re)encontrar, através das entrevistas, a

relação que a transmissão de Valores no *Karate-Dō* possui com seu caráter de ensino formal educativo e os reflexos que isso deixa na vida de seus praticantes.

Foi dividida em subcategorias/indicadores, sendo elas: *Educação em Valores*, que expõe a interpretação da forma percebida que deve ocorrer o processo de transmissão de valores, bem como a compreensão de saberes e valores necessários nessa educação; *Formação* reúne a compreensão do que foi/deve ser passado e os reflexos na vida de cada um, seja professor ou estudante. O Quadro 11 reúne a análise das entrevistas dos alunos e o Quadro 12, a análise das respostas dos professores.

Quadro 11: Tabela de análise da categoria *Educação em Valores* - Alunos.

Indicadores (subcategorias)	Educação em Valores (alunos)
Ensino de Valores	<p>“Acredito que ser um <i>karateka</i> é algo mais que um simples praticante de uma modalidade esportiva [...]. (ASH1)</p> <p>“Acredito que o respeito aos demais, a cortesia e o autocontrole são mais relevantes, pois interferem de maneira muito direta no nosso convívio em sociedade.” (ASH1).</p> <p>“O respeito, a humildade e o autocontrole que deve ser desenvolvidos em função das situações adversas que podem ocorrer [...].” (ASH1)</p>
	<p>“Ser um <i>karateka</i> é ter um estilo de vida baseado nos ensinamentos do Karate (<i>Dōjōkun</i>).” (ASH2)</p>
	<p>“Para mim, ser <i>karateka</i> é ser praticante do karate, entendendo a sua essência e filosofia e isso reflete na minha vida, primeiro porque me dá satisfação e alegria [...].” (AW1)</p>
	<p>“Ser um <i>karateka</i> é ser uma pessoa disciplinada, educada, compreensiva, com alto de poder de concentração, paciência e autocontrole.” (AW2)</p>
	<p>“O professor [...] sempre enfatizou a questão ‘filosófica’ do Karate, trazendo questões morais e comportamentais e instigando o questionamento de nosso comportamento durante as aulas e a aplicação na vida ‘normal’.” (AW3)</p>
	<p>“Ser um <i>karateka</i> é possuir a mente e o corpo em harmonia.” (AW4)</p>
	<p>“Ser <i>karateka</i>, além de treinar o Karate, é apresentar condutas condizentes com os ensinamentos que a arte marcial proporciona, buscando equilíbrio em suas ações e a perfeição com seus atos, seja técnico ou não, porém esta será sempre inatingível.” (AW5)</p>
	<p>“O <i>Karate-Dō</i> é uma forma de se evoluir como pessoa e também é uma forma onde o praticante adquire perícia em defesa pessoal.” (AS1)</p>

Formação	<p>“Inicialmente não tinha muitas expectativas, as desenvolvi conforme meu entendimento da prática foi crescendo [...]” (ASH1)</p> <p>“Vejo que ser uma <i>karateka</i> interfere muito no meu modo de agir e pensar sobre determinadas coisas que acontecem diariamente, muitas vezes o que aprendi nas aulas de Karate meu ajuda a superar dificuldades existentes no cotidiano.” (ASH1)</p> <p>“[...] Alguns deles já consegui incorporar, enquanto outros ainda não.” (ASH1)</p>
	<p>“Em vario momentos da minha vida evitei algumas reações, pois estas entravam em conflito com os princípios do Karate.” (ASH2)</p> <p>“O elemento básico da postura comportamental do Karate que considero mais relevante é o respeito. Por que é a base do convívio social. Pratico e já o incorporei.” (ASH2)</p>
	<p>“[...] me faz pensar no caminho que tenho a percorrer dentro desta arte marcial, buscando o melhor desempenho possível para mim, em cada tempo/momento, livre de qualquer interferência externa.” (AW1)</p> <p>“[...] isso é uma das coisas que reflete na vida em geral, quando estamos envolvidos com o karate, ou seja, devemos dar o máximo que podemos para tudo que realizamos.” (AW1)</p>
	<p>“Percebo que nos estudos tenho disciplina e facilidade em me concentrar, o que reflete nas minhas notas da faculdade.” (AW2)</p> <p>“[...] hoje em dia percebo que praticando karate ganhei muito mais que uma faixa.” (AW2)</p> <p>“Quando se começa a treinar com seriedade, esses ensinamentos se incorporam em nossa vida sem nem percebermos.” (AW2)</p> <p>“Aqueles que apliquei na minha vida. Principalmente a disciplina, autocontrole, paciência e compreensão.” (AW2)</p>
	<p>“O Karate me ajudou em me sentir seguro fisicamente e emocionalmente pela perda do medo do contato físico por agressão. Nunca me envolvi em brigas, embora tenha passado por momentos de tensão e agressão, com certeza pelo controle emocional que adquiri “enfrentando a morte”. [...] Atualmente ainda aplico conceitos e entendimentos que adquiri durante a prática do Karate e principalmente de meu <i>Sensei</i> [...]” (AW3)</p> <p>“Durante muito tempo eu forcei meu corpo além do limite e não me sentia bem. Após alguns anos entendi a questão do relaxamento e da postura natural e passei a me sentir muito bem.” (AW3)</p> <p>“[...] por pesquisa própria li muito sobre <i>Zen</i>, budismo, <i>Bushido</i> e Práticas Marciais.” (AW3)</p> <p>“A prática constante é a melhor forma de enfrentamento das dificuldades para permitir a superação e a evolução. A realidade final (luta) ainda é o objetivo final, a teoria (filosofia) é bonita mas tem de ser útil para aplicação ou não faz sentido para a vida. A perda do medo da morte é o único caminho que permite a vida plena.” (AW3)</p>
	<p>“Na minha vida, refletiu e reflete num contato mais autêntico e fiel com tudo que está ao meu redor, principalmente as pessoas e a natureza, aquilo que está vivo mas não está dentro de mim. Acredito ter sido fundamental para meu crescimento... [...] a causa e o efeito não ficam muito claros... e é essa certeza e incerteza da ordem dos fatos combinada que, para mim, define o que é ser um <i>karateka</i>. O que me fez foi o meu <i>Karate</i>, e quem fez o <i>Karate</i> para mim fui eu.” (AW4)</p> <p>“[...] eu não comecei a prática com grandes ambições, não pretendia nem ao menos ser um faixa preta um dia, ou lutar em campeonatos. Acredito que até hoje, estando</p>

	<p>mais perto da faixa preta eu ainda não tenho a expectativa de ser um faixa preta um dia. Pode parecer estranho, mas minha expectativa é estar presente no <i>Dōjō</i>, da mesma forma que estar presente na vida fora dele. As conquistas aparecem mais como consequências da prática diária.” (AW4)</p> <p>“Flexibilidade para filosofar e praticar. Caso o praticante encare de outra forma, acaba em situações confusas... acaba por colocar mestres em posições glorificadas, acaba por encarar a prática como razão única de sua existência, acaba por deixar de enxergar a verdadeira simplicidade da vida [...]” (AW4)</p>
	<p>“Eu em meus 14 anos de pratica dentro do <i>Karate-Dō</i> e outras artes aprendi a me autocontrolar nas mais diversas situações, coisa que antes raramente fazia, aprendi a ser mais disciplinado no meus afazeres (trabalho e estudo), a respeitar tudo e todos, porque cada coisa tem um porque e todos, sem exceção, merecem respeito.” (AS1)</p>

Quadro 12: Tabela de análise da categoria *Educação em Valores* - Professores.

Indicadores (subcategorias)	Educação em Valores (professores)
Ensino de Valores	<p>“No início, pensava apenas em repassar o que aprendia, a cada dia; depois, comecei a pensar em divulgar o <i>Karate-Dō</i> [...]. Aos poucos fui levando alunos a gostarem também do Karate e junto a eles o crescimento, sempre fazendo-os entenderem que essa arte marcial é uma busca de aprimoramento como pessoa.” (PG1)</p> <p>“É ser uma pessoa esforçada que busca sempre melhorar para viver bem com outros e consigo mesmo, refletindo em cada dia enfrentando ou não dificuldades, sendo uma pessoa saudável e determinada.” (PG1)</p> <p>“É preciso sempre inculcar no atleta que, competindo, ele está num prolongamento do seu <i>Dōjō</i>, para que ele não esqueça que antes de ganhar é importante estar ciente de fazer o seu melhor, esforçar-se para sair-se bem sem querer vencer só pelo fato de dizer-se o melhor.” (PG1)</p>
	<p>“Acredito no <i>Karate-Dō</i> como método de educação que envolve diversos valores [...]” (PS1)</p> <p>“O professor de artes marciais [...] deve ser visto como um educador. Ele cumpre este papel quando faz de sua própria vida um exemplo a ser seguido. [...] nem todo faixa preta tem condições de ser um professor, perito ou mestre. A graduação, [...] infelizmente não lhes dá esta condição. Acredito que tenho muito a melhorar, em todos os aspectos da minha vida... dizer que cumpro com a função de ser um exemplo vivo não condiz com a realidade. Porém, vou todo dia buscando ser um pouco melhor que no dia anterior... seja em práticas, seja em atitudes.” (PS1)</p> <p>“[...] importante é que o instrutor viva isso em sua vida ou suas palavras não terão a força do exemplo [...] de fazer com que o aluno queira ‘imitá-lo’ até que tenha sua própria capacidade, discernimento e autonomia.” (PS1)</p> <p>“O orgulho, a mentira, a preguiça, a falta de educação, o descontrole, etc... devem ser repreendidas para que deem espaço para as virtudes mencionadas acima.” (PS1)</p> <p>“[...]os valores devem estar presentes conosco em tempo integral. O instrutor não pode se dar ao luxo (para não dizer irresponsabilidade) de optar por não trabalhá-los.” (PS1)</p>
	<p>“Comecei a dar aulas em um período em que estava imerso no mudo competitivo. Pensava em ser e depois formar grandes atletas.” (PSH1)</p> <p>“Vejo como uma responsabilidade conhecer as diferentes dimensões dessa arte e ser um exemplo desse desenvolvimento que é possível atingir a partir dela, além de buscar</p>

	<p>o constante aperfeiçoamento.” (PSH1)</p> <p>“Cada um cumpre esse papel compartilhando o que aprendeu daqueles que vieram antes dele nessa tradição.” (PSH1)</p> <p>“[...]oferecer condições para que sejam formados ‘cidadãos’ preparados para ‘lutar’ pelos seus direitos, mas também cientes dos seus deveres e não apenas preparar ‘lutadores de Karate’.” (PW1)</p> <p>“Quando de fato tive minha primeira turma, comecei a me preocupar em como poderia ajudar o aluno nesta formação e busca pessoal [...] comecei a levar para o Karate as questões relativas a aprendizagem com que estava trabalhando [...]” (PW1)</p> <p>“<i>Karateka</i> é quem segue os princípios básicos do Karate, ou seja, uma constante busca da perfeição, tomando como meio quaisquer atividades em que se esteja envolvido.” (PW1)</p>
Formação	<p>“Incentivar o aluno a crescer com o Karate, pelas técnicas chegar a um objetivo de viver bem. Na prática, o professor é o modelo a ser seguido. Por mais de 3 décadas ensinando, sempre com alunos junto, vendo progressos, acho que tenho conseguido cumprir razoavelmente bem meu papel de instruir.” (PG1)</p> <p>“É meu ponto de vista que ensinamentos que colaboram para a formação do caráter do indivíduo não podem ou devem ser mensurados.” (PS1)</p> <p>“<i>Karateka</i> é aquela pessoa que tornou-se a “casa”, o “lar”, a “morada” onde o Karate habita. [...] é fácil encontrar por aí muitos praticantes de Karate, porém aqueles que são <i>Karateka</i> sempre serão uma minoria.” (PS1)</p> <p>“Apresentar às pessoas uma outra visão de mundo e facilitar àqueles que se identificam com essa visão que percorram esse caminho. [...] procuro mostrar outra forma de viver para os estudantes e lhes passar os vários conhecimentos que adquiri com a prática do <i>Karate-Dō</i>”. (PSH1)</p> <p>“Quando de fato tive minha primeira turma, comecei a me preocupar em como poderia ajudar o aluno nesta formação e busca pessoal e também em como eu poderia me aperfeiçoar mais nesta prática. Como na ocasião já estudava psicologia e trabalhava em pesquisas envolvendo aprendizagem [...] comecei a levar para o Karate as questões relativas à aprendizagem com que estava trabalhando [...]” (PW1)</p> <p>“Quanto ao sufixo ‘<i>Dō</i>’, ele permeia todas as artes marciais japonesas [...] possui uma conotação de ‘caminho’, no sentido de uma trajetória [...] para dominar tal técnica, onde além da destreza, estão implicadas outras habilidades e competências que, na cultura oriental, devem estar intimamente ligadas com o domínio da técnica. A busca da perfeição técnica implica para o oriental seguir uma trajetória que inclui a formação pessoal do próprio caráter da pessoa.” (PW1)</p> <p>“A parte que considero essencial é o processo de formação do <i>karateka</i>, o caminho pelo qual ele percorre assistido pelo Mestre e colegas mais graduados. [...]o Mestre acompanha cada etapa da caminhada do seu discípulo, orientando de forma individualizada e apropriada ao nível do discípulo. [...] trabalha o discípulo não apenas para lutar Karate, mas faz desta atividade uma ponte para um aprendizado muito mais profundo, o de lutar pela vida, mas sabendo respeitar todos aqueles que contribuem para o aprendizado deste aluno. Neste modelo, Mestre, Discípulo e Colega de treinamento possuem o mesmo valor. Se faltar um deles, a aprendizagem não terá a mesma eficiência. Esse caráter formativo está se perdendo nos tempos atuais. Há uma ênfase maior no “treinamento”, no domínio da técnica, no adestramento. O caráter formativo pode até acontecer, mas é mais regra do que exceção.” (PW1)</p> <p>“Aqui retomamos [...]a questão da formação. Ela precisa propiciar que o aluno possa comparar os valores que traz consigo com aqueles propostos pelo Karate/professor e poder ser orientado de forma que haja um entendimento sobre quais são relevantes e</p>

	quais poderiam ser descartados ou mesmo modificados [...]” (PW1)
--	--

6 DISCUSSÃO - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

6.1 Categoria 1: Educação

A Educação nas artes marciais ocorre de forma ímpar, pois está associada a diversos valores da prática em que se vincula, sendo o *Karate-Dō* um exemplo disso; e, sendo encarado como uma prática de desenvolvimento pessoal, não poderia se limitar à transmissão de conhecimentos, como toda a Educação deve ser (FREIRE, 2004). Segundo o professor PW1, “o papel do professor de artes marciais [...] é similar ao papel de qualquer educador. Ele precisa oferecer condições para que sejam formados ‘cidadãos’ preparados para ‘lutar’ pelos seus direitos, mas também cientes dos seus deveres e não apenas preparar ‘lutadores de Karate’.” Isso vai ao encontro dos relatos dos outros professores: o professor PG1, por exemplo, nos explica que um de seus objetivos é “incentivar o aluno a crescer com o Karate, pelas técnicas chegar a um objetivo de viver bem”, enquanto o professor PSH1 nos relata: “procuro mostrar outra forma de viver para os estudantes e lhes passar os vários conhecimentos que adquiri com a prática do *Karate-Dō*.” Já, PS1, diz: “acredito no *Karate-Dō* como método de educação que envolve diversos valores que possibilitam formar um ser humano melhor.” Tais ideias encontram eco no imaginário dos demais praticantes, como afirma o aluno ASH1: “[...] por ser uma arte marcial com rígidos princípios de conduta somos pessoas com uma educação diferente das demais pelo fato dos valores que consideramos importantes serem um pouco diferentes dos demais [...]”. Há até quem indique algo de caráter espiritual/sagrado, conforme indica PSH1 ao afirmar que o *Karate-Dō* “[...] reflete o caminho espiritual que essa prática apresenta para mim [...]”, mesmo que a prática não seja vinculada diretamente a tais conceitos.

Um dos pontos mais importantes no ensino das artes marciais é a transmissão oral. Esta tem sido a principal forma de manutenção dessas práticas, na qual o professor transmite seus conhecimentos diretamente ao aluno (FROSI, OLIVEIRA & TODT, 2008). Todos os professores entrevistados tiveram acesso a essa forma de ensino, conforme o exemplo de PS1, ao falar de seu *sensei*: “ele tinha o costume de passar algum ensinamento através de

provérbios antigos relacionados à prática marcial.” O professor PW1, no entanto, teve acesso a tais conteúdos por questão da cultura de sua família: “Como venho de família oriental, muitos desses princípios [...] passam de pai para filho, do mais velho para o mais novo. O povo japonês [...] trazia consigo esta formação voltada para a disciplina ferrenha e luta contra as adversidades.” Esse costume da transmissão oral parece se manter nas aulas, conforme o aluno AW4, quando fala das aulas assistidas com seus colegas: “costumávamos sentar ao final das aulas e conversar sobre aspectos da prática, sobre valores, etc”. Isso é reforçado por seu colega de treino, AW5, quando afirma que os “ensinamentos foram passados durante conversas e aulas com diversos professores e mestres.” Além disso, esse relato, bem como outros do quadro 1, nos mostra que não é só do professor regular que vêm a transmissão oral, mas dos vários professores e mestres que conheceram ao longo de sua caminhada.

Quanto à leitura, os professores parecem a considerar tão importante quanto a transmissão oral, mesmo que a iniciativa pela busca dessa literatura tenha vindo por outros meios que não seus *sensei*. PG1 conta-nos: “sempre li muito sobre artes marciais, muito mais por minha iniciativa mesmo.” Já PS1 nos relata que foi a transmissão oral de conhecimentos que o levou a buscar os livros: “[...] *Sensei* [...] tinha o costume de passar algum ensinamento através de provérbios antigos relacionados à prática marcial. [...] despertou em mim interesse por conhecer mais [...] e foi assim que, por iniciativa própria passei a buscar literatura especializada na área.” Esse método de ensino se manteve com os alunos, pois todos tiveram acesso à literatura de sua prática por indicação de professores e colegas, ou até mesmo, por iniciativa própria, conforme AW2: “já li um livro sobre Karate, mas não lembro o nome. Eu mesma o encontrei na biblioteca da Sogipa.” É interessante identificar que há ocorrência, também, de leituras na *internet* e de outras publicações não específicas do *Karate-Dō*, como ocorre com AW3: “[...] por pesquisa própria li muito sobre *Zen*, budismo, *Bushidō* e Práticas Marciais.” Apenas o aluno AW6 não teve indicação clara de uma leitura mais filosófica por parte de seu professor, mas teve acesso à bibliografia da parte técnica.

As práticas meditativas possuem grande importância do ponto de vista de alunos e professores, desde que bem direcionadas. De acordo com ASH1, “a meditação, se corretamente explicada, é muito importante para aumentar a concentração [...]”, além de ser, do ponto de vista de AW4, “um desafio de autocontrole e aceitação do imperfeito para

se atingir o melhor possível.” O professor PW1 orienta que “qualquer prática precisa estar contextualizada. Considerar a [...] meditação desvinculada/descontextualizada do contexto do aluno não traz nenhum benefício [...]. Estas práticas têm que ter algum motivo para estar ali, não apenas porque são utilizadas em aulas de artes marciais.”

Igualmente importante é o ensino pelo treinamento físico. O *Karate-Dō* é, sem dúvida, uma prática corporal e, como tal, não pode ser vivenciada em sua plenitude apenas com estudos literários e/ou verbais (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005; FUNAKOSHI, 2000). Quanto a isso, PG1 nos afirma que “no Karate tudo vem a partir do treino dos golpes, da técnica.” Diversos relatos de alunos reforçam essa Educação via Corpo. O aluno ASH2 que através do treino físico “é possível desenvolver um espírito forte e ao mesmo tempo sublime”. Para isso, no entanto, o *karateka* deve se dedicar em suas tarefas, conforme nos conta AW1, cujo professor “sempre dizia que cada golpe deve ser pensado e executado como se a vida dependesse daquilo (para nunca praticarmos com má vontade) [...]. É nesses momentos que aperfeiçoamos nossa prática.” O treino físico, portanto, trata da prática em si dos ensinamentos, de sua aplicação real. Quanto a isso, AW3 comenta que “a aplicação sem forma causa vícios e ‘paralisa’ da evolução do praticante”; além de nos relatar que “durante muito tempo eu forcei meu corpo além do limite e não me sentia bem. Após alguns anos entendi a questão do relaxamento e da postura natural e passei a me sentir muito bem”, ou seja, um exemplo prático (físico) dos valores trabalhados em aula.

A competição esportiva, no entanto, não é encarada por todos os professores de maneira igual, enquanto ferramenta pedagógica. O professor PG1 afirma que “na competição eleva-se mais o esportivo do que filosófico [...] o querer ganhar faz crescer em excesso a vontade de ser o melhor.” Isso é apoiado por PS1, quando diz que a competição “[...] hoje é o contrário do que se espera dela. Incentiva a rivalidade, o ganhar a qualquer custo [...], o desrespeito ao oponente e a arbitragem... Enfim, estamos quase iguais ao futebol.” Apesar disso, ambos parecem concordar com PW1 que diz que tudo “depende da forma como o professor aborda a questão. Ele precisa questionar que valores ele [...] traz consigo, quais os alunos traz [...] e o que a arte marcial propõe [...]”, mesmo que isso não corresponda à preparação real da maioria dos professores. Já o professor PSH1 não expõe nenhum ponto negativo quanto às competições: “Na experiência vivencial, muitos princípios que estavam antes apenas na dimensão da teoria [...] acabam sendo experimentados pelo corpo, o que leva ao aprendizado real. [...] Em relação aos valores, acredito fortemente que

estão entranhados até mesmo na estrutura da competição.”. É importante salientar que, a despeito de qualquer ponto falho, todos os professores parecem concordar que a competição serve como uma prática válida para reforçar o processo educacional dos alunos, instigando-os a absorver os conteúdos corretos.

Isso parece estar refletido no entendimento dos alunos, que trazem diversos relatos sobre seu aprendizado em competições. Valores como respeito, humildade e etiqueta estão presentes em todas as suas entrevistas, a exemplo de AW4, que identifica que alguns dos principais aspectos nessa área são o “respeito ao próximo, respeito as suas características mentais e físicas.” Além disso, todo o conhecimento prático do corpo só pode ser posto à prova em uma aplicação real. Tendo em vista a evolução da sociedade e sua saída do modelo feudal, a modalidade esportiva do *Karate-Dō* é, em muitos contextos, o mais próximo da aplicação real de técnica que um praticante pode ter acesso. AW5 comenta que “a competição faz com que aflore o autoconhecimento em situações de estresse, sendo este controlado”, ou seja, ressalta a importância de se levar os conhecimentos o mais próximo possível da vida real. Isso é reforçado por AW3, que afirma que “a prática constante é a melhor forma de enfrentamento [...]. A realidade final (luta) ainda é o objetivo final, a teoria (filosofia) é bonita, mas tem de ser útil para aplicação ou não faz sentido para a vida. A perda do medo da morte é o único caminho que permite a vida plena.”.

6.2 Categoria 2: Valores

Apesar de não terem sido feitas perguntas específicas referentes aos valores que permeiam o *Karate-Dō*, muitos dos relatos demonstram que tais ensinamentos já estão incorporados na vida de seus praticantes e professores. Alguns entrevistados chegam a mencionar diversos preceitos do *Dōjōkun* e do *Nijūkun* sem se dar conta, enquanto outros os discutem abertamente.

No que se refere ao *Dōjōkun*, encontramos diversos depoimentos que referenciam a ele, especialmente àqueles que tratam de desenvolvimento de caráter, respeito, autocontrole e humildade. ASH1 comenta: “acredito que o respeito aos demais, a cortesia e o autocontrole são mais relevantes, pois interferem de maneira muito direta no nosso convívio em sociedade.” Aliás, *respeito* talvez seja o termo mais (re)lembrado pelos

participantes da pesquisa, surgindo praticamente em todas as entrevistas, como no exemplo de ASH2, que comenta que “o elemento básico [...] mais relevante é o respeito. Por que é a base do convívio social [...]”. Ou seja, uma sociedade em que os indivíduos não tenham respeito ao próximo e a si mesmo não seria funcional. Isso é encontrado diretamente nos escritos de Goulart (2011b), que reúne os principais *Dōjōkun* dos diferentes estilos em seu trabalho, que mostra indiretamente a importância do respeito e da etiqueta presentes no *Karate-Dō*. Há quem tenha referenciado diretamente o *Dōjōkun*, como foi o caso de ASH2: “ser um *karateka* é ter um estilo de vida baseado nos ensinamentos do Karate (*Dōjōkun*).”

Encontramos, inclusive, referências aos ensinamentos de *nutrir espírito de esforço, desenvolvimento de caráter e evitar ímpetos violentos* nos relatos de ASH2 (“[...] são exercícios exaustivos e de muita repetição que exigem muito da postura mental.”), AW1 (“[...] devemos desviar o golpe e, se necessário, contra atacar (eu penso nisso para a vida em geral, e tento praticar, no sentido de esperar e dar espaço para o outro) [...]”) e AW3 (“O enfrentamento do inimigo interno sempre foi o principal ensinamento. A maior batalha é contra nós mesmos.”). O relato de AW4, no entanto, talvez seja o que melhor representa o espírito de não-agressão que permeia a prática do *Karate-Dō* presente no *Dōjōkun*: “Para mim, atacar é muito mais agressivo que o contra-ataque... soa muito mais como uma iniciativa do sujeito do que uma defesa contra as situações em que este sujeito está inserido.” Da mesma maneira, AW5 consegue exprimir de forma clara a importância da dedicação em seu Caminho: “gosto de buscar a perfeição, seja no aspecto técnico ou profissional, mesmo sabendo que este não será atingido”; claramente levando os ensinamentos do *Karate-Dō* para sua vida como um todo.

Isso, aliás, é retratado em dois ensinamentos do *Nijūkun* (*O Karate vai além do Dōjō e Aplique o que aprende no Karate em todas as coisas. Isso é o que ele tem de belo*). A referência a esses e os outros ensinamentos que compõem os 20 propostos por Funakoshi e Nakasone (2005) são discutidos em grande parte dos relatos, como mostra AW1 ao relatar alguns dos valores que considera importante: “respeito ao próximo; concentração; seriedade; agir com vontade dentro e fora do *Dōjō*.” Mais que isso, de acordo com AW2, “quando se começa a treinar com seriedade, esses ensinamentos se incorporam em nossa vida sem nem percebermos.” Sem referenciar diretamente ao *Nijūkun*, AW3 afirma que:

“O enfrentamento do inimigo interno sempre foi o principal ensinamento. A maior batalha é contra nós mesmos. O parâmetro final é a autossuperação e

a não a superação do inimigo. O inimigo muda, nós somos nossos próprios pontos fracos e fortes e somos o único ponto de real controle que temos. [...] A prática constante é a melhor forma de enfrentamento das dificuldades para permitir a superação e a evolução.”

Aqui ele incorpora, de forma natural, diversos dos preceitos que encontramos no *Nijūkun* (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005): *Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros; O pensamento acima da técnica; O infortúnio resulta de um descuido (negligência); O Karate vai além do Dōjō; O Karate deve ser cultivado durante toda a vida; O Karate é como água fervente: sem calor, torna-se água fria; Não pense em vencer, pense em não ser vencido; Adapte-se de acordo com o adversário; O resultado de uma batalha depende de como encaramos o vazio e o cheio; e Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho.*

Encontramos ainda outros relatos que tratam da postura mental e corporal que o praticante deve ter, conforme o *Nijūkun*: “[...] penso também que o pensamento deve estar ‘vazio’ de coisas que possam interferir no aprimoramento das técnicas.” (AW1); “Encaro [o Karate] muito mais como uma prática de harmonização interna com o externo.” “[...] minha expectativa é estar presente no *Dōjō*, da mesma forma que estar presente na vida fora dele.” (AW4).

Ainda sobre o *Dōjōkun* e o *Nijūkun*, são diversos os relatos dos professores que ressaltam a importância do exemplo; seja na forma a de um ato ou *sendo* um exemplo vivo aos alunos. O professor PS1 afirma que o “[...] importante é que o instrutor viva isso em sua vida [...] tenho muito a melhorar, em todos os aspectos da minha vida [...] vou todo dia buscando ser um pouco melhor que no dia anterior... seja em práticas, seja em atitudes”; tal qual sugere PSH1, ao afirmar que o sensei deve “[...] ser um exemplo desse desenvolvimento que é possível atingir [...]”. Alguns fazem referência direta aos ensinamentos, como PS1, ao afirmar que “[...] mestre Funakoshi já dizia em tempos remotos que o ‘Karate começa e termina com cortesia”; e PSH1: “[...] os axiomas do *Nijūkun* e do *Dōjōkun* podem render muitas reflexões, e os que mais me tocaram sempre foram ‘criar o intuito de esforço’ e ‘considere as mãos e pés de seus adversários como espadas’ [...]”. (PSH1). Já o professor PW1 relembra outro ponto importante presente no *Nijūkun* (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005), fazendo onexo entre a prática e o desenvolvimento do indivíduo: “A busca da perfeição técnica implica, para o oriental, seguir uma trajetória que inclui a formação

peçoal do próprio caráter da pessoa.” Todos estes depoimentos remetem aos ensinamentos já citados, sendo que, no caso dos professores, ocorre um maior aprofundamento consciente dos ensinamentos expostos no *Nijūkun* e no *Dōjōkun*, enquanto que os alunos parecem mais intuir esses Valores.

Quanto aos Três Pilares do ensino do *Karate-Dō* (*kihon*, *kata* e *kumite*), todos os entrevistados ressaltam sua importância, cada um de acordo com seu entendimento. AW1 ressalta: “penso que é a base de todo o Karate, desde que os movimentos façam sentido para o praticante. É nesses momentos que aperfeiçoamos nossa prática.” Isso está de acordo com os demais relatos de alunos, que ressaltam esses elementos como a base da prática do *Karate-Dō*: “*Kihon* e *Kata* são a essência do treinamento de Karate, é com eles que refinamos nossa técnica, treinando nossa mente e corpo.” – AW5. Não há discrepância entre a compreensão dos alunos e dos professores, mas PW1 traz algo diferente em sua entrevista:

Kihon e *Kata* são exercícios de forma. São representações arbitrárias do que seriam os golpes de Karate [...]. Quem os criou, já sabia lutar, ou seja, *kihon* e *kata* foi criado como meio de formalizar uma prática, pois o que nos é colocado é que ali estão contidos os princípios básicos do Karate. Mas ninguém consegue lutar decentemente se treinar apenas *kihon* e *kata* [...]. Só quem sabe lutar é que pode separar e selecionar o que constituiriam princípios básicos e, por ali, utilizar isto numa luta. [...] a forma [...] constituiria a última etapa da formalização de uma prática. O Mestre que “formalizou” assim estes movimentos precisou [...] tentar decompor todo aquele processo, e desta forma, reduzi-lo a um componente mínimo, que representaria uma espécie de ‘fotografia’ [...] de um movimento específico. [...]. Utilizando um termo da linguística, o *kihon/kata* seria os significantes enquanto os movimentos a que eles se referem (dentro de um contexto real de luta) representaria o significado. Num ambiente de arte marcial clássico, o Mestre trabalha estas questões de forma integrada [...]. O que penso ser necessário o professor de Karate ter claro são estas diferenciações entre a luta e a representação da mesma. Já ouvi muitos professores e praticantes de artes marciais dizendo de forma automática, sem pensar, que *kihon* e *kata* é que leva ao aprendizado da luta. Alguns inclusive não realizam prática de lutas sem antes o aluno estar dominando *kihon* e *kata*. E é muito comum ouvir de professores e alunos graduados que sem um bom *kihon* e *kata*, não seria possível haver um bom *kumite*. Isso soa tão absurdo como se disséssemos que sem exercitar a cópia de letras e palavras exaustivamente, jamais seríamos bons escritores. As letras e palavras são ‘significantes’ arbitrários, ou seja, meras representações assim como o *kihon* e *kata*.

Esse depoimento traz diversas reflexões, sem menosprezar a afirmação de que os Pilares seriam a base do ensino. Em suma, PW1 expõe em sua entrevista que a prática descontextualizada da realidade não oferece significado real e que existem diversas formas de se chegar a um fim; trabalhar o fundamento e a forma seria, talvez, apenas um dos métodos, desde que aprofundada de maneira adequada e aplicada à realidade.

Quanto à parte da etiqueta (*Reigi*) propriamente dita, os professores são unânimes quanto a sua importância, desde que praticadas de forma correta. PS1 afirma que “a etiqueta sustenta a arte [...]. Tenho por costume cobrar a etiqueta de forma ainda mais rígida que a técnica. Erro técnico pode ser facilmente corrigido [...] erros de caráter são difíceis de ser corrigidos.” PSH1 indica que as práticas de *Reigi* são “[...] tão importantes quanto as citadas ‘*kihon, kata e kumite*’”, apenas operam em dimensões diferentes do praticante.”.

Há uma grande ênfase dos alunos quanto à importância da etiqueta em aula, como apontam ASH1: “A etiqueta é essencial em uma aula de Karate pela questão do respeito [...]”; e ASH2: “É importante no sentido de formalizar a aula.” A partir das entrevistas, o trabalho de ensino deste valor parece ser o menos transposto para a vida externa ao *Dōjō*. Há quem afirme sua relevância diretamente ligada ao ambiente da aula, como no caso de AW1: “Etiqueta, entendo como postura em aula, o que acredito que seja fundamental, principalmente por acreditar que atitudes de respeito ao próximo são essenciais dentro do Karate, o que vai levar um praticante a não agredir ou querer se sobressair pejorativamente ao outro.” Além dele, outros comentam sobre a importância desse elemento para que seja feita a transmissão de conhecimento da forma adequada, bem como respeitando as individualidades de cada aluno/colega. O relato de AW5, no entanto, se destaca por transportar esse valor a algo maior que o *Dōjō*: “A importância da etiqueta é o respeito pelas pessoas e coisas, hoje não valorizadas pela sociedade.” Além disso, AW4 compreende que

A etiqueta deve existir, mas deve ser experimentada de forma natural. Se estiver sendo realizada de forma forçada, apenas para cumprir regras, acho que o praticante precisa pensar. Se o fizer, precisa compreender as razões... se forem necessárias para que os valores se mantenham, então vale a pena, caso contrário, o mundo é livre para que o praticante busque outras opções.

Isso remete, novamente, a certos ensinamentos propostos no *Nijūkun* (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005), pois o verdadeiro *karateka* é aquele que consegue aplicar o que aprende no *Dōjō* em sua vida diária, estando atento ao Caminho e a sua evolução pessoal. Isso, claro, só pode vir com a experiência e a prática.

Por último, alguns alunos e professores apontaram certos Valores não classificados, propriamente, como da prática do *Karate-Dō*. Alguns de natureza física e estética (“Quando comecei a treinar eu queria principalmente obter uma melhor forma física, esse objetivo foi alcançado.” – ASH2) e outros ligados ao prazer da prática (“A minha expectativa era praticar uma atividade física que me desse prazer [...]” – AW1; “[...] me sentir bem durante e após as práticas [...]” – AW3). Há casos, também, de Valores de caráter pessoal, como de ASH2, ao afirmar que uma das coisas mais valiosas que aprendeu foi “a amizade. A maioria dos meus amigos são ex-colegas de treino. Apesar de não termos mais esse vínculo em comum, continuamos a compartilhar de uma amizade saudável.” Encerramos essa categoria com o relato de AW2, que mostra uma transformação de Valores em decorrência de sua prática: “Quando comecei eu era muito nova, só pensava em chegar na faixa preta. [...] mas hoje em dia percebo que praticando Karate ganhei muito mais que uma faixa.”

6.3 Categoria 3: Educação em Valores

Martinelli *et al.* (1998) nos aponta que uma educação baseada em valores deve ser pensada, primeiramente, a nível universal, para depois ingressar na esfera particular, estimulando a autoanálise, a autodescoberta e o autodesenvolvimento. Morin (2000) possui uma ideia similar ao afirmar que a Educação de vê ser primária e universal. Assim sendo, o bem comum deve vir antes do bem pertinente ao indivíduo (PLATÃO, 1996). Quanto a isso, PG1 comenta que ser um *karateka* “é ser uma pessoa esforçada que busca sempre melhorar para viver bem com outros e consigo mesmo, refletindo em cada dia, enfrentando ou não dificuldades, sendo uma pessoa saudável e determinada.” Isso corrobora com a ideia de PW1, que sugere que o *sensei* deve “[...]oferecer condições para que sejam formados ‘cidadãos’ preparados para ‘lutar’ pelos seus direitos, mas também cientes dos seus deveres e não apenas preparar ‘lutadores de Karate.” O mesmo professor nos relata: “Quando de fato tive minha primeira turma, comecei a me preocupar em como poderia ajudar o aluno

nesta formação e busca pessoal [...].” Isso está de acordo com os próprios valores explícitos nas diferentes formas de *Budō*, cujo objetivo é a formação de cidadãos mais capazes e fortes fisicamente, mentalmente e espiritualmente (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007; DRAEGER, 2007b). Podemos entender, então, que toda a busca pelo desenvolvimento pessoal implica em uma educação para o bem comum, Caminho (*Dō*) esse comum às artes marciais japonesas conhecidas como *Budō*.

O entendimento dos alunos não difere nesse quesito, conforme ASH1, ao ressaltar a importância de certos valores: “Acredito que o respeito aos demais, a cortesia e o autocontrole são mais relevantes, pois interferem de maneira muito direta no nosso convívio em sociedade.” Aqui, mais uma vez, encontramos ecos dos ensinamentos próprios do *Karate-Dō* enquanto um *Budō*, ou seja, atuando na formação de cidadãos mais capazes e preparados e, por conseqüência, de uma sociedade mais equilibrada. Sobre isso, AW5 ressalta que “ser karateka [...] é apresentar condutas condizentes com os ensinamentos que a arte marcial proporciona, buscando equilíbrio em suas ações e a perfeição com seus atos, seja técnico ou não, porém esta será sempre inatingível.”.

O professor PS1 ressalta a formação do indivíduo como algo ímpar em seu relato: “É meu ponto de vista que ensinamentos que colaboram para a formação do caráter do indivíduo não podem ou devem ser mensurados.” Aqui encontramos um grande valor atribuído à formação pessoal do cidadão, tal qual o exposto por PSH1 quando discorre sobre seu papel enquanto professor: “[...] procuro mostrar outra forma de viver para os estudantes e lhes passar os vários conhecimentos que adquiri com a prática do *Karate-Dō*”.

A preocupação com a formação dos alunos parece ser uma constante na vida dos professores entrevistados, a exemplo de PW1: “Quando de fato tive minha primeira turma, comecei a me preocupar em como poderia ajudar o aluno nesta formação e busca pessoal e também em como eu poderia me aperfeiçoar mais nesta prática.”. De acordo com o mesmo professor, “[...] o Mestre acompanha cada etapa da caminhada do seu discípulo, orientando de forma individualizada e apropriada ao nível do discípulo. [...] trabalha o discípulo não apenas para lutar Karate, mas faz desta atividade uma ponte para um aprendizado muito mais profundo, o de lutar pela vida.”.

Essa preocupação com uma educação em valores deixa suas marcas nos estudantes, como nos traz o relato de ASH1: “Vejo que ser uma *karateka* interfere muito no meu modo de agir e pensar sobre determinadas coisas que acontecem diariamente, muitas vezes o que

aprendi nas aulas de Karate me ajuda a superar dificuldades existentes no cotidiano.”. Fica claro, aqui, a transposição dos Valores transmitidos em aula para a vida diária dos *karateka* entrevistados. ASH2 chega a afirmar “em vários momentos da minha vida evitei algumas reações, pois estas entravam em conflito com os princípios do Karate”; algo parecido ocorre com os demais, pois, de acordo com AW1 “[...]devemos dar o máximo que podemos para tudo que realizamos.” Quando perguntado a AW4 o que é ser um *karateka*, em sua concepção, nos expõe:

Na minha vida, refletiu e reflete num contato mais autêntico e fiel com tudo que está ao meu redor, [...] aquilo que está vivo mas não está dentro de mim. [...] a causa e o efeito não ficam muito claros [...]. O que me fez foi o meu Karate, e quem fez o Karate para mim fui eu. [...] eu não comecei a prática com grandes ambições, não pretendia nem ao menos ser um faixa preta um dia, ou lutar em campeonatos. Acredito que até hoje, estando mais perto da faixa preta eu ainda não tenho a expectativa [...]. Pode parecer estranho, mas minha expectativa é estar presente no *Dōjō*, da mesma forma que estar presente na vida fora dele. As conquistas aparecem mais como conseqüências da prática diária.

Esses relatos mostram a correspondência entre os valores trabalhados pelos professores, de forma direta ou não, com o que o estudante percebe em sua vida. Mais que isso, transpõe esses valores para sua vida diária.

7 DISCUTINDO SOBRE VALORES

A questão dos valores é tão antiga quanto o próprio Homem e presente em todo o tipo de sociedade e cultura. Todos os povos que já estiveram e ainda estão espalhados pelo planeta se questionam sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o sentido da vida (FAGUNDES, 2001). Os valores de um povo são constituídos por sua dimensão cultural, que é refletida por seu modo de vida, suas atitudes, ideais, crenças, artes, ciências e, até mesmo, o desporto (BLACKBURN, 1997).

Quando se discute valores humanos está se falando no próprio homem, pois é ele que cria e transforma a realidade a sua volta a partir do que valoriza (INFANTE & SOUZA, 2003). O homem estaria, então, em uma eterna busca pelo aperfeiçoamento através dos diversos valores (HARO, 2009). Levando isso em consideração, Garcia (2004) apresenta os

valores humanos dispostos em sete categorias: (1) vitais ou econômicos; (2) práticos ou de utilidade; (3) hedonísticos ou de prazer; (4) estéticos ou de beleza; (5) éticos ou do bem; (6) religiosos ou do sagrado/divino; e (7) lógicos ou da verdade. Seu significado encontra-se esmiuçado na tabela 1.

Tabela 1: Escala de valores humanos; (adaptado de GARCIA, 2004).

Valores vitais	Ligados à necessidade de sobrevivência: alimento, proteção, etc. São vividos diariamente pelos animais.
Valores práticos	Ligados às habilidades necessárias para desempenhar alguma tarefa: cozinhar, costurar, caçar...
Valores hedonísticos	Indicam algo além da necessidade vital, relacionado ao prazer de fazer algo: por exemplo, escolha de alimentos.
Valores estéticos	Preocupação com as aparências e qualidades superficiais observadas.
Valores éticos	Ligados ao juízo entre o bem e o mal, o certo e o errado. Cada sociedade possui sua visão particular desse elemento.
Valores sagrados	Dizem respeito à doutrina em que o indivíduo vive, seja ela religiosa ou apenas como crença particular.
Valores lógicos	Originalmente suprimido do quadro do autor. Relacionados à busca da verdade através do raciocínio; o constante questionamento humano.

A partir disso, podemos identificar os valores como elementos importantes dentro da cultura humana. Eles variam e se adaptam conforme a sociedade necessita ou lhes é imposta. No mundo atual, por exemplo, podemos identificar uma grande ênfase quanto aos valores vitais, práticos, hedonísticos e estéticos, talvez devido ao fácil acesso a eles. Segundo Monteiro (2007, p. 61):

Os valores que deram origem à maioria dos conflitos vinculavam-se aos econômicos, aos de utilidade, aos religiosos, aos éticos e aos étnicos (...) imaginamos que os valores utilitários, estéticos, econômicos, práticos e hedonísticos são os mais fáceis de serem aplicados na vida individual e coletiva da atualidade.

A verdade, a ética e o sagrado parecem se perder em meio ao mundo atual, sendo utilizados, muitas vezes, como meios de manipular o público. Mas tais valores fazem parte de um conjunto que, apenas completo, representa o equilíbrio e a integridade do homem. Deve-se aprender a viver em harmonia entre os valores, sem esquecer-se de outros ao nos focarmos em um, ou seja, levar uma vida baseada *em* valores, não *pelos* valores (HARO, 2009).

Os valores servem de ponto de partida para as avaliações, justificativas e escolhas da vida da pessoa que os possui (TORREGROSA & LEE, 2000). O que nos leva a dizer que eles estão intimamente relacionados com as atividades que os indivíduos realizam em suas vidas. Diversos autores (GUTIÉRREZ, 2004; TORREGROSA & LEE, 2000; MAZO, 2011; SANCHÍS, 2009) estão caracterizando o contexto esportivo como um local com forte disposição ao desenvolvimento dos valores de seus praticantes, sendo o *Karate-Dō* incluído nesta área.

Em quase sua totalidade, as entrevistas ressaltam valores hedonísticos, éticos, lógicos e sagrados, que sugerem ao *karateka* uma preocupação maior com a sociedade e o bem comum do que com a satisfação pessoal. Apesar de aparecerem em alguns momentos, valores de ordem econômica ou estética parecem passar por uma reestruturação ao longo do processo de Educação em Valores que ocorre no *Karate-Dō*, perdendo sua importância frente ao bem comum e ao desenvolvimento pessoal.

8 SER UM KARATEKA

É costume chamar os praticantes de artes marciais por um nome específico, e o *Karate-Dō* não é exceção, pois quem o pratica é conhecido como *karateka*⁹⁶. No entanto, tal termo não é traduzido meramente como “praticante de Karate”. Nos países ocidentais não há uma definição muito clara disso, perdendo-se o significado mais profundo da palavra, o qual é encontrado nos ideogramas utilizados para escrevê-la.

Os primeiros ideogramas de *karateka* são simplesmente a escrita do nome *Karate* [空手], indicando no termo, a ligação com a referida arte marcial. O ideograma chave, no entanto, é o que se segue: *Ka* [家], sufixo que ao ser traduzido literalmente significa “casa”, “lar”. No entanto, no caso das artes marciais, pode ser interpretado como “especialista”, “alguém que se especializou em” (MICHAELIS, 2003; 2001). Ou seja, um *karateka* é aquele que se especializou em *Karate-Dō*, tornando-se assim “a casa (o lar) onde mora o Karate”.

Ao treinar, o aluno vai incorporando o *Karate-Dō* em sua vida, em seu dia a dia, passando a agir e pensar de acordo com o que foi aprendido. Isso é comum a todas as práticas do cotidiano, sejam esportivas ou não. Ao internalizar tais aspectos, tanto físicos

⁹⁶ [空手家] – especialista em Karate.

quanto mentais, a pessoa passa a ser um *karateka*, pois o que aprendeu no *Dōjō* já mora dentro de si como uma parte essencial.

Uma pessoa que treina apenas com o propósito de mudar de faixa e chegar à preta, mas negligencia o estudo da arte que pratica, não passa de um mero “praticante”, enquanto um aluno que praticou e estudou, tornou-se um *especialista* da sua arte. O mesmo pode ocorrer com um *karateka* graduado (faixa-preta) que sucumbiu à corrida por graduações, independente de quantas possuía. A diferença entre o “praticante” e um “especialista” é que um aprendeu a fazer corretamente os movimentos e se acomodou, enquanto o outro continua a estudar e a aprender o máximo que pode, seja na prática ou na teoria (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005).

O entendimento dos *karateka* entrevistados para este estudo empírico parece concordar com a literatura nesse sentido. As entrevistas demonstraram que, do ponto de vista dos participantes, sem dedicação é impossível atingir os ideais propostos em aula. Isso se aplica não só à técnica, mas ao conjunto de Valores que permeia o *Karate-Dō*.

9 UM CAMINHO DAS MÃOS PARA O VAZIO

Um ponto crucial para a compreensão da filosofia que permeia o *Karate-Dō* é a própria tradução correta desse termo. Tal entendimento, aliado aos textos e obras deixados por antigos mestres, pode proporcionar ao praticante a chance de obter um desenvolvimento mais apropriado em sua arte.

O termo *Karate-Dō* [空手道] é comumente traduzido para o ocidente como “Caminhos das Mãos Vazias”, levando-se em conta que é composto por três *kanji*: “*Kara* [空], que significa “vazio”; “*Te*” [手], que significa “mão(s)”; e “*Dō*” [道], que é “Caminho” ou “Via” (MICHAELIS, 2003; 2001). Aplicando certa lógica, a tradução mais óbvia seria a supracitada, levando em conta que o *Karate-Dō* se utiliza das mãos nuas para golpear, ou seja, não trabalha com armas em suas técnicas. No entanto, a leitura dos *kanji* pode nos proporcionar outras formas de interpretação.

Nas artes marciais japonesas, o caractere *Dō* [道], que significa “Via” ou “Caminho”, passou a ser usado no Período Meiji em substituição ao termo *Jutsu* [術], anteriormente

referido apenas à técnica de luta. Após essa substituição, um sentido filosófico mais amplo foi trazido para as artes marciais japonesas, que visaram preparar as pessoas para todos os aspectos da vida social, não apenas para a guerra. A principal busca no *Dō* se dá na edificação do cidadão pacífico, como forma de disciplinar o desenvolvimento integral, levando em conta seus aspectos internos (ligados à mente e ao espírito) e externos (ligados ao corpo) (SHERIDAN, HOWER & THOMPSON, 2007). O *Karate-Dō* faz parte do *Budō* moderno, portanto, segue a lógica desse paradigma.

Outro ponto a se destacar é a separação que o ocidente e, muitas vezes, o próprio Japão, faz do *Karate-Dō* das técnicas com armas, ou seja, do *Kobudō*. Sabe-se que o *Kobu-Dō* de Okinawa se originou na mesma época que o *Te* [手] ou *Tōde* [唐手], ocasião em que os agricultores (*peichin*) utilizavam suas ferramentas rurais para lutar. Apesar da maioria dos registros terem sido destruídos nos bombardeios da 2ª Guerra Mundial, indícios históricos apontam que os *peichin* desenvolveram o *Kobu-Dō* da região a partir do contato com artes de origem chinesa, na mesma época, de forma similar e para o mesmo fim que o *Karate-Dō*. Assim, essas duas artes marciais são possíveis irmãs e complementares uma da outra. Além disso, ambas as artes permanecem unidas em diversos estilos, a exemplo do que ocorre com o *Shitō-ryū*. Essa “separação” parece ocorrer quando a arte é levada ao Japão, visto que lá já havia um *Kobu-Dō* próprio (SHINZATO & BUENO, 2007), ou seja, ocorreu uma barreira de favoritismo nacional, impedindo que certos aspectos da arte migrassem para o novo território.

O caractere *Kara* [空] significa ‘Vazio’, mas não no sentido de ausência de objetos como interpretamos no ocidente. O vazio aqui representado é um dos cinco elementos presentes em uma *Pagoda* da tradição budista, sendo o elemento transcendente que conecta e integra todos os outros quatro (figura 15) (FUNAKOSHI, 1999; SCHUMACHER, 1995). O *Gorintō*⁹⁷, os cinco elementos da cultura mística do Budismo, é dividido em Terra, Água, Ar, Fogo e Vazio. A Terra se refere ao corpo e às pessoas; a Água se manifesta nas emoções, nos aspectos vitais e energéticos; o Fogo representa a mente e o pensamento; o Ar está relacionado à cultura e às tradições, à intuição; e o Vazio é o elemento que conecta e reúne todos os demais, representando a Consciência, a Iluminação (MUSASHI, 1996).

⁹⁷ [五輪等] – Cinco anéis / cinco elementos.

De acordo com os pensamentos Taoísta e Budista, o Vazio trata do espaço, do silêncio, é a ausência que permite a presença de todas as coisas, que abrange todas as formas. É a possibilidade de que tudo se manifeste. Por exemplo, antes de qualquer som que escutamos, existe um silêncio. Esse silêncio não é ausência do som, mas a potencialidade de que o som se manifeste. Se relacionarmos ao espaço, trata-se da potencialidade de que objetos lhe ocupem. O Vazio é a potencialidade que está na origem de tudo (KIT, 2010; MINICK, 1974). Partindo desses ajustes de tradução, quando falamos sobre *Karate-Dō*, nos referimos a um caminho filosófico que nos ampliará a consciência através da prática da arte marcial.



Figura 15: Uma representação do *Gorintō*, os elementos da tradição Budista.
Fonte: arquivo pessoal do autor, adaptado de Schumacher (1995) e Frosi (2012).

Aquele que esvazia sua mente se abre a todas as potencialidades do momento, sem julgamento ou preconceito, se adapta de acordo com a situação, reunindo as qualidades de todos os elementos em suas (re)ações. Mais do que técnicas de combate, o *karateka*⁹⁸ deve levar isso a todas as esferas de sua vida, mantendo-se centrado e aberto às possibilidades que surgem, pois o *Karate-Dō* não é praticado apenas no *Dōjō*⁹⁹, mas no dia a dia (FUNAKOSHI & NAKASONE, 2005; FUNAKOSHI, 2000).

Sendo o Vazio representado como um substantivo neste caso, uma possível tradução para o nome seria “Caminho das Mãos do Vazio” [空手道], conforme proposto por Frosi (2012), representando assim o elemento budista e a filosofia presentes em seu nome.

⁹⁸ [空手家] – “Onde mora o Karate”, termo usado para nomear praticantes de Karate.

⁹⁹ [道場] – “Local do Caminho”, termo usado para designar o local de prática de Karate.

Através do “Caminho das Mãos do Vazio”, o *karateka* pode desenvolver e ampliar a consciência, com base no elemento budista, rumo a uma formação ética e responsável. Com este conceito atrela-se o *Karate-Dō* a uma vertente mais espiritualista ou, até mesmo, religiosa, resgatando seus aspectos primordiais quando ainda era conhecida como *Te* (SHINJYO *et al.*, 2004; RAMOS, 2001).

No entanto, com base no referencial teórico e nas entrevistas dispostas neste trabalho, não parece ser esse o entendimento que a grande maioria dos *karateka* possui. Além disso, apesar de toda a filosofia inerente ao “Vazio” aqui comentado, a adaptação do nome se deu mais por conveniência do que por um viés espiritual; os japoneses talvez não tivessem aderido a uma arte chamada “Mãos Chinesas”, ainda mais se levarmos em conta o período histórico em que se encontravam. Ademais, o *Karate-Dō* atualmente não é entendido como um Caminho religioso, mas como um Caminho de Não-Violência, um *Budō*.

Como o objetivo maior de todo o *Budō*, o *Karate-Dō* trata do desenvolvimento pessoal e universal, um Caminho filosófico que guia para o bem comum. Ao retirarmos o componente religioso do Vazio, reestruturando-o em uma filosofia, ainda o mantemos como algo dentro da esfera sagrada, pois os Valores que o permeiam continuam os mesmos; muda apenas o viés em que se encontra. Se esse “Caminho” guia, deve guiar *para* algo. Sendo assim, “Caminho das Mãos *para* o Vazio” talvez exprima a totalidade dos valores trabalhados no *Karate-Dō*. Trata-se de um Caminho permanente rumo a um objetivo de perfeição, algo quase divino e inalcançável, no qual o *karateka* não busca o fim, apenas executa sua jornada. Não se trata de uma tradução nova (talvez nem seja possível, gramaticalmente), mas de um novo entendimento da prática.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concebida como uma prática para a sobrevivência, o *Karate-Dō* evoluiu para uma disciplina de evolução pessoal e social, permeada pelos mais altos valores. Isso parece se refletir em seus praticantes, especialmente os que gentilmente cederam seus depoimentos a este trabalho. Através do estudo realizado foi possível, ainda que de forma limitada, identificar a importância dos valores que permeiam a prática do *Karate-Dō* na vida de professores e alunos dessa arte marcial. Mais que isso, foi possível identificar quais são esses

valores e a forma com que são trabalhados atualmente, além de medir, de forma subjetiva, o impacto que possuem em sua formação enquanto cidadãos.

A figura do professor é uma das mais antigas do mundo, sendo este um dos grandes responsáveis pela transmissão de saberes e na formação do ser humano. Sua importância é evidenciada, tanto por parte dos estudantes quanto dos *sensei* entrevistados, atribuindo valor igual ou semelhante a qualquer professor de ensino formal, escolar ou similar. Na vida dos alunos, refletiu não só na prática física do *Karate-Dō*, mas incentivou-os a procurar leituras e outras novas formas de entendimento, não só de sua arte marcial, mas acerca da sociedade e, porque não, do mundo.

O modelo encontrado nos *Budō* para o professor é ímpar, agregando, inclusive, uma importância que a própria cultura oriental e japonesa carrega intrinsecamente. Da mesma forma ocorre com a figura do aluno, indispensável para que os saberes passem adiante e evoluam. No que diz respeito ao *Karate-Dō*, a relação entre *sensei* (professor) e *deshi* (aluno) é algo de valor sagrado, muitas vezes estendendo-se pela vida toda. É através do exemplo e dos ensinamentos do professor que o aluno consegue progredir em seu autodesenvolvimento de forma mais direta, não partindo do zero, pois se utiliza da experiência de seu orientador. Da mesma forma, o professor cresce a cada momento de aula, pois cada aluno é um indivíduo único e repleto de valores próprios, não uma *tabula rasa*. É necessário a esse mestre se (re)inventar a cada momento, aprendendo tanto ou mais que o estudante no dia a dia.

As entrevistas ressaltaram que, de fato, ocorre o ensino de Valores dentro dos *Dōjō* de *Karate-Dō* na cidade de Porto Alegre. É um trabalho que surge de inúmeras formas: via transmissão oral, escrita e prática e, até, mesmo, através do exemplo. Aliás, o exemplo é o que mais se destaca quando falamos sobre Valores. Apenas aquele que consegue levar uma vida em Valores é um exemplo vivo de sua doutrina, o que permite um maior apropriação dos estudantes em cada setor do conhecimento.

Mesmo em locais ou situações em que o *sensei* não trabalha os Valores do *Karate-Dō* de forma direta, enaltecendo seus ditados e axiomas, é nítida uma Educação em Valores. Muitos *karateka*, mesmo sem saber, mencionaram diversos valores presentes nos *Dōjōkun*, *Nijūkun* e demais conjuntos de normas. Isso, talvez, indique uma aproximação do valor do esforço e da dedicação (necessários no treinamento) com a teoria filosófica proposta pelos antigos mestres. É possível que, para se chegar aos valores e ideais propostos, esses

professores tenham primeiro observado o que decorria da prática, partindo daí para a formação de sua filosofia, de acordo com a demanda que o mundo no qual se inseriam apresentava.

O presente estudo se propôs a beber diretamente de fontes orientais para seu referencial teórico, ou seja, dos pensamentos de professores e mestres antigos de *Karate-Dō*, em uma busca pela compreensão de como ocorre a transmissão/Educação de tais ensinamentos nas aulas dos *karateka* entrevistados, traçando um paralelo entre o ideal e a realidade. Ainda que tenham surgido algumas dificuldades para esta pesquisa, principalmente pela escassez de fontes traduzidas do japonês, a partir das entrevistas foi possível compreender que as aulas de *Karate-Dō* são permeadas por valores, os quais foram facilmente identificados nos discursos dos entrevistados.

Possivelmente, por uma questão cultural, o modelo educacional do ensino do *Karate-Dō* no ocidente não seja tão rígido quanto no Japão. Ainda assim, muitos dos valores importados do oriente com essa prática permanecem sendo trabalhados nas aulas, somando cada vez mais possibilidades às formas de pensar e agir na vida de seus praticantes. Esse é o objetivo não só do *Karate-Dō* ou dos *Budō* de forma geral, mas de toda a Educação; percorrer o Caminho não para se chegar a um objetivo específico, mas que o objetivo seja percorrer o Caminho. Um Caminho de busca e compreensão, de dedicação e aprendizado, de humildade e harmonia; Um Caminho rumo a uma sociedade mais inteira, pautada nos mais altos ideais e moldada por muitas mãos, de Seres mais inteiros; Um Caminho que é perfeito por se permitir ser imperfeito. O Caminho das Mãos para o Vazio.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. **Karatê Shito-ryu: os grandes mestres, os katas, entrevistas**. São Paulo: Geográfica Editora, 2008.
- ANDRETTA, D. A. C. **Manabu no Karate-Dō**. 2009. Disponível em: <www.manabunokaratedo.esporteblog.com.br>. Acesso em 08 jul. 2009.
- ANDRETTA, D. A. C. **Dojokun (As instruções do Dojo)**. 2011. Disponível em: <http://shitoryusaishinnews.blogspot.com/2011_11_01_archive.html>, acesso em: 27 nov. 2011.
- APOGK, Associação Portuguesa de Okinawa Goju-ryu Karate-Do. 2009. Disponível em: <<http://www.apogk.pt/>>, acesso em 10 dez. 2010.
- BABBIE, E. **Survey research methods**. New York: International Thomson Publishing Inc., 1997.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BENEDICT, R. **O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa**. Coleção Debates – Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BLÓISE, P. V. **O Tao e a Psicologia**. São Paulo: Angra, 2000.
- BÜLL, W. J. **Aikido: o Caminho da Sabedoria – A Técnica**. São Paulo: Pensamento, 1988.
- BÜLL, W. **Mokuso (meditação)**. 2007. Disponível em: <http://www.aikikai.org.br/ent_mok.html>, acesso em: 6 dez. 2011.
- BUYO, M. **Karatê-Dô vol. 1: Fundamentos**. São Paulo: Park Color Artes Gráficas e Editora Ltda., s/d.
- BWRKC, Bournemouth Wado Ryu Karate Club. **Dojo Kun**. 2010. Disponível em: <<http://www.bournemouthwadoryu.co.uk/dojo-kun/>>, acesso em 3 dez. 2011.
- CAMPS, H.; CEREZO, S. **Estudio técnico comparado de los Katas de Karate**. Barcelona: Editorial Alas, 2005.
- CHAMBERS, J.; DUFF, B. **Human Weapon: Karate**. History Channel. AETN, 2008.1 DVD-Rom.
- CHIA, M; LI, J. **A Estrutura Interior do Tai Chi**. São Paulo: Pensamento, 2005. 3. Ed.
- CLAYTON, B. D. **Shotokan's Secrets: The Hidden Truth Behind Karate's Fighting Origins**. Burbank: Ohara Publications, 2004.

DRAEGER, D. F. **Classical Bujutsu**: Martial Arts and Ways of Japan. Nova Iorque: Weatherhill, 2007a. Vol. 1.

DRAEGER, D. F. **Classical Budo**: Martial Arts and Ways of Japan. Nova Iorque: Weatherhill, 2007b. Vol. 2.

DRAEGER, D. F. **Modern Bujutsu & Budo**: Martial Arts and Ways of Japan. Nova Iorque: Weatherhill, 1996. Vol. 3.

FAGUNDES, M. **Aprendendo Valores Éticos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

FIGUEIREDO, A. A. A. **A Institucionalização do Karaté: Os modelos Organizacionais do Karaté de Portugal**. 2006. 642 p. Tese (Doutorado em Motricidade Humana) Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.

FOLSCHIED, D; WUNENBURGER, J. J. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 3.ed.

FONTANA, A.; FREY, J. **The Interview**: From Structured questions to negotiated text. *In* DENZIN, N; LINCOLN, Y. (Eds.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p.645-672.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

FROSI, T. O. **Uma História do Karate-Do no Rio Grande do Sul**: de Arte Marcial à Prática Esportiva. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FROSI, T. O. **O Arquétipo do Guerreiro e as conexões transculturais com o taoísmo chinês no Shotokan**. 2010. Disponível em: <<http://karatescience.esporteblog.com.br/35844/O-Arquetipo-do-Guerreiro-e-as-conexoes-transculturais-com-o-taoismo-chines-no-Shotokan/>>, acesso em: 3 dez. 2011.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a História do Karate Contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: USP, 2011. v.25, n.2.

FROSI, T. O.; OLIVEIRA, G. B.; TODT, N. S. **Budô e Olimpismo**: a confluência de símbolos do oriente e do ocidente na busca de valores para a sociedade moderna. *Revista Corpo em Movimento*. Canoas: Ed. ULBRA, 2008. v.6, n.1.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dō**: Meu Modo de Vida. São Paulo: Cultrix, 2000.

FUNAKOSHI, G. **Karate-Dō Kyōhan**: The master text. Tóquio: Kodansha International, 1973.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Do Nyūmon**: Texto Introdutório do Mestre. São Paulo: Cultrix, 1999.

FUNAKOSHI, G.; NAKASONE, G. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê: O legado espiritual do mestre.** São Paulo: Cultrix, 2005.

GARCIA, R. **Passos para a validação de um guião de entrevista semi-estruturada.** Documento de circulação interna. Porto: FADE-UP, 2006.

GARCIA, R. P. **Desporto e Valores.** In: Congresso Nacional – O Desporto em Ano de Mudança: Desafios da Educação e da Cidadania. Câmara Municipal de Gaia – 1 de Abril de 2004.

GOULART, J. **Portal Judô Fórum.** Disponível em: <www.judoforum.com/blog/joseverson/>. Acesso em 15 jul 2009.

GOULART, J. **Descomplicando o simples!** 2011a. Disponível em: <<http://jojimonogatari.blogspot.com/2011/11/descomplicando-o-simples-parte-1.html>>, acesso em 29 nov. 2011a.

GOULART, J. **Dōjōkun.** 2011b. Disponível em: <<http://jojimonogatari.blogspot.com/2011/11/dojokun.html>>, acesso em 28 nov. 2011b.

GROENEWOLD, M. A. **Karate: The japanese way.** Bloomington: Trafford Publishing, 2002

GUTIÉRREZ, M. S. El valor del deporte en la educación integral del ser humano. **Revista de educación.** Madri, n. 335, p. 105-126, 2004.

HARO, G. K. **Futebol e valores religiosos: uma revisão da literatura.** 2009.

HIGAONNA, M. **Traditional Karatedo Okinawa Gōjū-ryū: Performances of the Kata.** Tóquio: Minamato Researchs/Japan Publications, 1986. V.2.

IBBA, Portal International Black Belt Academy - Iaido Club. 2004. Disponível em: <http://www.ibbakarate.com/programs/IAI-do-club.asp>, acesso em 10 dez. 2011.

IFWKO, International Federation of Wado-ryu Karate-Do Organizations. **About Wado-Ryu.** 2011. Disponível em: <<http://www.wado-ryu.jp/english.html>>, acesso em: 3 dez. 2011.

INFANTE, V. S.; SOUZA, R. L. **Sobre os Valores Humanos: Uma Hierarquização Empírica.** In: Revista Espaço Acadêmico - Ano II – nº 21 – Fevereiro/2003.

ILOGKF, International Okinawan Goju-ryu Karate-Do Federation. Disponível em: <<http://www.iogkf.com/>>, acesso em: 10 dez. 2011.

JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2003.

JASPERS, K. (1965). **Introdução ao Pensamento Filosófico.** São Paulo: Editora Cultrix.

KANŌ, J. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do Jūdō. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

KIT, W. K. **O Livro Completo do Tai Chi Chuan**. São Paulo: Pensamento, 2010. 5. Ed.

KUSHNER, K. **O Arqueiro Zen e a Arte de Viver**. São Paulo: Editora Pensamento, 1988.

MAIA, J. (1990). Ética e Artes Marciais. In Bento, J. e Marques, A. **Desporto, Ética e Sociedade – Actas**. Porto: FCDEF-UP; pp. 206-210.

MARTINELLI, M. Ser é ensinar. 1998. In DISKIN, L., MARTINELLI, M., MIGLIORI, R., SANTO, R. **Ética, Valores Humanos e Transformação**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda, 2008. v. 1, pp.81-110.

MAZO, J. **Os valores no esporte juvenil: Um estudo com jovens participantes em projetos pró-sociais no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul**. 2011. 96f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) – Escola de Educação Física. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MCCARTHY, P.; MCCARTHY, Y. **Ancient Okinawan Martial Arts**. Rutland: Tuttle Publishing, 1999. v.2.

MICHAELIS. **Dicionário Prático de Japonês-Português**. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

MICHAELIS. **Dicionário Prático de Português- Japonês**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

MINICK, M. **O Pensamento Kung-Fu**. São Paulo: Artenova, 1974.

MONTEIRO, A. O. **Desporto, da excelência à virtude**: um caminho de vida para crianças, jovens e adultos. Minho: 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: UNESCO, 2000.

MUSASHI, M. **Gorin No Sho**: O Livro de Cinco Anéis. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1996.

NAKAGAWA, H. **Introdução à Cultura Japonesa**: Ensaio de antropologia recíproca. São Paulo: Martins, 2008.

NAKAYAMA, M. **Karatê Dinâmico**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

_____. **O Melhor do Karatê**: Visão Abrangente - Práticas. São Paulo: Cultrix, 2000a. v.1.

_____. **O Melhor do Karatê**: Fundamentos. São Paulo: Cultrix, 2000b. v.2.

NAKAZATO, J.; OSHIRO, N.; MIYAGI, T.; TUHA, K.; KOHAGURA, Y.; HIGAONNA, M.; TAIRA, S.; SAKUMOTO, T. **Okinawa Karate and Martial Arts with Weaponry**. Disponível em: www.wonder-okinawa.jp/023/eng, acesso em: 20 jun. 2005.

NEGRINE, A. Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva (org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010. 3.ed.

OBUKAN, Portal da Escola OBUKAN de Kendo. **Dojokun**. Disponível em: <<http://www.obukan.com/beginners.php#kun>>, acesso em: 10 dez. 2011.

OGKK, Okinawa Goju-ryu Karatedo Kyokai. **OGKK Dojo-Kun**. 2011. Disponível em: <<http://ogkk.jp/e/dojokun.html>>, acesso em: 4 dez. 2011.

OGKKUK, Okinawa Goju-ryu Karatedo Kyokai United Kngdom. **Dojo Kun**. 2010. Disponível em: <<http://www.jundokan.org.uk/dojokun.htm>>, acesso em: 4 dez. 2011.

OKINAWA, A Prefeitura. **Wonder Okinawa**. Disponível em: <www.wonder-okinawa.jp/>. Acesso em: 06 abr. 2009.

OTSUKA I, H. **Jiu Jitsu e Karatê na Wado-Ryu (Por Hironori Otsuka I)**. S/d. Disponível em: <<http://www.wadoryukaratedo.com.br/br/historia.php>>, acesso em: 27 nov. 2011.

OWKRB, Organização Wado-Ryu Karate-Do Renmei do Brasil. **Títulos e Condecorações de Hironori Otsuka I**. 2005. Disponível em: <<http://www.wadoryukaratedo.com.br/br/historia.php>>, acesso em: 27 nov. 2011.

PATRÍCIO, M. **Perenidade da Aretê Como Horizonte Apelativo da Paideia**. Sobre a Excelência na Educação. Texto da conferência de abertura do I Congresso Internacional da Casa da Educação Física. Belo Horizonte – Brasil, 2005.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

RAMOS, A. J. C. **Efeito do Treino de Karate-Do Okinawa Goju-ryu nos Conteúdos da Consciência**. 2001. 214 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Exercício e Saúde, Departamento de Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2001.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. **Segredos dos Samurais: As Artes Marciais do Japão Feudal**. São Paulo: Madras, 2006.

REID, H.; CROUCHER, M. **O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ROSS, G. **Japanese-English Dictionary On-line**. Disponível em: <http://nihongo.j-talk.com/parser/search/index.php>, acesso em: 1 abr. 2009.

SANCHÍS, J. R. Los Valores del Deporte en el Año Europeo de la Educación a Través del Deporte. **Wanceulen : Educación Física Digital**. Huelva: Universidad de Huelva, v.2, 2009.

SANTO, R. **O Autoconhecimento em Sala de Aula**; In DISKIN, L., MARTINELLI, M., MIGLIORI, R., SANTO, R. **Ética, Valores Humanos e Transformação**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda, 1998. p.37-61.

SCHUMACHER, M. **Japanese Buddhist Statuary: Gods, Goddesses, Shinto Kami, Creatures and Demons**. 1995. Disponível em: <<http://www.onmarkproductions.com/html/ssu-ling.shtml>>, acesso em: 29 mar. 2010.

SEIDENKAI, Portal da Seidenkai Brasil. Disponível em <<http://seidenkaibrasil.wordpress.com/shito-ryu/>>, acesso em 11 dez. 2011.

SHERIDAN, H.; HOWE, L.; THOMPSON, K. **Sporting Refections**: Some philosophical perspectives. Aachen: Meyer & Meyer, 2007.

SHINJYO, K.; SENAHA, S.; ONAGA, Y. **Three Major Schools of Okinawa Karate**. Lake Forest, CA: YOE Incorporated, 2004. 2 DVD.

SHINZATO, Y.; BUENO, F. A. **Kobu-Do**: as armas antigas de Okinawa. São Paulo: Editora On-line, 2007.

STEVENS, J (Org.). **Segredos do Budô**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

STEVENS, J. **Três Mestres do Budô**: Kano, Funakoshi, Ueshiba. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

SUZUKI, S. **Mente Zen, Mente de Principiante**. São Paulo: Palas Athena, 2010. 2. Ed.

TAKETORA, O.; TESHIN, H. **A filosofia da Dai Nippon Butoku-kai**. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/andretta-no-kenkyushitsu/>>. Acesso em: 9 de Abril de 2009.

TAN, K. S. Y. Constructing a Martial Tradition: Rethinking a Popular History of Karate-Dou. **Journal of Sport and Social Issues**. Sage Publications, maio 2004. v.28, n.169, p. 169-192. DOI: 10.1177/0193723504264772.

TOGUCHI, S. **Okinawan Goju-ryu**: Fundamentals of Shorei-kan Karate. Burbank: Ohara Publications, 1976.

TORREGROSA, M; LEE, M. El estudio de los valores en psicología del deporte. **Revista de Psicología del Deporte**, Barcelona, v. 9, n. 1-2 , p. 71-83, 2000.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

URBAN, P. **The Karate Dojo: Traditions and Tales of a Martial Art.** Rutland: Tuttle Publishing, 1991.

VALA, J. A Análise de Conteúdo. *In*, Silva, A. e Pinto, J. (orgs.). **Metodologia das Ciências Sociais.** Porto: Edições Afrontamento, 2003, pp. 101-128.

VAZ, H. **Antropologia Filosófica.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

VIRGÍLLIO, S. **A Arte do Jūdō.** 3ª Ed. Porto Alegre : Ed. Rígel, 1994.

WESTBROOK, A.; RATTI, O. **Aikido e a Esfera Dinâmica.** São Paulo: Madras, 2006.

WSKF, World Shito-ryu Karate-Do Federation. **Kaiso Kenwa Mabuni.** 2009. Disponível em <<http://worldshitoryu.com/kenwamabuni.htm>>, acesso em 11 dez. 2011.

WKF, World Karate Federation. **Portal da World Karate Federation.** Disponível em: <<http://www.karateworld.org/>>. Acesso em 26 nov. 2008.

WKF, World Karate Federation. **Portal K is on The Way.** Disponível em <<http://www.thekisontheway.com/>>. Acesso em 20 de nov. 2012.

YAMAMOTO, Y. **Kendo, o Caminho da Espada:** história, filosofia e técnicas. Coleção Artes Marciais. São Paulo: On-line Editora, 2009. 98p.

YAMASHIRO, J. **Okinawa:** uma ponte para o mundo. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1993.

ZWICK, E.; CRUISE, T. **The Last Samurai.** Warner Bros, 2003. 2 DVD-Roms.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por se enquadrar no perfil necessário para que a mesma se realize. O objetivo deste estudo é identificar como e se ocorre o ensino de valores em aulas de Karate na cidade de Porto Alegre. Como outras metas, procuraremos: identificar os valores passados pelos professores; identificar os valores percebidos pelos alunos.

Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia esse processo, seja como professor ou como aluno.

Cabe ressaltar que não existirão riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido neste estudo tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo, se assim for seu desejo. Assim, seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não será liberado sem permissão por escrito, exceto se exigido por lei. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, a não ser se o entrevistado assim o desejar.

Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo autor através do telefone: (51) 9701.7301 ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3316.3629 ou fax (51) 3316.4085.

Anexo 2 - Declaração do Entrevistado

Eu, _____,
portador do RG número _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. Os pesquisadores certificaram-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que caso existirem danos a minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito a indenização conforme estabelece a lei. Concordo que as gravações dos depoimentos sejam encaminhadas para o acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF UFRGS.

Também sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso tiver novas perguntas sobre este, Brandel José Pacheco Lopes Filho, um dos pesquisadores deste estudo, estará à disposição no telefone (51) 9701-7301 para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante desse estudo, ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3316.3629 ou fax (51) 3316.4085.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

.....

Assinatura do Entrevistado e data/local

.....

Assinatura do Pesquisador

Anexo 3 - Roteiro de Entrevistas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Escola de Educação Física

Roteiro de Entrevistas (Professor)

Cadastro:

Nome Completo:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Estilo:

Início da prática:

Graduação atual:

- 1) Por que você começou a treinar *Karate-Dō*? Onde foi?
- 2) O que significa o termo *Karate-Dō*, para você? Como esse significado é aplicado na prática da arte marcial?
- 3) Para você, o que é ser um *karateka*? Como isso se reflete e/ou refletiu na sua vida?
- 4) Quando você começou a dar aulas, quais eram os seus planos na área e para com os seus alunos?
- 5) Para você “Qual o papel do professor de artes marciais” na sociedade? De que modo ele cumpre esse papel? Você acha que está cumprindo com esse papel?
- 6) Você teve acesso à literatura sobre os princípios e valores do *Karate-Dō*? Qual? Quem indicou e por quê?
- 7) Dos ensinamentos e valores deixados pelos mestres de *Karate-Dō*, quais são os que você considera como mais relevantes? Por quê? Você costuma trabalhar eles nas suas aulas?
- 8) Nas suas aulas, você considera importante a prática de *kihon* e *kata*? Por quê?
- 9) Qual a importância da etiqueta e das práticas de meditação nas suas aulas? Por quê? Quais práticas você costuma trabalhar com os alunos?
- 10) No seu ponto de vista, a competição trabalha o ensino de valores do *Karate-Dō*? Como? Por quê?

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

Roteiro de Entrevistas (Aluno)

Cadastro:

Nome Completo:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Estilo:

Professor (em caso de mais de um, liste todos por ordem de aparição):

Início da prática:

Graduação atual:

- 1) Por que você começou a treinar *Karate-Dō*? Onde foi? Quantos professores você já teve? Quais?
- 2) Explicaram-lhe o significado do termo *Karate-Dō*? Como esse significado é aplicado na prática da arte marcial?
- 3) Para você, o que é ser um *karateka*? Como isso se reflete e/ou refletiu na sua vida?
- 4) Quando você começou a ter aulas, quais eram as suas expectativas? Elas foram alcançadas?
- 5) Você teve acesso à literatura sobre os princípios e valores do *Karate-Dō*? Qual? Quem indicou e por quê?
- 6) Você teve acesso aos ensinamentos e valores do *Karate-Dō* por instrução oral? De quem?
- 7) Dos ensinamentos e valores relativos ao *Karate-Dō*, quais são os que você considera como mais relevantes? Por quê? Você os pratica ou já os incorporou?
- 8) Para você, qual a importância de praticar *kihon* e *kata* em aula? Por quê?
- 9) Para você, qual a importância da etiqueta e das práticas de meditação nas aulas? Quais práticas você já vivenciou? Quem ensinou?
- 10) No treinamento e na competição, ao longo dos tempos, quais foram os ensinamentos que você considera como os mais relevantes?